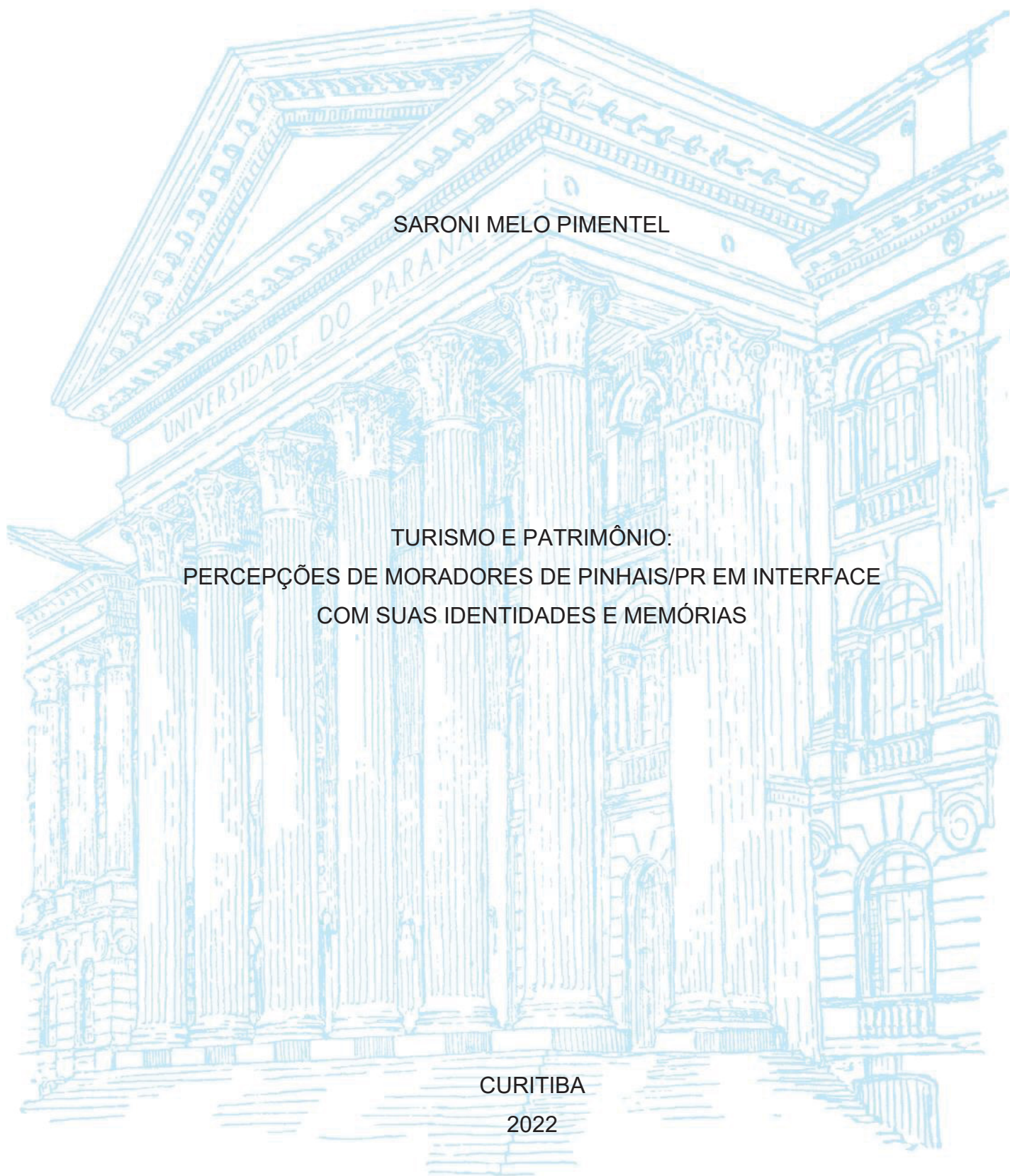


UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

SARONI MELO PIMENTEL

TURISMO E PATRIMÔNIO:
PERCEPÇÕES DE MORADORES DE PINHAIS/PR EM INTERFACE
COM SUAS IDENTIDADES E MEMÓRIAS

CURITIBA
2022



SARONI MELO PIMENTEL

TURISMO E PATRIMÔNIO:
PERCEPÇÕES DE MORADORES DE PINHAIS/PR EM INTERFACE
COM SUAS IDENTIDADES E MEMÓRIAS

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Turismo do Setor de Ciências Humanas da Universidade Federal do Paraná, como requisito à obtenção do título de Mestra em Turismo.

Linha de Pesquisa: Turismo, Sociedade e Meio Ambiente.

Orientador: Prof. Dr. Sandro Carnicelli
Co-orientadora: Profa. Dra. Marinês Walkowski

CURITIBA

2022

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SISTEMA DE BIBLIOTECAS – BIBLIOTECA DO CAMPUS REBOUÇAS

Pimentel, Saroni Melo.

Turismo e patrimônio : percepções de moradores de Pinhais/PR em interface com suas identidades e memórias / Saroni Melo Pimentel – Curitiba, 2022.

1 recurso on-line : PDF.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Paraná, Setor de Ciência Humanas. Programa de Pós-Graduação em Turismo.

Orientador: Prof. Dr. Sandro Carnicelli

Co-orientadora: Prof^a Dr.^a Marinês Walkoski

1. Turismo – Estudo e ensino. 2. Cidades e vilas - Turismo. 3. Pinhais (PR) – Turismo. 4. Patrimônio. I. Carnicelli, Sandro. II. Walkoski, Marinês. III. Universidade Federal do Paraná. Programa de Pós-Graduação em Turismo. IV. Título.

Bibliotecária: Maria Teresa Alves Gonzati CRB-9/1584



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SETOR DE CIÊNCIAS HUMANAS
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO TURISMO -
40001016079P9

TERMO DE APROVAÇÃO

Os membros da Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação TURISMO da Universidade Federal do Paraná foram convocados para realizar a arguição da dissertação de Mestrado de **SARONI MELO PIMENTEL** intitulada: **TURISMO E PATRIMÔNIO: PERCEPÇÕES DE MORADORES DE PINHAIS/PR EM INTERFACE COM SUAS IDENTIDADES E MEMÓRIAS**, sob orientação do Prof. Dr. SANDRO CARNICELLI, que após terem inquirido a aluna e realizada a avaliação do trabalho, são de parecer pela sua APROVAÇÃO no rito de defesa.

A outorga do título de mestra está sujeita à homologação pelo colegiado, ao atendimento de todas as indicações e correções solicitadas pela banca e ao pleno atendimento das demandas regimentais do Programa de Pós-Graduação.

Curitiba, 01 de Novembro de 2022.

Assinatura Eletrônica

02/11/2022 06:29:18.0

SANDRO CARNICELLI

Presidente da Banca Examinadora

Assinatura Eletrônica

01/11/2022 14:10:30.0

LEANDRO BENEDINI BRUSADIN

Avaliador Externo (UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO)

Assinatura Eletrônica

02/11/2022 12:10:35.0

SARAH MARRONI MINASI

Avaliador Interno (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ)

À pequena semente, que cresce em meu ventre, dedico essa obra, na certeza de que um dia ela há de brotar e desvendar, através dessas linhas, as memórias do lugar em que se concebeu e nasceu.

AGRADECIMENTOS

Há um dito popular que nos lembra que ninguém consegue fazer absolutamente nada sozinho. Parece clichê, mas é a mais pura verdade. Foram anos sombrios esses últimos em que se cursei o mestrado. Dias e mais dias assolados por flagelos avassaladores que causaram muita dor, pranto, incerteza, medo, angústia... ninguém saiu ileso.

Em meio a esse turbilhão de sentimentos nefastos era preciso seguir. Mas como? como não se abalar com o que estava acontecendo ao nosso redor e continuar? Como manter a fé e o foco ante o infortúnio que insistia em nos assombrar? Como viver quando pessoas ao meu redor insistiam em não mais ser? Não consegui resposta para essas perguntas, mas pude sentir conforto ao lado de amigos e amigas que lutando as mesmas lutas, não me deixaram sucumbir.

Pessoas como Anna e Cristiano; colegas que o mestrado me deu e que se tornaram amigos para toda a vida. Anna e Cris, vocês foram os melhores parceiros que eu poderia ter. Obrigada por não me deixarem desistir!

Pessoas como meus orientadores Sandro Carnicelli e Marinês Walkowski que acreditaram tanto no projeto a ponto de topar a loucura de me orientar com poucos meses para a defesa. Professor Sandro e professora Marinês, sem vocês essa pesquisa não existiria. Vocês me deram a liberdade e a possibilidade de ser a pesquisadora que eu precisava ser. Obrigada por acreditarem em mim – mais do que eu mesma – e pelo incentivo que foi fundamental para o meu processo criativo.

E o que dizer dos meus conterrâneos e maiores amigos que correram atrás de toda a documentação em Salvador para que eu pudesse submeter meu projeto de pesquisa de mestrado? Daisy e Diego, Dudu e Ana eu simplesmente amo vocês!

E você amor meu? O que dizer desse que foi o maior responsável pra que tudo isso acontecesse? Aquele que testemunhou de perto cada passo, cada sorriso, cada lágrima... que sorriu quando eu pirei, me segurou quando eu surtei, me abraçou quando eu chorei, que me amou quando eu mais precisei... Ah, Pablo Pimentel, você é a maior representação do amor e cuidado que Deus tem por mim. Amo-te!

Toda minha gratidão a cada participante que cedeu, solicitamente, suas lembranças à essa pesquisa. Obrigada por me permitirem eternizar suas memórias.

Obrigada, também, a todos da Biblioteca Municipal de Pinhais pelos livros concedidos; aos professores Leandro Brusadin e Sarah Misasi que, gentilmente, aceitaram compor a banca; muitíssimo obrigada pela minuciosa leitura e colaboração.

E ao Divino, por tudo, por sempre, por tanto... a Ti minha eterna gratidão!

O mar vagueia sob os meus pensamentos.
A memória bravia lança o leme:
“Recordar é preciso”.
O movimento de vaivém nas águas-lembranças
dos meus marejados olhos transborda-me a vida,
salgando-me o rosto e o gosto.
Sou eternamente náufraga.
Mas os fundos oceanos não me amedrontam
e nem me imobilizam.
Uma paixão profunda é a boia que me emerge.
Sei que o mistério subsiste além das águas.

Conceição Evaristo.

RESUMO

Um embarque nas águas da memória. É o que propõe esse estudo de abordagem qualitativa e natureza exploratória que objetiva esquadrihar como as percepções históricas e patrimoniais dos moradores de Pinhais/PR, em interface com suas identidades e memórias, se relacionam com o turismo do município. Essa jornada é realizada, através de um apanhado teórico e filosófico que aponta para uma perspectiva crítica e decolonial do pensamento sobre o turismo e o patrimônio. O percurso metodológico deste estudo sugere a utilização de técnicas instrumentais qualitativas de pesquisa, tais como, coleta de dados documentais sobre o município, entrevistas com moradores, observações de campo e registros fotográficos, que nos concederam o passaporte para essa viagem na história e no tempo. Embarcaremos nas águas das memórias dos moradores de Pinhais, através das suas Narrativas Oraís de Histórias de Vida, seguido do método de Análise Crítica da Narrativa, em que a voz e as impressões da pesquisadora são, intencionalmente, inseridas. Esse trajeto nos conduz para uma narrativa literária que aporta no encontro de identidades entre pesquisadora e participantes, e onde o leitor pode ser contemplado através de suas próprias lentes.

Palavras-Chave: Turismo; Patrimônio; Memória; Identidade; Pinhais.

ABSTRACT

This qualitative and exploratory study explores how the historical and heritage perceptions of residents of Pinhais/PR relate to tourism in interface with their identities and memories. This journey is carried out through a theoretical and philosophical overview which indicates a critical and decolonial perspective of thinking about tourism and heritage. Methodologically this study uses documentary data about the municipality, interviews with residents, field observations and photographic records, which gave us the passport for this journey through the history and the time. We will navigate through the memories of the resident of Pinhais using Narratives of Life Stories, followed by the Critical Narrative Analysis method, in which the voice and impressions of the researcher are intentionally inserted. This path led us to a literary narrative contributing to the meeting of identities between researcher and participants, and where the reader can be contemplated through his own lenses.

Key Words: Tourism; Heritage; Memory; Identity; Pinhais.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1: Índices da Economia do Turismo Global (2019-2020).....	35
FIGURA 2: Distribuição dos Patrimônios Mundiais - UNESCO.....	43
FIGURA 3: Desenho Metodológico.....	63
FIGURA 4: Mapa Geomorfológico do Paraná.....	84
FIGURA 5: Localização de Pinhais no Paraná	89
FIGURA 6: Bairros do Município de Pinhais	89
FIGURA 7: Roteiro Linha Pinhais Turismo.....	105
FIGURA 8: Rota da Cerveja Artesanal.....	107
FIGURA 9: Rotas do Pinhão	112
FIGURA 10: Selo da Rota Gastronômica	113

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1: Lista do Patrimônio Mundial no Brasil	44
QUADRO 2: Dados dos Entrevistados	68
QUADRO 3: Analisando Dados Qualitativos em 3 Fases	74
QUADRO 4: Ações Legislativas Municipais – Turismo e Patrimônio de Pinhais.....	92
QUADRO 5: Atrativos do Roteiro Turístico Estrada Ecológica de Pinhais	104

LISTA DE FOTOGRAFIAS

FOTOGRAFIA 1: Monumento às Bandeiras	49
FOTOGRAFIA 2: Estação Ferroviária de Pinhais	87
FOTOGRAFIA 3: Igreja Nossa Senhora da Boa Esperança	94
FOTOGRAFIA 4: Pinheiro Araucária	95
FOTOGRAFIA 5: Autódromo de Curitiba em 1967	96
FOTOGRAFIA 6: Autódromo Internacional de Curitiba em 2020	97
FOTOGRAFIA 7: Estrada Ecológica de Pinhais	103
FOTOGRAFIA 8: Parque das Águas	110
FOTOGRAFIA 9: Cooperativa de Criações Artesanais de Pinhais – CRIARTE.....	130
FOTOGRAFIA 10: Casa ao lado da Estação Ferroviária	134
FOTOGRAFIA 11: Espaço Cultural Capoeira Nota 10	143
FOTOGRAFIA 12: Kretã Kaingang.....	147

LISTA DE SIGLAS ou ABREVIATURAS

ACIPI – Associação Comercial, Industrial e Empresarial de Pinhais
ACN – Análise Crítica da Narrativa
ADETUR – Agência de Desenvolvimento Turístico Rotas do Pinhão
AIC – Autódromo Internacional de Curitiba
ANPTUR – Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo
APA – Área de Proteção Ambiental
APIB – Articulação dos Povos Indígenas do Brasil
CAFe – Comunidade Acadêmica Federada
CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
COMEC – Coordenação da Região Metropolitana de Curitiba
COMTUR - Conselho Municipal de Turismo
CRAS – Centro de Referência Assistência Social
CRIARTE – Cooperativa de Criações Artesanais de Pinhais
IFPR – Instituto Federal do Paraná
IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
ISS – Imposto Sobre Serviços
OMT – Órgão Mundial de Turismo
OUC – Operação Urbana Consorciada
PIB – Produto Interno Bruto
PMP – Prefeitura Municipal de Pinhais
PRODETUR – Programa de Desenvolvimento do Turismo
RMC – Região Metropolitana de Curitiba
SEMEL – Secretaria Municipal de Cultura, Esporte e Lazer
SEMMA – Secretaria Municipal de Meio Ambiente
SEMDE - Secretaria Municipal de Desenvolvimento Econômico
UNEB – Universidade do Estado da Bahia
UFPR – Universidade Federal do Paraná
UNESCO – Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura
WoS – *Web of Science*

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	10
2	ANTES DO EMBARQUE.....	16
2.1	Descolonizando o Pensamento	16
2.1.1	“Privilégio Epistêmico”	19
2.2	Uma Estudante Inquieta e Um Pensador Controverso	23
2.2.1	Construindo uma perspectiva crítica do turismo <i>Contra o Método</i>	28
2.3	Turismo em Pauta	33
2.4	O Patrimônio	37
2.4.1	Patrimônio material, imaterial e políticas de preservação	39
2.4.2	Patrimônio de quem e para quem?	46
2.5	Memória e Identidade.....	50
2.5.1	“Muda o rio e mudamos nós” – Memória e Percepção	52
3	O PERCURSO	56
3.1	Caracterização da Pesquisa	57
3.1.1	O Caráter Qualitativo da Pesquisa	58
3.1.2	O Caráter Exploratório da Pesquisa	62
3.2	Desenho Metodológico.....	63
3.3	No Campo e Na Memória.....	64
3.4	Métodos para Coleta de Dados	67
3.4.1	Narrativas Orais de História de Vida	69
3.5	Método de Análise e Interpretação	73
3.5.1	Análise Crítica da Narrativa	75
4	O EMBARQUE.....	82
4.1	Pinhais, O Município	83
4.1.1	Turismo e Patrimônio Oficial	90
4.1.2	Roteiros e Rotas Turísticas.....	101
4.1.3	Embarcando nas Águas da Memória	116
5	APORTANDO ALÉM DAS ÁGUAS.....	153
	REFERÊNCIAS.....	156
	APÊNDICES.....	170
	ANEXOS.....	175

1 INTRODUÇÃO

Ao encontrar alguém que não conhecemos, instintivamente, temos iniciativas naturais de aproximação que nos levam a desejar saber o nome e o local de origem desse novo alguém. Isso se dá, pois, esses elementos nos permitem estabelecer um diálogo subsequente que revelam similaridades, afinidades ou contrastes com esse interlocutor. A mesma ação pode ocorrer ao explorarmos algum lugar que ainda nos é desconhecido. Quando, por exemplo, partimos da nossa terra natal para viver em uma região cujo contexto cultural é um tanto distinto da nossa terra de origem, é despertado naturalmente o desejo de conhecer a cultura desse local onde se está então inserido, a fim de melhor compreender essa nova dimensão; e é nesse contexto que nasce essa pesquisa.

Ao deparar com a realidade de que eu viveria na região sul do Brasil a partir de julho de 2012, foi despertado em mim – ainda em Salvador, minha terra natal – o anseio em saber o contexto sociocultural que me aguardava. De forma espontânea, porém determinada, passei a pesquisar sobre o Estado do Paraná, em especial, a sua conhecida capital, Curitiba. Enquanto turismóloga e entusiasta da área de história, mapeei diversos sítios da cidade, no intuito de compreender melhor a concepção histórica e turística local. Julho de 2012 chegara quando, simultaneamente, eu me estanciava no Paraná – mais especificamente em um gracioso e discreto município chamado Pinhais – e, logo, vieram as primeiras impressões e experiências dessa nova realidade.

A princípio, as despreziosas leituras que outrora eu realizava a respeito do município de Pinhais, tinham motivação estritamente pessoal e se caracterizavam pelo natural desejo em conhecer a fundo a história do lugar que ora então eu residia. Anos mais tarde, diante dos poucos registros acadêmicos e literários sobre o município, percebi que seria importante documentar as descobertas que essas leituras estavam me proporcionando, para que de alguma forma outras pessoas – em especial, os moradores de Pinhais – também tivessem acesso, já que pouquíssimos são os registros por se tratar de um jovem município, a contar da sua data de emancipação.

Pinhais é um município do Estado do Paraná, localizado na região metropolitana de Curitiba que se emancipou politicamente do município de Piraquara em 1992 (XAVIER, 2000). Mesmo sendo o menor município em extensão territorial do

Estado do Paraná, Pinhais é um dos mais populosos, como mostra o *ranking*¹ populacional do Estado. Contudo, ainda que seja um município expressivamente populoso e de características singulares, nota-se que existe um certo desconhecimento histórico e regional sobre o município de Pinhais não somente por parte dos seus visitantes, como também por parte da própria população paranaense, e até mesmo, de alguns residentes do município.

Um dos primeiros autores a pesquisar Pinhais notou que por ter se emancipado recentemente, percebe-se no município a falta de uma identificação inerente, já que muitos paranaenses o caracterizam como mais um bairro de Curitiba ou o confundem com o município de São José dos Pinhais (SILVA, 2010 in MEI; PIARDI, 2010). Esse fato eu pude perceber recorrentemente entre os habitantes da Grande Curitiba², pela forma como esses costumam referir-se ao município vizinho. Esse lapso de identidade pode estar associado ao processo de formação social dentro do espaço que posteriormente tornou-se o território que hoje conhecemos como o município de Pinhais – aprofundaremos mais a respeito desse assunto na seção sobre a história de Pinhais.

Desse modo, entendi ser necessário estudar sobre o fator “identidade” que é parte fulcral na construção do indivíduo enquanto ser social, político e cultural. Embora o conceito de identidade seja um tanto complexo (LE GOFF, 1990) é válido explorar o que se entende por identidade para desenvolver uma pesquisa de cunho histórico, patrimonial e cultural de uma determinada realidade social; afinal, a identidade está diretamente ligada a esses elementos outrora citados sendo, portanto, uma expressão notável de representação do indivíduo para si e para o outro (HALL, 2006).

Não obstante, pensar em identidades remete a um elemento fundamental para a construção da mesma, a saber, a memória que, segundo Le Goff (1990) representa um elemento essencial do fator identidade – seja individual ou coletiva – e cuja busca é um movimento natural dos indivíduos e das sociedades. Ou seja, existe no ser humano o anseio natural pelo sentido de sua existência e de sua identidade dentro do contexto de sociedade, e a memória conduz o indivíduo nessa trajetória.

De acordo com Pollak (1992), a memória se torna elemento constituinte da identidade no momento em que se conjuga como o sentimento de continuidade e

¹ Disponível em: <https://infograficos.gazetadopovo.com.br/politica/parana/populacao-por-municipios/> publicado em 29 de agosto de 2019. Acesso em 28 de julho de 2020.

² Como também é conhecida Região Metropolitana de Curitiba (RMC) constituída, atualmente, por 29 municípios. Disponível em <http://www.comec.pr.gov.br/Pagina/Regiao-Metropolitana-de-Curitiba#>

consciência de um indivíduo ou de um grupo em seu reconhecimento de si. Logo, identidade e memória se conjugam e estão indissoluvelmente ligadas na construção da narrativa histórica do indivíduo e de uma sociedade; e é através dessa dualidade que o ser humano tem a real percepção de si e da sua história.

Quando se apropria dessa identidade, o indivíduo se reconhece enquanto ser social tornando-se capaz de viver e produzir seu espaço (SANTOS, 2006) para assim, então, estar apto a apresentar-se para o mundo. Sendo assim, é através da identidade e da memória que delinearemos o conceito de patrimônio ao longo dessa pesquisa.

Apesar de ser uma palavra que, *a priori*, remete a ideia de propriedade material, o patrimônio abrange em seu conceito uma discussão muito mais ampla. Mais do que um elemento a diferenciar grupos, nações e outras coletividades, o patrimônio, em suas variadas representações, aponta para diversas formas de autoconsciência cultural (GONÇALVES, 2002 *in* ABREU; CHAGAS, 2009) e que, por sua vez, se conecta com os conceitos de identidade e memória. Nesse sentido, se considera perscrutar as perspectivas dos moradores de Pinhais sobre a memória, a história e o patrimônio cultural existentes em seu município, com o intuito de compreender as percepções por parte desses atores, para, a partir desse parâmetro, verificar como se desenha o turismo da região. Ao longo dessa trajetória de pesquisa, me colocarei não apenas no papel de investigadora, mas estarei inteiramente inserida enquanto parte investigada nesse processo, uma vez que eu também sou moradora de Pinhais e parte interessada em seu pleno desenvolvimento cultural e turístico enquanto turismóloga e cidadã.

Ora, não é razoável pensar no desenvolvimento do turismo numa determinada localidade, sem antes analisar a relação que a população autóctone e residente tem com a sua história, sua identidade e seus patrimônios ambiental e cultural, afinal, a dignidade de um lugar deve ser ofertada, primordialmente, para quem o habita (YÁZIGI, 2003). Dentre todos os atores envolvidos no fenômeno do turismo, é a população residente a maior interessada e que, a princípio, deverá decidir se a atividade turística é realmente uma aptidão válida para o desenvolvimento social, cultural e econômico da região em questão.

Tão logo, o turismo será abordado, nesse estudo, em seu sentido mais humano e holista, considerando-o tal qual um fenômeno multifacetado, que abrange diversos aspectos, tais como, sociais, ambientais, culturais e econômicos; sem perder de vista que a coerente implementação dessa atividade, com efetiva participação da

população residente, pode se tornar uma ferramenta plenamente capaz de favorecer diversos setores de desenvolvimento da região, propiciando ações que valorizam e preservam os bens culturais locais (SOUZA, 2011).

A escolha em abordar o turismo holisticamente, se dá por entender ser esse um fenômeno de caráter essencialmente humano e diverso, embora seja continuamente abordado, enquanto um fenômeno fundamentalmente mercadológico (PANOSSO NETTO; NECHAR, 2016; SANTOS FILHO, 2005). Assim como o professor João dos Santos Filho (2005), há que reconhecer os esforços que tantos estudiosos e pesquisadores da área realizaram a todo o tempo para contribuição do entendimento do fenômeno do turismo, independentemente da linha filosófica em que os mesmos pautaram suas abordagens. Através desses estudos podemos, hoje, promover inúmeros debates e discussões relevantes a cerca do tema, com o intuito de bem contribuir para o desenvolvimento do campo.

Desse modo, acolhendo a incontestável importância de toda a produção literária construída através dos estudos acadêmicos anteriores, nessa pesquisa, apontaremos para uma perspectiva epistemológica crítica do turismo (PANOSSO NETTO; NECHAR, 2016; SANTOS FILHO, 2005) apoiada em contribuições filosóficas as quais refletem estruturalmente a visão que pessoalmente tenho construído do turismo, enquanto turismóloga, e ao longo do que tenho estudado sobre o tema.

Diante do apresentado até então, é válido explicitar os reais propósitos a que se destinam essa pesquisa científica. Um dos propósitos dessa dissertação é disponibilizá-la em locais de acesso público do município de Pinhais, como bibliotecas públicas, instituições de ensino, entre outros, para que seus munícipes possam ter livre acesso a esse documento. Outro propósito, será utilizar as descobertas que essa pesquisa nos permitirá revelar, para contribuir em projetos dos núcleos de estudos e pesquisas do Instituto Federal do Paraná (IFPR), campus Pinhais (dos quais eu faço parte como membro externo), além de incentivar o fomento de políticas públicas para o Setor de Turismo.

Por esse motivo, eu opto em resgatar, nesse estudo, alguns conceitos e ideias que podem parecer elementares para quem está inserido no campo acadêmico, mas que não os são para alguns que terão acesso a esse material. De mesmo modo, me permito utilizar, por vezes, de uma linguagem literária e relatos de experiência em primeira pessoa, atenuando o teor formal narrativo em alguns momentos sem, contudo, descuidar do rigor científico da pesquisa.

Além disso, através do olhar da turismóloga residente dessa região, pude perceber que o município de Pinhais conta com diversos atrativos³ naturais e culturais de considerável potencial turístico e que poderiam ser melhor aproveitados pelos residentes e munícipes. Por esse motivo, essa pesquisa tem como fundamento, também, o desejo de contribuir com a população paranaense, especialmente a pinhaiense, para a amplificação da literatura produzida do município, através do registro de sua história e memória, assim como, para o fomento do turismo de Pinhais, a qual pode bem colaborar para o desenvolvimento cultural e socioeconômico da região.

Segundo Dencker (2000), Panosso Netto (1999), Panosso Netto e Castillo Nechar (2014), o turismo constitui uma disciplina em desenvolvimento que utiliza métodos e conceitos de diversas outras ciências sociais já consolidadas. Algum tempo após esse entendimento é possível notar o quanto o estudo do turismo evoluiu paralelamente à dinâmica do fenômeno e com isso tornou-se necessário aprofundar não apenas o conhecimento sobre o turismo, como também seus impactos na sociedade e meio-ambiente.

O caráter multifacetado do turismo, assim como a sua interdisciplinaridade nos permite estabelecer uma relação orgânica com outros conhecimentos, enriquecendo ainda mais as pesquisas na área (DENCKER, 2000; TRIBE, 2004). Contudo, é diligente que estudantes e pesquisadores estabeleçam uma conexão mais profunda e madura com a disciplina, com intuito de propor estudos cada vez mais autônomos da área. Por isso, revela-se legítimo priorizar a pesquisa em turismo, uma vez que essa se mostra uma área promissora do campo do conhecimento, com potencial colaborativo para o campo científico. É nesse sentido, que esse estudo sobre turismo em Pinhais com foco no patrimônio, memória e identidade, visa colaborar com as produções acadêmicas nessa área, com intuito de contribuir de forma produtora, através do modesto legado literário e do ardente desejo em incentivar o fomento de políticas públicas direcionadas ao turismo dessa região.

Diante do que foi exposto até aqui, e considerando meus próprios anseios em promover um encontro de percepções entre a minha própria identidade e a do outro – ambos moradores de Pinhais – serei norteadada pela seguinte **pergunta de pesquisa**: Como as percepções históricas e patrimoniais dos moradores de Pinhais, em interface

³ Extraído em inventário da oferta turística de Pinhais 2019, disponibilizado pelo Departamento de apoio do turismo da Secretaria Municipal de Desenvolvimento Econômico de Pinhais.

com suas identidades e memórias, se relacionam com o turismo do município? O **objetivo geral** da pesquisa será, portanto, perscrutar as percepções históricas e patrimoniais dos moradores do município de Pinhais, através de suas identidades e memórias, e verificar a relação desse fator com o turismo do município.

Considerando o objetivo geral, emergem os seguintes **objetivos específicos**: (1) examinar como se estrutura o turismo e o patrimônio de Pinhais, através de dados e documentos oficiais do município; (2) verificar o domínio e a interação dos moradores sobre os patrimônios tombados, os sítios históricos, atrativos e/ou rotas e roteiros turísticos de Pinhais; (3) analisar como os moradores de Pinhais elaboram suas narrativas sobre o turismo e o patrimônio do município.

Para atender à pergunta e objetivos da pesquisa foi realizado um apanhado bibliográfico e conceitual, com o intuito de compreender a teoria em que se insere o tema pesquisado, e que se deu através de uma revisão narrativa de literatura, em que são apresentadas as abordagens e conceitos de autores e de especialistas da temática proposta. Partiremos, nessa jornada, em busca de uma perspectiva decolonial do pensamento, com o propósito de dialogar com os autores e suas contribuições de forma dinâmica e crítica.

Para compor a fase empírica da pesquisa considerou-se utilizar um conjunto de técnicas metodológicas, tais como, coleta de dados documentais sobre o município, entrevistas com moradores; observações de campo e fotografias. Vale salientar que o estudo tem natureza exploratória, visto que segundo (DENCKER, 2000) a pesquisa busca aprimorar ideias ou descobrir intuições sobre o tema pesquisado. A abordagem qualitativa da pesquisa revela-se por se tratar de um estudo sobre aspectos intersubjetivos das relações humanas (CRESWELL, 2007; FLICK, 2009), já que mergulharemos nas percepções, identidades e memórias dos moradores de Pinhais, analisando as interações desses elementos com o patrimônio e o turismo do município.

Iremos embarcar nas águas da memória dos moradores de Pinhais, através das suas Narrativas Oraís de Histórias de Vida elaborado por Perazzo (2015), seguido do método de Análise Crítica da Narrativa proposto por Motta (2013). Esse trajeto nos conduzirá para uma narrativa literária que aportará num encontro de identidades entre pesquisadora e participantes; e que juntamente com o leitor, desenhará o trajeto dessa viagem na história e no tempo.

2 ANTES DO EMBARQUE

Ao longo do mestrado, tive a oportunidade de adquirir maior estrutura teórica através da leitura das diversas obras que tratam sobre o tema, as quais irão nos ajudar a constituir o marco teórico desta pesquisa. Serão trazidas reflexões de alguns autores que jogam luz às temáticas do turismo, patrimônio, memória e identidade, para que, a princípio, possamos nos familiarizar com esses conceitos. Isso será possível, através da revisão narrativa da literatura que, de forma simplificada, é a leitura, descrição e registro de produções, cujos autores são referência no tema pesquisado (BIBLIOTECA UNESP, 2015)⁴.

A revisão narrativa não pretende utilizar critérios rígidos ou sistemáticos para busca e análise da literatura elegida. A seleção dos estudos, assim como a interpretação das informações contidas podem estar eminentemente sujeitas à subjetividade dos autores (BIBLIOTECA UNESP, 2015). A estrutura do marco literário teórico se dará com o levantamento dos conceitos bases, buscando sempre interagir e refletir criticamente com os autores apresentados, sem deixar de apontar para uma perspectiva filosófica sobre os temas.

Iniciaremos essa jornada, discutindo sobre a descolonização do pensamento nas produções científicas. Em seguida, realizaremos algumas reflexões filosóficas, a fim de pautar o turismo em toda sua complexidade conceitual; então, será a vez de tratar sobre o patrimônio, através das políticas patrimoniais e seus desdobramentos; e, por fim, será apresentado a memória e identidade, através de seus conceitos e subjetividades.

2.1 Descolonizando o Pensamento

Ao notar a trajetória que me caberia realizar em busca das memórias e percepções de pessoas diversas, com suas tantas idiossincrasias e visões de mundo, pensei trilhar um caminho mais coerente comigo mesma e, principalmente, com as pessoas que protagonizariam esse estudo.

⁴ Disponível em <<https://www.fca.unesp.br/Home/Biblioteca/tipos-de-evisao-de-literatura.pdf>> acesso em 21 de novembro de 2021.

Percorrer pelas histórias e memórias de um indivíduo pressupõe respeitar as suas respectivas individualidades e isso requer uma atitude afável por parte do pesquisador. Respeitar a essência e a condição do outro é fundamental para lidar e aceitar a pluralidade existente no contexto humano. Partindo desse pensamento e inspirada pela obra *Contra o Método* de Paul Feyerabend, revelou-se em mim o desejo de praticar o preceito de alteridade para a pesquisa. Foi então que, naturalmente, fui tendo a compreensão de que um bom caminho para exercer a prática em reconhecer a qualidade que existe na diversidade seria descolonizar o pensamento.

Tendo como proposta, nesse estudo, esquadriñar memórias e identidades considere propício me inteirar sobre os estudos de caráter decolonial que estão sendo produzidos recentemente, a fim de melhor compreender essa perspectiva e, também, beber dessa fonte. Assim como descrevem as autoras Donna Chambers e Christine Buzinde,

[...] reconhecemos nossa própria posição enquanto precários acadêmicos que transitam no intermédio do Ocidente e de nossas origens sociais e culturais. No entanto, também reconhecemos que é essa mesma posição que, sem escusas, nos situa como participantes ativos de uma agenda de resistência política e libertação através da qual um projeto decolonial pode ser imaginado e realizado (CHAMBERS; BUZINDE, 2015, p. 7, tradução própria).

É bem verdade que, enquanto uma estudante de pós-graduação *stricto sensu* em constante desconstrução, sinto-me inapta para desenvolver um estudo de caráter essencialmente decolonial, pois,

[...] a visão que passamos a reconhecer da teoria decolonial baseia-se na premissa de que a teoria pós-colonial fez muito para abrir nossa compreensão dos efeitos normalizadores das formas ocidentais de pensar, ser e conhecer. Contudo, os teóricos decoloniais argumentam que, embora muitos teóricos pós-coloniais importantes tenham suas origens [em países colonizados], eles privilegiaram as epistemologias ocidentais [...] como estruturas teóricas centrais (CHAMBERS; BUZINDE, 2015, p. 4, tradução própria).

Ou seja, ainda que nós, pesquisadores pós coloniais, direcionemos nossas pesquisas para uma perspectiva decolonial, somos altamente influenciados por pensadores de cultura dominante, já que grande parte das produções as quais temos acesso, são de cultura clássica Ocidental. Pude perceber esse fator mais nitidamente através da revisão sistemática que realizei para entender o contexto da temática da

minha pesquisa. A revisão sistemática me proporcionou verificar, entre outros fatores, o reduzido número de produções de perspectiva decolonial nos estudos do turismo e patrimônio. Isso pode se dar, pela insuficiente representação de pesquisadores de origem étnica subalternizada nos ambientes acadêmicos (SPIVAK, 2010).

No contexto da academia brasileira, por exemplo, poucos são os pesquisadores negros e indígenas que conseguem adentrar para realizar suas produções nos espaços acadêmicos, com narrativas genuinamente afro-indígenas – fato que podemos constatar pela simples ação de olhar para os lados quando estamos em uma sala de aula, em especial de uma turma de mestrado, ou doutorado. Afinal, quantos são os professores e estudantes negros e indígenas que ali estão? Nesse sentido, abro aqui um parêntesis para destacar a importância de contar com políticas afirmativas que contribuem para o acesso dessas etnias nos espaços acadêmicos, a exemplo, de mim mesma quando adentrei no programa graduação de turismo e hotelaria, através da política de cotas para afrodescendentes oriundos de escolas públicas.

Para o sociólogo porto-riquenho, Ramón Grosfoguel (2007), apontar para o pensamento decolonial não se resume a emitir uma opinião fundamentalista anti-europeia, mas é perceber que não pode haver apenas uma tradição epistêmica para alcançar a universalidade. O autor ainda cita três principais pontos para compreender a perspectiva decolonial, definindo:

(1) que uma perspectiva epistêmica decolonial requer um cânone de pensamento mais amplo do que simplesmente o cânone ocidental (incluindo o cânone ocidental de esquerda); (2) que uma perspectiva decolonial verdadeiramente universal não pode se basear em uma universalidade abstrata (um particular que se ergue como desenho universal), mas deveria ser o resultado do diálogo crítico entre diversos projetos epistêmicos/éticos/políticos em direção a um pluriversal em oposição a um mundo universal; (3) que a descolonização do conhecimento exigiria levar a sério as perspectivas/cosmologias/insights epistêmicos de pensadores críticos do Sul Global pensando *a partir de* e *com* espaços e corpos raciais/étnicos/sexuais subalternizados (GROSFOGUEL, 2007, p. 212, tradução própria).

Nós, pesquisadores afro-indígenas, contamos com pouquíssimas referências e representações acadêmicas que pautem a ciência a partir das nossas visões e raízes. Os nossos corpos, não são a maioria que habitam os espaços onde se produz ciência. Desse modo, o saber científico vai sendo construído a partir de uma visão

dominante onde o homem europeu ocupa a posição de sujeito investigador e detentor do poder de julgar os demais povos (FORMICK, 2022).

Na minha jornada acadêmica de mestrado não foi diferente, a começar pela particularidade em ser eu, a única mulher negra da turma de 2020. Ao longo do programa, estudando o turismo mais profundamente através dos muitos autores que me foram apresentados, percebi mais claramente a insistente influência colonizadora em algumas das obras – as quais citarei na próxima sessão – cujo teor de “violência epistêmica” (SPIVAK, 2010) gritavam aos meus ouvidos.

Esse foi um momento crítico em que percebi a existência de padrões deletérios nos estudos do turismo, mesmo dentro da sua erudição crítica, onde se mantinha uma hierarquia na qual o conhecimento ocidental era constantemente utilizado como a referência chave. Armada com o conhecimento acadêmico que apoiava a mudança que eu queria ver no mundo, embarquei em uma jornada acadêmica muitas vezes solitária (dada a abordagem crítica), mas existencialmente satisfatória daquilo que poderia ser ligeiramente caracterizado como o nascimento de uma pensadora decolonial (CHAMBERS; BUZINDE, 2015, p. 7, tradução própria).

Ao me identificar profundamente com as palavras dessas duas autoras que, assim como eu, vivem a realidade da falta de representação acadêmica em nossas peles negras, recaiu sobre mim algumas responsabilidades, como construir uma pesquisa através de um olhar que considera a minha identidade enquanto uma mulher afro-indígena de pele preta; bem como, pautar-me na prática da alteridade como parte fundante de uma pesquisa que almeja abarcar a pluralidade.

2.1.1 “Privilégio Epistêmico”

Nesse percurso da pesquisa que propõe trilhar por um caminho a descolonizar o pensamento é inevitável deparar-se com algumas obras e não as analisar sob uma perspectiva crítica. Empenhando em me inserir sobre como o meu tema de pesquisa estava sendo pautado em produções mais atuais, busquei em algumas bases científicas, obras que continham em seu eixo temático os temas pertinentes à minha pesquisa: turismo, patrimônio, memória e identidade.

Lendo e analisando algumas dessas recentes publicações brasileiras e de países de cultura latina sobre turismo e patrimônio é possível perceber a insistência de algumas produções em pautar realidades latinas do turismo com olhar eurocêntrico, como no exemplo a seguir.

Quando partimos para uma análise da experiência europeia em relação às políticas públicas do setor turístico, como o grande plano francês de desenvolvimento turístico de Languedoc-Roussillon em 1961 e, antes disso, em 1955, com o governo espanhol realizando os planos para Ordenação Turística da Costa do Sol, identificamos que estas experiências e de outros planos nos tem permitido enriquecer o atual debate sobre as perspectivas e **possibilidades de evolução** nas políticas estabelecidas no Brasil (HERÉDIA, 2020, p. 194, grifo próprio).

Essa perspectiva pode ser problematizada de algumas formas. A princípio, é inegável admitir que o setor turístico em países como França e Espanha sejam altamente desenvolvidos e que detenham planos políticos pilotos para o turismo mundial, uma vez que a Europa é pioneira no fomento da atividade turística (SANTOS FILHO, 2005). Esse fato pode validar a intenção de países em desenvolvimento inspirar-se em determinadas políticas públicas de países europeus para alcançar seus objetivos. E sobre isso, tudo bem. o problema se dá quando nós, pesquisadores de turismo, imersos num contexto cultural de predominância colonial (como a nossa realidade latino-americana), copiamos modelos e projetos turísticos, a partir de realidades imbuídas de contextos culturais de caráter colonizador, na expectativa de “possibilidades de evolução”. Esse pensamento revela o sentimento de inferioridade de uma cultura outrora colonizada, em relação a um contexto cultural impositivo e dominante, onde acredita-se ser mais “evoluído”.

Para compreender melhor essa tendência de dominação do pensamento, o sociólogo Ramón Grosfoguel (2016) cita o que ele denomina de “privilegio epistêmico”, que consiste em legitimar teorias, baseadas nas experiências sociais, históricas e políticas de países dominantes para constituir uma episteme universal da ciência. Grosfoguel elucida que,

[...] a pretensão é que o conhecimento produzido por homens [de episteme predominante] tenha o mágico efeito de apresentar uma capacidade universal: suas teorias são supostamente suficientes para explicar as realidades sócio-históricas do restante do mundo. Como resultado, nosso trabalho na universidade ocidentalizada é basicamente reduzido a aprender essas teorias oriundas da experiência e dos problemas de uma região particular do mundo, com suas dimensões espaciais/temporais muito particulares e “aplicá-las” em outras localizações geográficas, mesmo que as experiências espaciais/temporais destas sejam completamente diferentes daquelas citadas anteriormente (2016, p. 27).

Verificar essa inclinação em produções latino-americanas nos faz repensar o caminho que temos percorrido para pautar e basear as nossas questões científicas.

Segundo Valduga (2021) é preciso nos descolonizarmos academicamente e valorizar nossos intelectuais de origem latina que, por vezes, insistimos em renunciar em prol de uma importação de ideias.

É urgente que nós, enquanto estudiosos, pesquisadores, gestores e sociedade latino-americana interessada no desenvolvimento sadio do turismo, tomemos consciência da nossa condição colonizada, com o propósito de elaborar perspectivas decoloniais das nossas realidades e intencionalidades turísticas, patrimoniais e mnemônicas. Nesse aspecto, encontramos recentes produções que apontam para uma consciência coletiva e de responsabilidade social quando se trata de patrimonialização para turistificação dos espaços.

Em artigo intitulado *La gestión patrimonial desde la responsabilidad social*, os autores Corral e Fernández (CORRAL & FERNÁNDEZ FERNÁNDEZ, 2019) afirmam que “a cultura começa com a consciência”⁵ e propõem uma reflexão sobre outras formas de entender a cultura e o patrimônio, considerando a ação e a responsabilidade da sociedade civil. Para Corral e Fernández é na sociedade civil onde se fundamenta o desenvolvimento social, cultural e econômico, que ainda segundo os autores se caracterizam como “demagógico e politicamente manipulado” (CORRAL & FERNÁNDEZ FERNÁNDEZ, 2019). Esse fator pode nos dar direções sobre como trilhar o caminho da nossa pesquisa quanto a importância de considerar a consciência como um elemento necessário para analisar as percepções das pessoas que estarão envolvidas em nosso estudo.

É interessante notar, também, a inclinação de algumas produções recentes em pautar o patrimônio, memória e identidade sob uma perspectiva decolonial, apontando para um processo que valorize, especialmente, a população residente. Encontrei, por exemplo, uma interessante pesquisa realizada na China, que analisa como os gestores do patrimônio de Hong Kong e Macau utilizam memórias transnacionais para afirmar uma identidade própria. Nesse mesmo estudo, afirma-se categoricamente que,

[...] embora os autores deste artigo sejam genericamente rotulados como “acadêmicos do turismo”, eles são fortes defensores e ativamente engajados em estudos críticos/culturais do turismo, com conhecimento em comunicação intercultural, história, linguística, sociologia e estudos de turismo e lazer. Especificamente, eles são de origem asiática e europeia e afiliados a instituições dentro e fora das regiões de estudo. Assim, seus conhecimentos

⁵ Texto original: “*La cultura empieza en la conciencia*”.

prévios, suas posições e sensibilidades para as questões em discussão podem refletir-se na criticidade dessa interpretação. Não obstante, o que é observado ou discutido neste ensaio crítico e discursivo pode contribuir para novos estudos e a gestão de museus para o turismo patrimonial (ZHANG et al., 2018, p. 128, tradução própria)⁶.

Nota-se, nessa afirmação, a intencionalidade dos autores em romper com um pensamento hegemônico que aborda o turismo como um fenômeno que costuma estar condicionado a uma atividade de cultura colonizadora e dominante.

Há, também, outras produções que pautam o turismo, enquanto uma atividade que pode, até mesmo, ameaçar lugares de memória e patrimônio. Ao elaborar o que se entende por turistificar um espaço de memória, como o Cais do Valongo⁷ no Rio de Janeiro, a autora brasileira Maria Amália de Oliveira (2018) aborda que,

[...] por turistificação entende-se [...], o processo de indução e transformação de uma localidade em uma atração turística. Tal processo envolve escolhas dos recursos, naturais ou culturais, que serão convencionados como atrativos e muitas vezes associados a patrimônios; a realização de obras de infraestrutura que garantam, mesmo que minimamente a possibilidade de visita e; construção de uma narrativa que contextualize o “produto” inserindo-o no imaginário para o qual foi produzido (OLIVEIRA, 2018, p. 52).

Essa visão inflamada sobre turistificação em lugares de memória, tem respaldo pela forma como a atividade turística foi e ainda é elaborada em grande parte dos espaços nesse contexto de globalização (PELEGRINI et al., 2010). Eduardo Yázigi, em sua obra *Civilização Urbana: planejamento e turismo*, descreve com detalhes essa tendência de um turismo globalizado, formatado e sem propósito educacional, quando cita exemplos de cidades altamente turistificadas, esbanjando seus grandes portais em suas entradas de acesso, suas rodas-gigantes, seus vultuosos monumentos com assinatura de grandes artistas contemporâneos e toda sorte de entretenimento que muitos visitantes desejam desfrutar (YÁZIGI, 2003).

O que pretendo manifestar com essas provocações, não é um olhar negativo sobre o turismo no processo de patrimonialização; pelo contrário, é apresentar um

⁶ Texto original: “while the authors of this paper could all be generically labelled as “tourism academics”, they are strong advocates of, and actively engaged in, critical/cultural studies of tourism, with diverse backgrounds in cross-cultural communication, history, linguistics, sociology, and tourism and leisure studies. Specifically, they are of Asian and European origins and affiliated with institutions both inside and outside the study regions. Hence their background knowledge, their positionalities and sensitivities to the issues under discussion could all be reflected in the criticality of this interpretation. Notwithstanding this, what is observed or discussed in this critical and discursive essay could contribute to further studying and managing museums for heritage tourism.”

⁷ Antigo cais na zona portuária da cidade do Rio de Janeiro, onde desembarcaram inúmeras pessoas sequestradas de África para serem escravizadas no Brasil. Hoje é um sítio arqueológico e considerado patrimônio Mundial da Humanidade pela UNESCO (ver em QUADRO 1).

panorama onde o turismo possa representar uma alternativa para além do que se tem elaborado a seu respeito, tanto em termos de atividade factual, como de produção científica.

De mesmo modo, Oliveira (2018) acrescenta:

[...] analisando o patrimônio enquanto signo material e simbólico, resultado de um processo de atribuição de valor, observa-se que ele tem a capacidade de criar um sentimento de pertencimento, representar consenso e evidenciar a diversidade. Os bens alçados a categoria de patrimônio adquirem em seus processos de patrimonialização, um duplo valor, o material que o insere no mercado e o simbólico, que revela sua representatividade acerca de alguma coisa e sua marca identitária que pode estar relacionada a um grupo, comunidade ou nação. Neste sentido, a produção de patrimônios culturais está relacionada a atribuição de significados sociais, pela reconstrução da memória e da identidade. Em tais processos de patrimonialização, a turistificação tem jogado papel decisivo ao dar visibilidade aos elementos inerentes ao que está sendo significado socialmente (OLIVEIRA, 2018, p. 70).

Podemos perceber que se há um embaraço sobre o processo de turistificação de lugares de memória, esse fator não se dá pelo fenómeno do turismo em si, mas pela forma como o turismo tem se configurado, e por quais interesses o mesmo é recorrentemente pautado e agenciado.

Através desse breve apanhado é possível verificar que a pauta sobre patrimonialização e turistificação é existente nas recentes produções, no entanto, nota-se que elaborações com vieses essencialmente crítico e decolonial, ainda são incipientes. Pode-se considerar, esse fator, um hiato científico dos estudos dessa tríade (turismo, patrimônio e memória), que pode e deve ser melhor explorado, e que esse estudo se propõe contribuir, com afinco.

2.2 Uma Estudante Inquieta e Um Pensador Controverso

Os pensamentos filosóficos sempre me cativaram por abraçar muitas das minhas próprias inquietações (que não são poucas). Esse sentimento foi levado, também, para o âmbito acadêmico, quando me inseri no mesmo, ao ingressar no Programa de Graduação de Turismo e Hotelaria da Universidade do Estado da Bahia (UNEB). A partir de então, busquei refletir holisticamente o campo de estudo que outrora eu me propunha graduar. Já no mestrado, enquanto discente do Programa de Pós Graduação em Turismo pela Universidade Federal do Paraná (UFPR), senti a

necessidade em aprofundar o conhecimento do turismo e do patrimônio – temáticas deveras complexas, em especial, quando das teorias do turismo – temas que ainda possuem muitas divergências entre os próprios estudiosos da área (SANTOS FILHO, 2005; PANOSSO NETTO; NECHAR, 2016).

Já no primeiro dia letivo, com os calorosos e proveitosos debates em sala de aula, começaram as minhas inquietações: afinal, por que enquanto acadêmicos insistimos, por vezes, pensar ou mesmo estudar o turismo partindo de uma ideia trivial de que o mesmo se trata de uma simples atividade de viagem e lazer? Por que, enquanto turismólogos, aceitamos facilmente visões epistemológicas do turismo que partem de uma ideia hegemonicamente economicista e elitista? Esse discurso linear e simplório do pensar o turismo, muitas vezes, entendido como uma mera atividade de consumo e passatempo, encontra base nos parâmetros de senso comum (SANTOS FILHO, 2005) e essas sempre foram algumas das inquietações e questionamentos que acompanharam (e ainda acompanham) a minha trajetória enquanto turismóloga e pesquisadora da área.

Diante disso, julguei propício buscar suporte em pensamentos e embasamentos filosóficos que apontassem para uma outra perspectiva, com o intuito de ampliar o campo de visão sobre meu objeto de pesquisa. Um pouco de filosofia poderá ajudar – a mim e a você, leitor – a pensar o turismo e o patrimônio de uma forma mais abrangente, ajudando a romper com os discursos normativos que viciam o nosso pensamento. Afinal, o exercício de observar o mundo e as coisas que o permeia; se defrontar com inquietações e questionamentos; enxergar as realidades e buscar compreendê-las são algumas características inerentes ao ser humano e que dão sentido à nossa existência (EWING, 1984).

Por ocasião natural, o ser humano vive uma incessante busca em significar as realidades em que estão inseridos e através desse movimento de significação das realidades surgem diversas formas de expressões humanas, tais como mitos, religião, arte, ciência, além da filosofia, que surge como uma das formas de compreender e dar sentido à vida (ASSMANN, 2014). Isso se dá, porque uma caverna⁸ não foi suficiente para aprisionar o pensamento e esse ardente anseio da humanidade em ter respostas para os seus questionamentos. Através das minhas inquietações filosóficas pessoais, além das disciplinas de linha filosófica cursadas na graduação e agora no

⁸ Alusão ao mito da caverna de Platão (*filosofia*).

mestrado, pude compreender, dentre outras coisas que a filosofia, enquanto pensamento racional e reflexivo, nos concede o poder de concepção, avaliação, estruturação e até mesmo desmistificação dos acontecimentos. Por meio da capacidade reflexiva do pensamento lógico e sistemático é que constituímos a base para a construção das grandes ciências (FEYERABEND, 1977).

Contudo, a filosofia nos ensina que não existe apenas uma única forma de significar a realidade, visto que não há apenas uma única realidade posta (FEYERABEND, 1977). Diversas são as realidades humanas, assim como diversos são os contextos em que se elaboram o conhecimento. Logo, cada pensamento emitido, cada pensador que desponta, cada inquietação vivida, traz consigo elementos sociais e políticos característicos dos seus contextos culturais atuais, evidenciando que o pensamento filosófico é, por conseguinte, fortemente influenciado pelo contexto histórico em que cada pensador está inserido, revelando a forma como os mesmos lidam com essa realidade (FEYERABEND, 1977; BACHELARD, 1978; EWING, 1984).

É importante compreender, também, que o pensamento filosófico não é estático, já que a filosofia reflete o contexto sociopolítico em que tal pensamento foi ou é produzido. Estudar alguns filósofos em seus diferentes contextos histórico-temporais, me fez perceber que diversos pensamentos filosóficos podem, por vezes, surgir de choques de realidades culturais, de comparações das visões míticas ou não míticas de mundo, suscitando, por vezes, algumas divergências filosóficas.

Dois filósofos que discordem entre si podem estar contribuindo com algo de inestimável valor, embora ambos não estejam em condição de escapar totalmente ao erro: suas abordagens rivais podem ser consideradas mutuamente complementares. O fato de filósofos distintos necessitarem dessa mutua complementação torna evidente que o ato de filosofar não é unicamente um processo individual, mas também um processo que possui uma contrapartida social. [...]. As discussões filosóficas da teoria do conhecimento têm exercido, ainda que de modo indireto, importante efeito sobre as ciências (EWING, 1984, p. 2).

Tais discussões entre pensadores de diversas gerações são perfeitamente saudáveis, visto que os diferentes pensamentos contribuem para o bom desenvolvimento científico, beneficia cada um de nós individualmente, a sociedade em sua coletividade e, também, o próprio campo do conhecimento científico, o qual é veementemente enriquecido pelas inúmeras contribuições e elaborações filosóficas.

Desse modo, buscarei desenvolver o corpo temático desta pesquisa, sem apontar verdades únicas absolutas ou impassíveis de debates; antes, buscarei apresentar pressupostos teóricos norteadores da pesquisa, porém não definitivos. E com esse espírito, eu gostaria de convidar o leitor, a prosseguir com a leitura permitindo-se argumentar, questionar, concordar ou não, e principalmente, refletir criticamente sobre os conceitos, aspectos, assim como debater com os autores e pensadores que serão apresentados nesse estudo.

Dentre tantos pensadores que atravessaram a minha trajetória acadêmica, senti uma profunda identificação com o intrépido filósofo Paul Feyerabend e sua obra *Contra o Método*. Segundo Leal (2016), Feyerabend foi um dos mais polêmicos filósofos da sua geração. O filósofo questionou, criticou e contrapôs toda a concepção de ciência que, até então, era apresentada em sua época. Sua abordagem tocou-me profundamente e me cativou de pronto, pois abriu um caminho para que eu pudesse elaborar criticamente pensamentos sobre o objeto de pesquisa na qual estou debruçada.

Paul Feyerabend é apresentado pela professora Halina Leal como um grande pensador, de estilo polêmico, provocador e estritamente crítico em relação a sua forma de pensar o método científico (LEAL, 2016). Incompreendido por muitos pensadores de sua época, Feyerabend chegou a ser julgado como inimigo da ciência, especialmente quando da publicação de sua obra mais influente – *Contra o Método* – em que o autor contrapunha a ideia hegemônica da metodologia científica universalista como única capaz de elaborar e explicar a ciência propriamente dita. Segundo o filósofo, a educação científica, tal como era elaborada, se ocupava geralmente em simplificar a ciência e seus elementos, definindo um campo de pesquisa e desligando esse campo do restante da história (FEYERABEND, 1977).

A obra *Contra o Método* surge a partir das inquietações de Paul Feyerabend e dos diálogos provocativos com o então amigo Imre Lakatos⁹, que por ocasião de uma festa nos anos 1970, pediu ao amigo que colocasse suas inusitadas ideias no papel (LEAL, 2016). Dessa forma, a obra *Contra o Método* tem sua primeira publicação em 1975, como uma séria provocação reflexiva de uma teoria heterodoxa do conhecimento, causando alvoroço entre muitos dos pensadores e pesquisadores de sua época (LEAL, 2016).

⁹ Filósofo matemático húngaro que viveu entre 1922-1974.

Os pensamentos de Paul Feyerabend abordados em sua obra *Contra o Método*, se sustentam na ampliação do olhar científico, refutando o pensamento universalista de critérios duros em que se amparava a ciência, no qual a razão lógica e empirista eram fatores preponderantes para o saber científico. Ainda que o pensador não negasse a ciência lógica – como muitas vezes foi injustamente acusado – Feyerabend declarava que a lógica tem importante papel científico, mas que a mesma não deveria ser considerada como único critério universal da ciência (FEYERABEND, 1977).

Para compreender o pensamento filosófico científico Feyerabendiano é necessário desapegar-se da ideia universalista da lógica pura e simples e assumir que a teoria e o empirismo são inerentes e complementares. O filósofo defende que nós, enquanto humanos, somos muito mais complexos do que a razão lógica supõe, e sustenta que a realidade humana é muito mais abrangente do que o que se pretende definir. De acordo com Feyerabend (1977), essas complexas características deveriam ser consideradas ao longo do processo de metodologia científica. Ainda para o pensador,

[...] a história está repleta de acidentes e conjunturas e curiosas justaposições de eventos e patenteia a nossos olhos a complexidade das mudanças humanas e o caráter imprevisível das consequências últimas de qualquer ato ou decisão do homem. (FEYERABEND, 1977, p. 19)

Feyerabend também questiona: “Devemos realmente acreditar que as regras ingênuas e simplistas que os metodologistas adotam como guias são capazes de explicar esse labirinto de interações?” (1977, p. 19). Contudo, o filósofo afirmava veementemente em sua obra, não ser prudente proceder cientificamente sem regras ou sem critérios (LEAL, 2016), mas essas provocações de Feyerabend apontam o intuito do pensador em expandir os caminhos para a produção do conhecimento científico. Seus pensamentos não intentavam, de forma deliberada, exterminar aquilo que se formou enquanto pensamento racionalista do qual as escolas positivistas bem construíram, mas consistem em ampliar o olhar sobre a ciência. Para Feyerabend (1977) a racionalidade não é simplesmente a razão lógica e estritamente empírica, antes, a racionalidade nos oferece a possibilidade de pensar a ciência de diversas outras formas que não somente através do raciocínio puramente lógico.

Segundo a professora Halina Leal (2016), a argumentação desenvolvida pelo pensador gira em torno de uma ideia-chave fundamental, chamada “anarquismo epistemológico”, que embora tenha sido visto com preconceito por alguns pensadores de sua geração, não se tratava de rejeitar os princípios, as regras e os critérios científicos na orientação de uma pesquisa; essa ideia tão somente, refutava o princípio de critério duro e absoluto para nortear todas as pesquisas. Ainda segundo Leal,

[...] o **anarquismo epistemológico** apresentado por Feyerabend não se converte simplesmente em uma análise negativa da ciência e de seu racionalismo. O autor não nega que as pesquisas sejam orientadas por padrões e regras que intervenham nas decisões acerca de procedimentos, hipóteses e teorias. O fato de Feyerabend salientar a limitação das regras do racionalismo não o conduz à afirmação de que estas são desprovidas de importância e devem ser completamente abandonadas. Embora elas não se apliquem a todas as situações (como pretende o racionalismo), elas também permitem que se chegue a situações de sucesso científico. (LEAL, 2016, p.07, grifo próprio)

O seu tão polêmico “anarquismo epistemológico”, assim como a crítica de Feyerabend ao pensamento cartesiano¹⁰ não devem ser enxergados como uma ameaça à ciência. O pensamento feyerabendiano aponta para algo muito nobre dentro do campo de conhecimento, que é o pluralismo metodológico, isto é, a capacidade de entender as inúmeras realidades e interagir com os diversos contextos culturais e sociais. *Contra o Método* trata da interação científica com outras formas de saber, considerando, essencialmente, a diversidade humana.

Com isso, o pensamento feyerabendiano ganha definitivamente a minha atenção na jornada acadêmica dando sentido às minhas tantas inquietações, e me fazendo trilhar o campo de conhecimento do turismo, sob uma nova perspectiva.

2.2.1 Construindo uma perspectiva crítica do turismo *Contra o Método*

Como vimos até aqui, o pensamento filosófico de Feyerabend, em toda sua concepção heterodoxa com respeito ao método científico predominante em seu tempo (e até nos dias atuais), nos ajuda a perceber de forma insurgente esse modelo hegemônico que normalmente é apresentado e aplicado no universo científico, apontando para uma outra perspectiva epistemológica. Isso pode ser aplicado em

¹⁰ Pensamento filosófico inspirado em René Descartes que considera sistematicamente a razão e a lógica.

diversas áreas de conhecimento, e aqui eu proponho utilizar desse pensamento filosófico ousadamente crítico, mas não menos científico para refletir o turismo.

Se torna essencial que os pesquisadores da área de turismo estejam atentos às perspectivas críticas subjacentes a esse campo de conhecimento, a fim de melhor compreender e contribuir sobre as reflexões epistemológicas do fenômeno (SANTOS FILHO, 2005). Academicamente, necessitamos de pesquisadores que busquem pensar o turismo para além das narrativas dominantes, objetivando contemplar a pluralidade do fenômeno (CAÑADA & MUNHOZ, 2019; SAMPAIO, 2007). Sobretudo, cabe aos pesquisadores questionar as diferentes interpretações filosóficas existentes no turismo, com o intuito de entender as bases teóricas fundantes, para melhor refletir sobre o seu entendimento (SANTOS FILHO, 2005). “O papel do investigador crítico é desvendar, desvelar, denunciar, mostrar essa realidade, tornar acessível e visível o pano de fundo no qual se desenvolve o fazer ciência em turismo” (PANOSSO; CASTILLO, 2016, p.17). Exercitar a quebra de uma visão predominantemente mercadológica do turismo, que por muitas vezes trazem amarras ao pensamento crítico (PANOSSO; CASTILLO, 2016), nos permite enxergar novas fronteiras a serem exploradas, ampliando as possibilidades na construção do conhecimento.

De acordo com Panosso Netto e Castillo Nechar:

Acrescenta-se outro ponto importante da epistemologia: ela não permite que os estudiosos se deixem levar pelas ideias hegemônicas sobre o turismo, que buscam conservar a ordem e o progresso atual de seu desenvolvimento. Ou seja, praticar a epistemologia é buscar a reflexão crítica que tem por fim revelar e descobrir um mundo no qual a desigualdade, os problemas humanos e do meio ambiente, por exemplo, são parte de uma ordem funcional e estrutural que incide no turismo e também no conhecimento produzido sobre o tema. (2016, p. 26)

Podemos entender o turismo, portanto, não apenas como uma simples atividade de lazer de cunho utilitarista e mercadológico, como pretendido pelo senso comum, mas devemos pensar esse fenômeno como um poderoso instrumento de ação política e transformadora quando de sua capacidade de promover desenvolvimento social, cultural e econômico, através de ações participativas e educativas entre seus atores. Portanto, o turismo será pautado, nesse estudo, a partir de uma perspectiva epistemológica crítica buscando romper com a vertente pragmática de forte apelo utilitarista da atividade (MOESCH, 2004) que amiúde

moderaram e ainda moderam as produções científicas desse campo do conhecimento.

Panosso Netto e Castillo Nechar (2016) afirmam que ser um estudioso crítico é ter discernimento de que a pesquisa pode estar sendo influenciada por determinados grupos de poder. Dentro dessa afirmação podemos exemplificar que o turismo costuma ser cooptado por setores de dominação mercadológica, os quais priorizam seus interesses econômicos (SANTOS FILHO, 2005). Essa característica do setor, influenciou e ainda influencia muitas das pesquisas acadêmicas realizadas pela área, estigmatizando o turismo de tal forma que por vezes, o fenômeno acaba sendo abordado pelo corpo acadêmico de outras ciências, como um objeto de estudo desprezado e até menos importante.

Muito desse prejulgamento a respeito do turismo, se deve a falta da compreensão holística desse campo de estudo, considerado extremamente complexo em seu fundamento ontológico (ASSUNÇÃO, 2012; PANOSSO NETTO; NECHAR, 2016). É bem verdade que o conceito base do turismo apresentado pela Organização Mundial de Turismo, embora ajude a ter uma definição aparente do objeto para elaborar estudos e estatísticas, não é suficiente para compreender a essência de um fenômeno de caráter tão múltiplo, diverso e complexo como é o turismo. Além disso, muito do que foi e do que ainda é produzido a respeito desse tema, tem uma influência predominantemente economicista, visto que o turismo começou a ser estudado a partir de um contexto economicamente globalizante (SANTOS FILHO, 2005; PELEGRINI; NAGABE; PINHEIRO, 2010). João dos Santos Filho afirma que:

[...] a produção literária existente sobre o fenômeno turístico explicita que aqueles que se debruçaram em analisá-lo de forma científica, o fizeram no campo da vertente idealista, optando por definir o turismo como algo decorrente do sistema econômico capitalista, enxergando o fenômeno como produto do mundo moderno e desprezando a sua historicidade processual. (2005, p. 17)

Não pretendo, com essa abordagem, diminuir a importância da produção literária existente sobre o tema, pelo contrário, há que se exaltar toda contribuição de pesquisadores e seus esforços para elaboração de um arcabouço teórico consistente do turismo e áreas afins. No entanto, o contato com o pensamento e a filosofia de Paul Feyerabend me permite sintetizar a necessidade de ampliar o entendimento sobre esse tema, contrapondo a perspectiva epistemológica hegemônica e

predominante que entende o turismo através de uma visão meramente economicista e mercadológica.

O pensamento feyerabendiano me concede bases para não reduzir o turismo a um critério de conceito simplista, que despreza a historicidade da atividade e impede a compreensão mais profunda do fenômeno. Para construir uma base ontológica e buscar compreender de forma mais abrangente o turismo é necessário se despir das ideias colonialistas e universalistas inerentes aos estudos e conceitos primários que insistem em se impor de forma predominante (SANTOS FILHO, 2005). Santos Filho (2005) explica ainda, que a base teórico-filosófica dessa vertente é pautada na visão positivista de ordem neoliberal que adota um discurso linear e hegemônico na leitura do saber turístico. O caminho para a desconstrução dessa normativa de compreensão parcial está em produzir bases para uma nova epistemologia, que reflexione o turismo a partir de uma perspectiva crítica onde exista espaço para descobrir e revelar um mundo em que a desigualdade e as inquietações humanas são parte do processo estrutural que incide no turismo e no conhecimento produzido sobre esse tema (PANOSSO; CASTILLO, 2016).

O princípio da incomensurabilidade de Feyerabend que se baseia em afastar a possibilidade de apreensão uniforme da realidade (LEAL, 2016) é um fundamento perfeitamente cabível para o constructo do turismo, uma vez que para realizar um estudo abrangente e honesto do tema deve-se considerar as tantas realidades culturais em que essa atividade é implementada. Muito embora sejam recentes a produção de estudos e pesquisas acadêmicas, o turismo é um fenômeno de caráter essencialmente humano exercido desde os primórdios da sociedade por contextos e propósitos culturais diversos (SANTOS FILHO, 2005; ASSUNÇÃO, 2012). Desconsiderar essas realidades, em função de um entendimento puramente lógico, não permite o entendimento do fenômeno em sua totalidade, o que recai em uma compreensão parcial da realidade, assim como aponta Feyerabend.

É importante reafirmar que essa posição não significa desprezar o racionalismo científico, antes, o propósito real da obra de Feyerabend, o qual inspira esse estudo sobremaneira, é ampliar o conhecimento ressignificando o racionalismo, que por normativa metodológica é interpretado como a razão lógica, de regras duras. A visão feyerabendiana pode ser a possibilidade de agir de forma plural, ou seja, de violar determinadas regras para tornar a ciência mais dinâmica (LEAL, 2016).

A ideia de conduzir os negócios da ciência com o auxílio de um método, que encerre princípios firmes, imutáveis e incondicionalmente obrigatórios vê-se diante de considerável dificuldade, quando posta em confronto com os resultados da pesquisa histórica. Verificamos, fazendo um confronto, que não há uma só regra, embora plausível e bem fundada na epistemologia, que deixe de ser violada em algum momento. Torna-se claro que tais violações não são eventos acidentais, não são o resultado de conhecimento insuficiente ou de desatenção que poderia ter sido evitada. Percebemos, ao contrário, que as violações são necessárias para o progresso (FEYERABEND, 1977, p. 29).

As “violações” de regras são, para o filósofo, necessárias para o progresso científico. No entanto, a racionalidade segundo Feyerabend não rejeita o empirismo, mas alia a razão lógica com a complexidade humana, tornando o racionalismo um processo mais humano e holístico. Essa perspectiva nos ajuda a trilhar um novo caminho epistemológico do turismo. Ao analisar o nosso campo de estudo, a partir desse entendimento e através de uma perspectiva mais crítica e provocativa, amplia-se olhar sobre o turismo revelando a diversidade de possibilidades que esse fenômeno pode nos oferecer.

De uma forma arrebatadora, a filosofia de Feyerabend aponta, entre outras coisas, para a importância de considerar outras formas de conhecimento que não somente a perspectiva racionalista científica nos estudos e pesquisas elaboradas. É importante observar que não se trata de acatar opiniões meramente infundadas, mas de considerar outras realidades no campo da ciência, a exemplo de saberes populares, memórias individuais e questões ambientais altamente valiosas para o âmbito científico. Aliar conhecimentos empíricos, com os saberes populares, respeitando as identidades, e os contextos socioambientais, podem agregar muito não só para uma perspectiva crítica do turismo como, também, para a implantação da atividade em diversas realidades.

Por fim, a obra e os pensamentos filosóficos de Feyerabend apontam para um caminho inevitavelmente desafiador, mas ao mesmo tempo arrebatador, que instiga a todo instante elaborar uma perspectiva epistemológica crítica do turismo, ressignificando suas concepções e reproduções.

Desse modo, abordaremos, a seguir, sobre o turismo tendo em mente o espírito crítico de inspiração filosófica feyerabendiana.

2.3 Turismo em Pauta

Ao ouvir falar sobre turismo podemos pensar, a princípio, que o fenômeno tenha um conceito de fácil compreensão – afinal muitos de nós já tivemos, de alguma forma, algum contato com a atividade turística, seja de modo ativo ou receptivo. No entanto, isso definitivamente não corresponde à realidade. Existem, ainda, muitas divergências, especialmente epistemológicas, entre os próprios estudiosos a respeito do conceito de turismo (TRIBE, 2004; SANTOS FILHO; 2005; PANOSSO NETTO; NECHAR, 2016), o que não é de todo algo negativo, já que a diversidade de pensamentos pode bem contribuir para o desenvolvimento do conhecimento científico sobre a área (EWING, 1984).

Podemos realizar um apanhado sobre os diversos conceitos de turismo cunhados ao longo da história, desde a sua etimologia, até a atual definição adotada pelo Órgão Mundial de Turismo (OMT)¹¹. A autora Marutschka Moesch realiza uma profunda abordagem conceitual do turismo em sua tese iniciando com a sua origem etimológica:

Nos estudos etimológicos da palavra, inaugurados por Fuster (1974), a raiz *tour* aparece documentada em 1760 na Inglaterra. A etimologia da palavra permite indicar sua procedência latina *tornus* (torno) como substantivo, e *tornare* (redondear, tornear, girar) como verbo. A ideia de giro, de viagem circular, de volta ao ponto de partida, se deduz, claramente, de raiz comum, que origina *tornus* e *tornare* (MOESCH, 2004, p. 18).

A autora ainda traz outros conceitos através de alguns autores que teorizam sobre o turismo como sendo,

[...] tráfego de pessoas que se afastam temporariamente do seu lugar fixo de residência, para se deter em outro local, com o objetivo de satisfazer suas necessidades vitais e de cultura ou para realizar desejos de diversas índoles, unicamente como consumidores de bens econômicos e culturais (FUSTER, 1974 *apud* MOESCH, 2004, p. 20).

Para o autor Paulo de Assunção em sua obra *História do Turismo no Brasil*,

O turismo é uma atividade baseada em três elementos operativos: o tempo livre, o rendimento e as condições e sanções locais que permitem a atividade turística. O turismo pode ser entendido como um conjunto de técnicas

¹¹ Criada em 1925 é a principal organização internacional reguladora do turismo que conta com 159 países membros. Disponível em <https://www.unwto.org/es/acerca-de-la-omt> acesso em 30/11/2021.

baseadas em princípios científicos, as quais tem como objetivo prestar diferentes tipos de serviços às pessoas que utilizam seu tempo livre para viajar (ASSUNÇÃO, 2012, p. XIII).

Segundo Moesch (2004), essa e tantas outras definições do turismo são resultado de um processo interpretativo teórico que partem de premissas deterministas e de apelo pragmaticamente utilitarista do fenômeno.

Ainda historicizando o turismo, um dos marcos de transição da atividade quanto à sua prática – que em seus primórdios se realizava enquanto uma atividade espontânea (ASSUNÇÃO, 2012) – é no período inicial da Revolução Industrial, quando das viagens promovidas por Thomas Cook pelos trilhos que levavam à Loughborough no Reino Unido, em 1841 (SANTOS FILHO, 2005), e que transformou a atividade turística em uma prática mais planejada. Mesmo que seja importante esse marco histórico das viagens de Thomas Cook para a atividade turística propriamente dita, não se pode atribuir a magnitude do conceito de turismo unicamente a este fato, uma vez que o fenômeno envolve uma série de outras proeminências de caráter histórico, social, econômico, cultural e ambiental. Segundo João dos Santos Filho, em sua obra *Ontologia do Turismo*,

Cabe aos estudiosos e pesquisadores do fenômeno turístico ousar questionar as visões positivistas de base linear, subvertendo a lógica da historiografia fenomenológica existente, buscando recontar a verdadeira história do turismo e questionar o personagem de Thomas Cook, que aparece preso a uma literatura funcional e sempre descritiva com transcrições semelhantes às existentes em toda a literatura de língua portuguesa sobre o turismo (SANTOS FILHO, 2005, p. 58).

Isto é, ainda que seja importante reconhecer os marcos históricos em que se estruturaram o entendimento do turismo enquanto prática socioeconômica – como no caso do agenciamento de viagens por Thomas Cook – é essencial que os pesquisadores e estudiosos da área não se contentem facilmente com um modelo previamente estabelecido para entender o fenômeno do turismo.

Mesmo que o fenômeno do turismo esteja inserido em nosso dia a dia, seja enquanto receptores ou praticantes da atividade, é prudente que tenhamos a devida compreensão desse conceito, visto que por vezes, o turismo tem seu valor subestimado pelo senso comum. As pesquisas em turismo, ao longo do seu progresso de desenvolvimento acadêmico, ainda que sejam consideradas recentes, pautaram-se, grande parte, em análises de cunho predominantemente sistemático e

economicista (SANTOS FILHO, 2005; PANOSSO NETTO; NECHAR, 2014). Os dados da atividade turística apontam o fenômeno como uma inegável fonte propulsora da economia de diversos contextos sociopolíticos e que narram discussões que enfatizam a geração de riqueza e de trabalho (PANOSSO NETTO; NECHAR, 2014; CAÑADA & MUNHOZ, 2019).

Para ter uma ideia desse fato, embora o setor turístico tenha sido diretamente afetado em 2020 pela pandemia de COVID-19¹², segundo dados da Organização Mundial do Turismo (OMT), a indústria de viagens e turismo movimentou em 2019, cerca de US\$9,17 trilhões, contribuindo para consideráveis 10,4% do Produto Interno Bruto (PIB) global. Trago esses dados, para demonstrar que a relevância econômica do setor turístico é, de fato, expressiva e que o fator de geração de emprego e renda, em nível global, é incontestavelmente significativo como mostra a imagem abaixo:

FIGURA 1: Índices da Economia do Turismo Global (2019-2020).



FONTE: Panrotas (2021)

Ainda com a crise pandêmica sem precedentes no setor, não podemos desconsiderar a importância do turismo para o cenário da economia mundial. Contudo, o fator de relevância econômica, não deve ser o único a ser considerado quando tratamos sobre turismo. João dos Santos Filho afirma que,

[...] o processo para entender que o fenômeno turístico caminha independentemente do sistema econômico traduz a compreensão teórico-idealista possuidora de uma potencialidade imanente [...] a leitura realizada pelo sistema econômico, bem como a filosofia que sustenta parte da

¹² COVID-19 é a sigla para a doença infecciosa causada pelo novo coronavírus (SARS-CoV-2).

produção científica no estudo do turismo, se nutre de uma apreensão da realidade que se baseia no fetiche e na intuição [...] (2005, p. 17).

Portanto, vale refletir também, que o caráter econômico, ainda que importante, não deve ser o fundante no pensar do turismo. Embora reconheçamos a proeminência econômica do setor no cenário mundial, é preciso notar que esse fenômeno se caracteriza, principalmente, como um campo de estudo complexo e de consideráveis implicações culturais, sociais e ambientais (PANOSSO NETTO; NECHAR, 2016). Esse aspecto multifacetado da atividade permite que o turismo, quando bem implementado e respeitando todos os atores envolvidos, seja capaz de favorecer a sociedade, no sentido de propiciar determinadas ações que valorizam e preservam os bens culturais e a própria cultura local (SOUZA, 2011). Além disso, existe efetiva vocação da atividade turística em impulsionar o desenvolvimento sociocultural de determinada região que implanta coerentemente o turismo em seu território. Segundo Silvana Souza, o turismo,

[...] também pode influenciar no desenvolvimento de profissões e na qualificação de profissionais ligados à área da cultura. Ainda pode propiciar comercialização de produtos, oferta de espetáculos nas mais variadas formas de arte, cobrança de ingressos em museus e casas de cultura, dando a possibilidade de reverter os recursos na manutenção do próprio bem e também contribuindo para que a população local valorize os atrativos que a cidade possui. Todos esses exemplos que podem ajudar a compor o produto turismo cultural, também servem para usufruto da comunidade autóctone, favorecendo o desenvolvimento social de tal população (2011, p. 24).

Dessa forma, além de ser uma atividade que move o desenvolvimento econômico, o turismo pode ser também, um grande aliado na construção social e na formação cidadã, a partir da sua implementação adequada e consciente.

Por isso, para além das análises do poder de mercado que o turismo exerce – ainda que seja legítima e necessária – é importante levar em consideração os fatores sociais que envolvem a prática e os estudos desse fenômeno. Isso implica que o turismo deve ser estudado e abordado conforme a sua real complexidade ontológica, afinal, a alienação sobre a complexidade epistêmica dá lugar ao entendimento raso do objeto (MORIN, 2005), de modo que é preciso aceitar a dinamicidade e multiplicidade do turismo, para estar aberto às novas aspirações que os estudos da área possam proporcionar.

Quando intenciona-se abordar sobre assuntos com certo grau de complexidade, como o turismo, a filosofia parece fazer muito sentido enquanto campo

do conhecimento que propõe o exercício do pensar questões gerais e fundamentais sobre a existência humana (EWING, 1984). No entanto, a filosofia não costuma ser a primeira opção para, por exemplo, basear os estudos do turismo em sua complexidade (TRIBE, 2004; PANOSSO; NECHAR, 2016). Panosso Netto e Castillo Nechar evidenciam que,

[...] mais de 90% dos estudos turísticos dizem respeito a 4 campos: os turistas; as relações entre turistas e pessoas do local; a estrutura e funcionamento do sistema turístico; e as consequências do turismo. Portanto, pouco ou nada se apresenta de reflexão crítica, de discussão filosófica. Essa crítica nos leva ao ponto seguinte: a necessidade de reflexão epistemológica sobre o turismo (PANOSSO NETTO; NECHAR, 2016, p. 16).

Diante desse quadro, proponho traçar em minha pesquisa um paralelo com a complexidade teórica do nosso objeto de estudo para realizar um apanhado epistemológico crítico do turismo à luz da filosofia, com vias de pensar o turismo para além de uma abordagem predominantemente utilitarista e economicista. A pesquisa busca ocorrer de forma fluida respeitando os diferentes olhares (lentes dos entrevistados e da entrevistadora). As narrativas espontâneas e entrelaçadas dos atores dessa pesquisa é que oferecem subsídios para essa construção epistemológica e filosófica.

2.4 O Patrimônio

Diante da ascendente valorização do processo de patrimonialização nos últimos anos, é possível notar que a ideia de patrimônio tem se estabelecido como expressão cultural no âmbito social, agregando memórias e sentidos de pertencimento nos indivíduos e grupos. Embora abrangente, o conceito de patrimônio é comumente associado ao conjunto de bens e valores da sociedade que permeiam nosso cotidiano. Utilizamos o conceito de patrimônio em diversos sentidos;

[...] falamos dos patrimônios econômicos e financeiros, dos patrimônios imobiliários; referimo-nos ao patrimônio econômico e financeiro de uma empresa, de um país, de uma família, de um indivíduo; usamos também a noção de patrimônios culturais, arquitetônicos, históricos, artísticos, etnográficos, ecológicos, genéticos; sem falar nos chamados patrimônios intangíveis, de recente e oportuna formulação no Brasil (GONÇALVES, 2009, p. 25).

Essas e outras noções de patrimônio compõem o arcabouço em que se insere esse conceito e que traz em seu arranjo primário a ideia de herança e propriedade (PELEGRINI; FUNARI, 2013). Contudo, como já bem colocado pela historiadora francesa Françoise Choay (CHOAY, 1999), em sua obra *A Alegoria do Patrimônio*, entendemos que o conceito de patrimônio está para além de componentes de bens e valores. Segundo Brusadin (2011),

[...] a palavra patrimônio tem vários usos e significados. O mais comum é o conjunto de bens que uma pessoa ou entidade possuem, mas que, transportado a um determinado território, o patrimônio passa a ser o conjunto de bens que está dentro de seus limites de competência administrativa. Em outro sentido, o patrimônio pode ser classificado por duas grandes divisões: natureza e cultura. Patrimônio natural seriam as riquezas que estão no solo e subsolo, tanto as florestas como as jazidas. Quanto ao patrimônio cultural, esse conceito vem sendo ampliado na medida em que se revisa o conceito de cultura [...] (p. 30-31).

Essa divisão, que segundo o autor, se configura um tanto quanto segmentada é uma representação bastante utilizada, inclusive pelo órgão regulador oficial – a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) – como veremos adiante. Ainda segundo Brusadin (2011), inspirado em Martins (2006),

é muito difícil definir o termo patrimônio, pois é muito amplo e envolve diferentes setores. Um ponto comum à definição de patrimônio é: “algo de valor, que se transmite e do qual todos se utilizam, seja individual ou coletivamente”. A ideia de patrimônio foi se desenvolvendo conforme os tempos, levando em conta cada momento cultural e cada contexto social e, com isso, os conceitos foram se ampliando. Portanto, o conceito de patrimônio é temporal e flexível porque vive em constante revisão, conforme a sociedade se reconstrói e aprofunda contextos sociais, históricos e econômicos que ela mesma deseja preservar. Além disso, este mesmo conceito depende das premissas e dos interesses de entidades representativas do patrimônio. A atribuição do que é valioso historicamente para determinada sociedade varia de acordo com o tempo e da valorização cultural de cada uma (p. 34-35).

Mesmo que atrelado a todos esses sentidos anteriormente citados, e ainda que se reconheça a importância desses conceitos, tencionaremos realizar uma abordagem reflexiva sobre o patrimônio que estará imbricado, em nossa abordagem, aos conceitos de memória e identidade. Consideraremos patrimônio, identidade e

memória enquanto uma tríade em que se desenvolve a representação social, de forma dinâmica e simbólica cultivando o que conhecemos por cultura, pois

[...] a questão do Patrimônio se situa numa encruzilhada que envolve tanto o papel da memória e da tradição na construção de identidades coletivas, quanto os recursos a que tem recorrido os Estados modernos na objetivação e legitimação da ideia de nação. Permeando essas dimensões está a consideração do uso simbólico que os diferentes grupos sociais fazem de seus bens [...] na elaboração das categorias de tempo e espaço. Ou seja, o valor que atribuem a esses bens enquanto meios para referir o passado, proporcionar prazer aos sentidos, produzir e veicular conhecimento. Esses diferentes valores atribuídos são, na civilização ocidental, regulados por duas noções que se articulam sobre as categorias de tempo e espaço – a noção de história e a de arte. A primeira enquanto reelaboração do passado, a segunda enquanto fruição *in praesentia* (FONSECA, 2009, p. 51).

Desse modo, há que se considerar os fatores históricos e culturais preeminentes de determinado contexto, antes de pensar o patrimônio.

Para dar início à essas aspirações, é interessante refletir que o patrimônio quando admitido pela coletividade carrega em si uma dialética atemporal, ou seja, age como testemunho de um passado e pilar para o futuro (VALDUGA, 2011). Nessa perspectiva, considera-se que o intuito desse estudo é pensar o patrimônio enquanto um elemento cultural coletivo de apropriação social, tendo em vista que as práticas de conservação do patrimônio tendem a ser mais propositivas, quando realizadas em prol da elaboração de consciência social (GUILLAUME, 2003). A seguir, veremos uma abordagem mais detalhada sobre o que se entende por patrimônio material e imaterial e suas características.

2.4.1 Patrimônio material, imaterial e políticas de preservação

Quando falamos de patrimônio torna-se comum associá-lo, em grande parte, aos monumentos históricos e culturais de um determinado território (CHOAY, 1999). Na tentativa de melhor abraçar os estudos e o entendimento sobre o patrimônio, instituiu-se possíveis tipos de patrimônio, de acordo à sua natureza. No Brasil, a constituição federal de 1988 sugere no artigo 216 que,

Constituem patrimônio cultural brasileiro os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira, nos quais se incluem:
I - As formas de expressão;

- II - Os modos de criar, fazer e viver;
- III - As criações científicas, artísticas e tecnológicas;
- IV - As obras, objetos, documentos, edificações e demais espaços destinados às manifestações artístico culturais;
- V - Os conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico (BRASIL, 1988).

A instituição de um conceito legal de patrimônio cultural no Brasil é um importante passo para a ampliação das políticas de salvaguarda do patrimônio no país. Já na constituição, percebemos a tipificação da natureza do patrimônio enquanto material e imaterial. Para Brusadin (2011),

[...] muitos pesquisadores passaram a se utilizar da delimitação que distingue o patrimônio cultural material do patrimônio cultural imaterial. [...] Diante disso, tem se colocado como distinto, no conceito de patrimônio, aquilo que seria um patrimônio material e o que se configuraria como um patrimônio imaterial. O primeiro seria o conjunto das construções físicas do homem na sua relação com o meio ambiente para o atendimento de suas necessidades práticas. O segundo conjunto agruparia as construções mentais e os valores culturais configurados em signos e significados diversos (2011, p. 34).

Vale informar que para o autor, essa dicotomia sobre o tema patrimônio se trata de uma concepção “simplista e equivocada, já que a cultura material contém elementos imateriais e o mesmo ocorre no sentido inverso em um processo que deveria ser flexível” (BRUSADIN, 2011). Ainda que, particularmente, eu acolha essa observação, insistirei em utilizar esses termos, por convenção prática e didática.

Esse patrimônio dito material e representado por seus monumentos históricos (culturais ou naturais) tem sido alvo de algumas práticas de preservação e conservação consideradas recentes, pois somam apenas poucas décadas de implementação. Valduga (2011) traz luz histórica ao citar que,

[...] a necessidade de proteção dos monumentos históricos e depois do patrimônio se manifestou internacionalmente [...] no período entre guerras, quando a Sociedade das Nações organizou em 1931, em Atenas, o primeiro congresso internacional de arquitetos e técnicos de monumentos históricos, encontro que deu origem a uma carta. No entanto, essa primeira referência se deu no campo material. Isso foi seguido pela Carta de Veneza¹³ em 1964, que alargou notavelmente o monumento histórico para a noção de lugar (VALDUGA, 2011, p. 57).

¹³ Carta internacional sobre conservação e restauração de monumentos e sítios: documento produzido pelo Conselho internacional dos monumentos e sítios (ICOMOS) e adotado pela UNESCO.

É fato que os esforços para a preservação do patrimônio material – em nível mundial – são fundamentais no processo de patrimonialização, mas ainda assim, são insuficientes para abranger toda a complexidade que existe em termos de práticas de conservação do patrimônio.

Marc Guillaume (2003) em sua obra *A Política do Patrimônio*, problematiza o fato do patrimônio ter em sua essência uma prática de conservação que prioriza a necessidade fetichista da preservação, em lugar de uma conservação de caráter proativo que promova reais iniciativas de integração social de ordem simbólica. Guillaume questiona:

[...] por que é que se conservam objetos sem valor coletivo (econômico ou simbólico) reconhecido? Tal questão focaliza a investigação sobre um espaço de práticas reduzido e demarcado artificialmente (para as necessidades de análise) no conjunto da conservação privada. Pôr em evidência, neste conjunto, fatores não coletivos, é tentar isolar o grau mais fraco de interações indivíduo – sociedade – partindo do princípio de que não é possível atingir um grau zero de interação (GUILLAUME, 2003, p. 55).

Guillaume (2003) revela haver um certo tom patético no encantamento por um patrimônio constituído de alguns vestígios materiais. Para o autor, prepara-se uma herança, mas não se sabe ao certo quem são os herdeiros (GUILLAUME, 2003). Ou seja, para Guillaume o que existe de mais importante no processo de patrimonialização é a possibilidade de que esse patrimônio seja integrado ao contexto sociocultural em que o mesmo se insere, permitindo a interação deste com os indivíduos e com o seu ambiente natural. A ideia dessa integração é que haja um teor propositivo na política de preservação do patrimônio e dessa forma, a comunidade interessada possa apropriar-se oportuna e conscientemente da mesma.

Considerando recentes as práticas de preservação do patrimônio material – como será demonstrado no QUADRO 1 – muito mais recentes são as ações de preservação do patrimônio imaterial. Este último tem sido reconhecido e impulsionado através da UNESCO a partir de meados dos anos 2000 e se refere especificamente às diferentes expressões culturais tais como línguas, festas, rituais, danças, lendas, mitos, músicas, fazeres, técnicas e tantos outros saberes diversificados (ABREU & CHAGAS, 2009).

O patrimônio imaterial se caracteriza como a expressão máxima da alma dos povos, agregando memória e sentido de pertencimento de indivíduos e grupos, fortalecendo assim os seus vínculos de identidade (PELEGRINI; FUNARI, 2013).

Dessa forma, podemos pensar em patrimônio imaterial como traços culturais da sociedade a serem exaltados e contemplados, que fazem parte de uma coletividade e que se inserem na memória humana. A valorização do patrimônio imaterial na atualidade abre um leque que nos permite realizar reflexões em diferentes âmbitos. Compreender que o patrimônio está para além do que é tangível torna-se crucial no processo de se “materializar” – de forma imagética – o que entendemos por intangível.

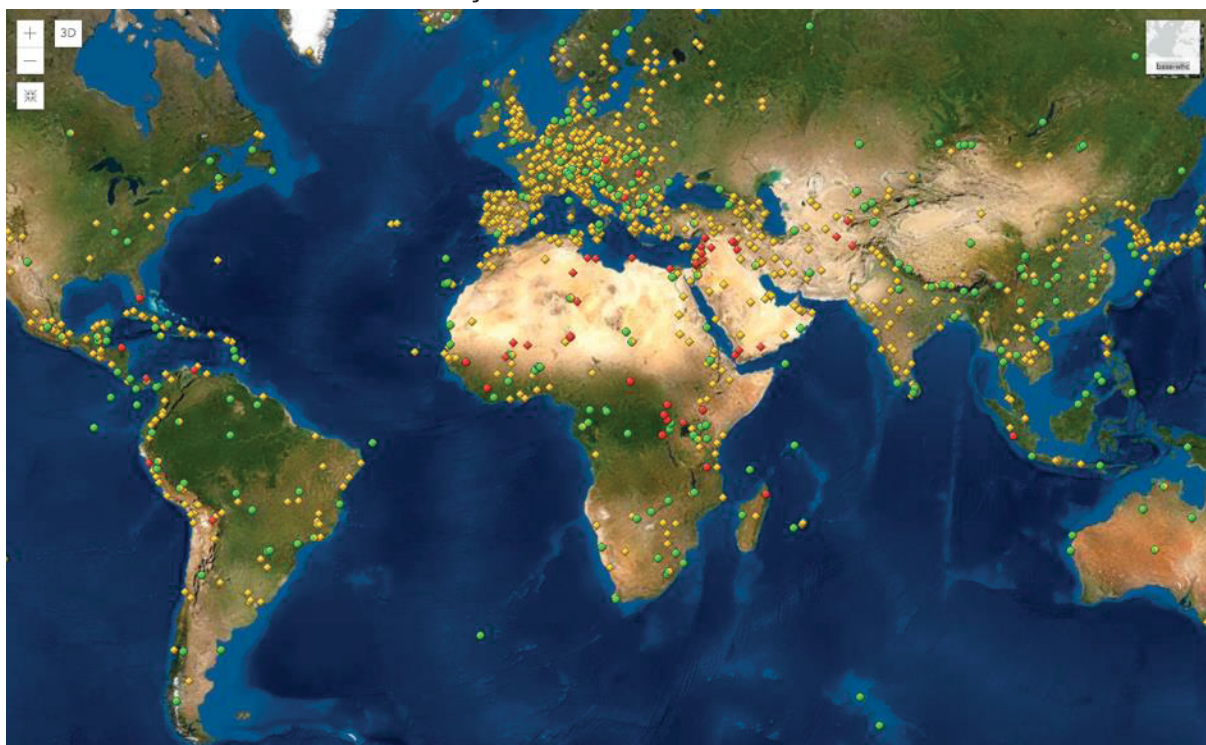
Esses esforços são ampliados com o processo de salvaguarda dos patrimônios tangíveis e intangíveis proposto pela UNESCO, e que visam promover a identificação, a proteção e a preservação patrimonial de todos os bens mundiais (UNESCO, 2021)¹⁴. Essas são medidas verdadeiramente necessárias e que buscam manter a memória, a identidade e a singularidade dos povos.

Sem dúvida, devemos reconhecer que a atuação da UNESCO e os documentos resultantes das conferências realizadas por ela vêm se convertendo em instrumentos normativos que têm influenciado a legislação, as políticas públicas de cultura e as medidas concretas adotadas por vários países (PELEGRINI & FUNARI, 2013, p. 33).

É fato que a diligência de instituições oficiais em salvaguardar os bens patrimoniais mundiais têm efetiva influência nos projetos de políticas públicas promovidas pelos Estados e que são direcionados aos setores culturais. Essas ações asseguram o que alguns autores denominam de “política da cultura”, cujo propósito é garantir o direito social a cultura, assim como o seu pleno desenvolvimento (FONSECA, 2009). Na figura abaixo, podemos ver como os respectivos patrimônios mundiais estão representados:

¹⁴ Disponível em: <<https://whc.unesco.org/en/list/>> Acesso em 08 de maio de 2022.

FIGURA 2: Distribuição dos Patrimônios Mundiais - UNESCO



FONTE: UNESCO (2022)

Cada ponto da figura representa um sítio patrimonial: os pontos amarelos representam os sítios culturais; os pontos verdes representam os sítios naturais; os pontos mistos representam sítios culturais/naturais; e os pontos vermelhos representam os sítios patrimoniais ameaçados. Unindo todos os pontos chegamos a um total de 1154 sítios patrimoniais tombados pela UNESCO. Desses, é interessante notar que grande parte se concentra no continente europeu, o que denota a predominância de sítios patrimoniais mundiais tombados e salvaguardados exatamente em território, majoritariamente colonialista.

Mesmo contando com esses esforços institucionais de salvaguarda, podemos considerar hodierna as políticas de preservação do patrimônio mundial, uma vez que a necessidade de proteger os monumentos históricos, e as memórias dos diversos contextos sociais surge, com veemência, a partir da elaboração científica que apontam estudos sobre o tema (FONSECA, 2009). Verifica-se que a preservação do patrimônio é uma atividade seletiva, exercida por determinados agentes de interesse, e com determinados critérios que atribuem valor ao patrimônio, validando o processo de salvaguarda (FONSECA, 2009).

Ainda, podemos observar a situação do Brasil, que mesmo com extensão territorial continental, não está entre os países com maior número de sítios

patrimoniais tombados mundialmente. A seguir, veremos a relação de todos os patrimônios materiais (no âmbito cultural e natural) e imateriais do Brasil salvaguardados pela UNESCO, apresentando seus respectivos anos de tombamento e regiões de origem:

QUADRO 1: Lista do Patrimônio Mundial no Brasil

ANO	PATRIMÔNIO MATERIAL CULTURAL	SÍTIO
1980	A Cidade Histórica de Ouro Preto	Minas Gerais
1982	O Centro Histórico de Olinda	Pernambuco
1983	As Missões Jesuíticas Guarani; Ruínas de São Miguel das Missões	Rio Grande de Sul e Argentina
1985	O Centro Histórico de Salvador.	Bahia
1985	O Santuário do Senhor Bom Jesus de Matosinhos em Congonhas	Minas Gerais
1987	O Plano Piloto de Brasília	Distrito Federal
1991	O Parque Nacional Serra da Capivara em São Raimundo Nonato	Piauí
1997	O Centro Histórico de São Luís/MA	Maranhão
1999	Centro Histórico da Cidade de Diamantina	Minas Gerais
2001	Centro Histórico da Cidade de Goiás	Goiás
2010	Praça de São Francisco, na cidade de São Cristóvão	Sergipe
2012	Paisagens cariocas entre a montanha e o mar	Rio de Janeiro
2016	Conjunto Moderno da Pampulha em Belo Horizonte	Minas Gerais
2017	Sítio Arqueológico Cais do Valongo	Rio de Janeiro
2019	Paraty e Ilha Grande - Cultura e Diversidade*	Rio de Janeiro
2021	Sítio Roberto Burle Marx	Rio de Janeiro
ANO	PATRIMÔNIO MATERIAL NATURAL	SÍTIO
1986	Parque Nacional de Iguaçu em Foz do Iguaçu	Paraná
1999	Mata Atlântica - Reservas do Sudeste	São Paulo e Paraná
1999	Costa do Descobrimento - Reservas da Mata Atlântica	Bahia e Espírito Santo
2000	Complexo de Áreas Protegidas da Amazônia Central	Amazonas
2000	Complexo de Áreas Protegidas do Pantanal	Mato Grosso e Mato Grosso do Sul
2001	Áreas protegidas do Cerrado: Chapada dos Veadeiros e Parque Nacional das Emas	Goiás
2001	Ilhas Atlânticas Brasileiras: Reservas de Fernando de Noronha e Atol das Rocas	Pernambuco e Rio Grande do Norte
ANO	PATRIMÔNIO IMATERIAL	ORIGEM
2008	As expressões orais e gráficas dos Wajapis	Amapá
2008	Samba de Roda do Recôncavo Baiano	Bahia
2011	Yaokwa, ritual do povo enawene nawe para a manutenção da ordem social e cósmica	Amazônia Meridional
2012	Frevo: arte do espetáculo do carnaval de Recife	Pernambuco
2013	Círio de Nazaré: procissão da imagem de Nossa Senhora de Nazaré na cidade de Belém	Pará
2014	Roda de Capoeira	Bahia
2019	Complexo Cultural do Bumba Meu Boi	Maranhão

FONTE: A autora baseada em UNESCO (2021)

Analisando o quadro acima verificamos que o Brasil possui 30 patrimônios salvaguardados pela UNESCO, sendo 16 patrimônios materiais culturais, 7 patrimônios naturais e 7 patrimônios imateriais. Note-se que o patrimônio destacado

por um asterisco no QUADRO 1 é classificado como patrimônio misto pela UNESCO, ou seja, se configura como cultural e natural ao mesmo tempo.

Observamos, também, que o primeiro tombamento do patrimônio material brasileiro data de 1980, mostrando que a proposta de salvaguardar os bens naturais, culturais e históricos mundiais no Brasil, tem pouco mais de quatro décadas. Se considerarmos, no entanto, que o início de tombamentos do patrimônio imaterial brasileiro deu-se em 2008, verificamos que é ainda mais recente a prática de salvaguarda de patrimônios imateriais no país.

Se recortarmos ainda mais esse quadro e chegarmos na realidade do Paraná, onde se contextualiza essa pesquisa, veremos que o Estado conta com apenas 1 Patrimônio Mundial Tombado pela UNESCO, a saber, o Parque Nacional de Iguaçu, na cidade de Foz do Iguaçu, como apresentado no QUADRO 1.

Em nível Federal, o Estado do Paraná conta com 18 tombamentos registrados, 8 processos que foram indeferidos e 7 em processo de instrução, isto é, que estão sendo analisados pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), conforme apresentado em **ANEXO I**. De acordo com o documento em anexo, todos os 18 tombamentos registrados pelo IPHAN, são patrimônios de cunho material, que estão espalhados em 6 cidades do Estado do Paraná – Curitiba, Antonina, Campo Largo, Guaratuba, Lapa e Paranaguá (ver em **ANEXO I**). Em se tratando do tamanho do Estado do Paraná, além de sua riqueza histórico-cultural e ambiental, embora importantes, essas ações se tornam insuficientes para contemplar as necessidades reais em termos de preservação de bens no Estado. Além disso, vale questionar: em nível nacional quem define o que realmente se configura patrimônio e o que deve ser salvaguardado? Nesse sentido, Fonseca explica que,

[...] a legislação brasileira determina que cabe ao Estado, através da instituição competente, avaliar os bens a serem tombados pela instância federal. O exercício dessa competência foi regulamentado pela lei nº 25 de 30/11/1937. A legislação brasileira, à diferença de vários países, não estabelece critérios objetivos – como datação ou classe de bens – e sim competências que devem ser exercidas levando-se em conta determinados valores (FONSECA, 2009, p. 200).

É plausível que seja da alçada do Estado, através de instituições aptas, o interesse em salvaguardar os bens patrimoniais que compõem o acervo natural e cultural territorial. Com efeito, existe a necessidade das práticas de preservação através de tombamentos por um órgão regulador, afinal são as mesmas que garantem

(ou pelo menos devem garantir) a salvaguarda do patrimônio em nível regional e mundial.

No entanto, é válido questionar, também, quais são os tais critérios estabelecidos pelo Estado, em suas instâncias governamentais, para promover políticas de preservação do patrimônio, a fim de que essas políticas sejam legítimas. É necessário apontar para a autenticidade dessas ações de salvaguardar o patrimônio. O afã em realizar tombamentos com o simples intuito da preservação pela preservação, sem finalidade propositiva e interativa com a sociedade, pode esvaziar o real fundamento da conservação do patrimônio tornando-o, como afirma Guillaume (2003), apenas um fim em si mesmo.

2.4.2 Patrimônio de quem e para quem?

As políticas de preservação do patrimônio tendem a ser validadas por determinados agentes e critérios de interesse público ou privado, que ditam aquilo que deve ou não ser preservado. Esse fator levanta alguns questionamentos os quais são pertinentes refletir. Afinal, quais são esses agentes e quais são os critérios determinantes para a política do patrimônio? Quem determina quais são os territórios patrimonializados? Que patrimônio é esse? Patrimônio de quem e para quem?

Desde já saliento que não pretendo responder prontamente essas questões, dada a complexidade teórica em que as mesmas se inserem (seria necessário realizar uma tese para isso). A ideia é que possamos refletir conjuntamente a respeito dessas inquietações que permeiam o tema do patrimônio e que, através dessas reflexões, possamos analisar o tema de forma crítica e holística.

A princípio, essas indagações surgem, a partir de uma tendência de pensamento normativo a respeito da perspectiva patrimonial, cuja narrativa é comumente outorgada por uma classe dominante que se sobrepõe ostensivamente à estrutura plural de uma sociedade. Pierre Bourdieu em sua obra *O Poder Simbólico* argumenta que,

[...] a classe dominante é o lugar de uma luta pela hierarquia dos princípios de hierarquização: as fracções dominantes, cujo poder assenta no capital econômico, tem em vista impor a legitimidade da sua dominação quer por meio da própria produção simbólica, quer por intermédio dos ideólogos conservadores os quais só verdadeiramente servem os interesses dos dominantes [...] (BOURDIEU, 1989, p. 12).

Podemos aplicar esse pensamento em diversos contextos, inclusive, na relação entre o patrimônio e o turismo, cujo *modus operandi* é, predominantemente, estruturado por uma classe mercadológica dominante, em que o maior interesse é atrair a clientela visitante e a venda do seu produto – a despeito, muitas vezes, dos interesses da própria população visitada. Sobre esse raciocínio poderíamos questionar: mas, qual o problema de o mercado desejar atrair clientes e vendas? Isso não gera emprego, renda e move a economia de forma positiva? A resposta é, sim; e isso é fato legítimo. No entanto, o problema não está precisamente na função do mercado, mas na sua intenção e ação diante desse processo. É sabido que a lógica que procede do mercado capitalista, o qual estamos inseridos e mergulhados é buscar priorizar o capital (MARX, 1996).

[...] na sociedade capitalista atual, cada capitalista industrial produz por iniciativa própria o que quer, como quer e quanto quer. A necessidade social, todavia, permanece para ele uma grandeza desconhecida [...] (MARX, 2018, P. 19).

Essa lógica ostensiva, além de reproduzida continuamente pela atividade turística é reproduzida muitas vezes, também, na dinâmica patrimonial, quando essa serve aos interesses do capital, em detrimento da sua legítima vocação sociocultural e educacional. Embora as políticas patrimoniais e de preservação sejam de competência majoritariamente pública, por vezes, as mesmas são influenciadas pela normativa de mercado e que, geralmente, está engendradora na concepção colonial. Segundo Lander, essa lógica colonial tem seu cerne,

[...] na autoconsciência europeia da modernidade [...] que servem de fundamento ao contraste essencial estabelecido a partir da conformação colonial do mundo entre ocidental ou europeu (concebido como o moderno, o avançado) e os “outros”, o restante dos povos e culturas do planeta (LANDER, 2005, p. 10).

O que dizer dos inúmeros monumentos de personagens da nossa história – muitos deles perseguidores e até exterminadores de diversos povos originários/colonizados/escravizados – e que são erguidos em espaços públicos os quais os mesmos provocaram seus horrores? Como lidar com a realidade em ver erguidos em seu território de origem, monumentos e bustos dos ditos “heróis” da nação que oprimiram, perseguiram e mataram? Talvez possamos encontrar uma

resposta para essas inquietações nos inflamados e tão necessários versos do samba enredo da Mangueira¹⁵,

[...] Brasil, meu nego
Deixa eu te contar,
A história que a história não conta
O avesso do mesmo lugar
Na luta é que a gente se encontra
Brasil, meu dengo
A Mangueira chegou
Com versos que o livro apagou
Desde 1500, tem mais invasão
Do que descobrimento
Tem sangue retinto pisado
Atrás do herói emoldurado
Mulheres, tamoios, mulatos
Eu quero um país que não está no retrato [...]

Esse trecho do samba da Mangueira, com enredo *História Pra Ninar Gente Grande*, descreve em tom de denúncia as agruras que a colonização aviltou, e escancara os funestos rastros de opressão que colhemos desse período até os nossos dias, na intenção de romper com essa lógica de domínio colonizador.

Nesse contexto, a escritora Lilia Schwarcz¹⁶ exemplifica alguns monumentos que representam uma exaltação à colonização e registram uma memória, a revelia das narrativas de populações inteiras que foram duramente sufocadas pela violência colonizadora. Em um dos exemplos, Schwarcz (2020) descreve o denominado *Monumento às Bandeiras*, também conhecido pela população como “empurra-empurra” ou “puxa-puxa”, onde é retratado a figura dos bandeirantes em seus imponentes cavalos, e logo atrás, os povos colonizados em posição subalternizadas, que aparecem puxando o barco. Na fotografia abaixo é possível ver a tão famosa obra de Victor Brecheret, localizada no parque do Ibirapuera na cidade de São Paulo.

¹⁵ Estação Primeira de Mangueira - escola de samba campeã em 2019 com o enredo: História Pra Ninar Gente Grande. Composição: Danilo Firmino / Deivid Domênico / Mamá / Márcio Bola / Ronie Oliveira / Tomaz Miranda.

¹⁶ Lilia Moritz Schwarcz é professora do Departamento de Antropologia da USP e autora de vários livros na área de antropologia e história. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=uzsCjye262Y&t=234s> publicado em 10/06/2020.

FOTOGRAFIA 1: Monumento às Bandeiras



FONTE: parqueibirapuera.org (2022)

Em mesmo vídeo, a historiadora afirma que “está na hora de ressignificar nosso espaço público” (SCHWARCZ, 2020), sugerindo que seja necessário a conscientização e politização sobre essas obras, realizando uma análise crítica desses monumentos, com o fim de disputar uma narrativa decolonial de patrimonialização desses espaços. Este, assim como outros muitos monumentos, representa também, a inclinação em forjar uma caracterização homogênea de espaços, paisagens, atrativos, serviços (FONSECA, 2009; PELEGRINI et al., 2010), entre outros diversos fatores que ameaçam a legítima identidade e alteridade cultural de vários povos.

Quando realizamos essa leitura da perspectiva do patrimônio, percebemos a sagacidade que existe em atribuir, cabalmente, valor patrimonial a um ícone de essência simbólica colonialista. Em participação no seminário¹⁷ da ANPTUR, o professor Leandro Brusadin (2021) argumenta que é o público quem legitima e atribui poder simbólico ao patrimônio. Eis, portanto, a importância de promover a formação cidadã e de senso crítico a todo indivíduo, para que saibam reconhecer, interpretar e preservar seus símbolos.

Para que esse processo de sensibilização crítica da consciência seja pleno é necessário haver um projeto efetivo de educação. Não se trata de qualquer projeto, mas sim, de um projeto de educação com viés libertador, cujo objetivo seja o de promover a investigação, o senso crítico e a reflexão (FREIRE, 1967) – elementos

¹⁷ Seminário Anptur - Desafios e Tendências do Turismo e Patrimônio; transmitido em 25/06/2021, sob a moderação de Thiago Allis (USP), e participação de Vander Valduga (UFPR), Leandro Brusadin (UFOP) e Eloise Botelho (UNIRIO). *Link* de acesso: <https://www.youtube.com/watch?v=ejoo3lft8CI&t=2700s>

vitais para suprimir as narrativas alienantes que, por vezes, são reproduzidas pelo desconhecimento.

Com isso, verificamos que a dinâmica patrimonial nos impulsiona a mudar algumas perspectivas que ainda se encontram engessadas por um modelo de caráter dominante – e sobre isso, veremos mais detalhes na seção **Error! Reference source not found.** – Por ora, trarei à pauta os conceitos de memória e identidade, com o intuito de refletir sobre seus frutivos aspectos e dessa forma, compreender melhor a sua relação com o patrimônio.

2.5 Memória e Identidade

Antes de iniciarmos uma discussão reflexiva sobre memória e identidade, será necessário ter uma noção (ainda que breve) sobre seus conceitos, partindo de uma perspectiva sociológica, e através de obras clássicas ou de autores que outrora se debruçaram sobre o tema.

Considerando inicialmente o fator memória, é preciso compreender as diferentes manifestações que a mesma pode exercer. Segundo Carvalho (2016), a memória tem como propriedade conservar determinadas informações permitindo ao homem reler e atualizar impressões passadas, ou que representam o passado. Esse conceito imbrica-se ao que Candau (2012) chama de memória propriamente dita ou de alto nível, “que é essencialmente uma memória de recordação ou reconhecimento”, isto é, a memória que é intrínseca ao indivíduo, evocada de forma deliberada e involuntária através de lembranças autobiográficas. Ainda segundo Candau, existe também a chamada “metamemória” que é

[...] a representação que cada indivíduo faz de sua própria memória, o conhecimento que tem dela e, de outro, o que diz dela, dimensões que remetem ao modo de afiliação de um indivíduo a seu passado e igualmente [...] a construção explícita da identidade. A metamemória é, portanto, uma memória reivindicada, ostensiva (CANDAU, 2012, p. 23).

Todo indivíduo é representado pelo conhecimento que ele tem de si mesmo enquanto cercado de suas conjunturas sociais e culturais constituindo, assim, a sua identidade (HALL, 2006; CANDAU, 2012). Para compreender melhor esses atributos inerentes à condição humana, podemos recorrer também a Halbwachs (1990),

quando explica que o indivíduo participa de duas espécies de memórias, que seriam as individuais e as coletivas, sendo a primeira partícipe da segunda. Logo, podemos considerar que essas duas memórias – mais especificamente a memória autobiográfica e a memória histórica (HALBWACHS, 1990), ainda que distintas estão conectadas, a fim de produzir – através do processo mnemônico – as lembranças essenciais para suscitar em cada ser humano o senso de identidade e existência.

A formação e compreensão da identidade é essencial para o entendimento do indivíduo enquanto um ser social, político e cultural, além de ser grande aliada no processo da concepção de uma identidade coletiva. Ainda que o conceito de identidade seja pouco compreendido no âmbito científico social devido sua complexidade (LE GOFF, 1990), é necessário discutir sobre a ideia de pertencimento e representação – que está intrínseco ao conceito de identidade – para refletir as manifestações idiossincráticas de um indivíduo ou de uma população; e, posteriormente, pensar estruturas de desenvolvimento político e econômico em um determinado contexto sociocultural.

Pollak (1992) traduz a identidade como a imagem que um indivíduo constrói de si mesmo, para apresentar-se aos outros, enquanto um fator de representação de si mesmo. Logo, é através da identidade que o indivíduo se reconhece e até se reconcilia com a sua própria origem. Para Hall (2006) a identidade não é um fator fixo e permanente individual, pois não se constitui biologicamente, mas sim historicamente e de acordo com as representações culturais que cercam o indivíduo sendo, portanto, uma espécie de “celebração móvel” (HALL, 2006) que se constitui em uma dinâmica constante.

Quando nos aproximamos desses conceitos, elaborados por autores clássicos sobre o tema, compreendemos que a identidade está diretamente ligada a fatores mnemônicos, uma vez que,

[...] a memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual como coletiva, na medida em que ela é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si (POLLAK, 1992, p. 203).

Podemos inferir, portanto, que memória e identidade se conectam entre si, pois, a memória faz parte da essência humana e conduz o indivíduo na sua trajetória em busca de sua identidade social.

Enquanto a memória individual – que está conectada a memória autobiográfica – gera características e identidades próprias de cada ser humano, a memória coletiva, produz uma identidade social uma vez que se encontra perpetrado num coletivo (HALBWACHS, 1990; CANDAU, 2012). A ideia de coletividade está relacionada a um grupo que compartilha maneiras similares de realizar diversas ações tais como, gesticular, se comunicar, se vestir, etc., isto é, formas similares de estar no mundo (CANDAU, 2012). Isso propicia também, que o indivíduo se espelhe nas pessoas mais próximas do seu grupo, a fim de buscar uma espécie de referência através de memórias comuns. Halbwachs (1990) cita que,

[...] um homem, para evocar seu próprio passado, tem frequentemente necessidade de fazer apelo às lembranças dos outros. Ele se reporta a pontos de referência que existem fora dele, e que são fixados pela sociedade. Mais ainda, o funcionamento da memória individual não é possível sem esses instrumentos que são as palavras e as ideias, que o indivíduo não inventou e que emprestou do seu meio (1990, p. 54).

Portanto, quando o indivíduo examina a sua história, ele também recorre às memórias do grupo o qual o mesmo está inserido, e se torna potencialmente influenciado pela coletividade que o cerca, cuja fonte, esse indivíduo está fadado a confiar. A bagagem histórica e cultural dessa memória coletiva guia o indivíduo ao reconhecimento de si e ao grupo em que o mesmo está inserido, traçando então, a sua identidade social.

A compreensão mais subjetiva da memória, assim como, da percepção humana, apontam para nuances sutis da dualidade desses elementos e são reveladas não apenas na literatura temática, mas em nossa própria vivência.

2.5.1 “Muda o rio e mudamos nós” – Memória e Percepção

Quando decidi concorrer a uma vaga no curso de Pós Graduação *Stricto Sensu* de Turismo comecei a me aproximar, com mais afinco, dos conceitos e teorias sobre o tema que eu pretendia estudar para realizar meu projeto de pesquisa. Foi então, num desses momentos na biblioteca, absorta em minhas reflexões sobre turismo, patrimônio e memória, que me deparei com um livro que continha a seguinte citação:

[...] uma pessoa não pode tomar banho duas vezes no mesmo rio. A água se renova a cada instante com o correr do rio; as células [do nosso corpo] se renovam a cada instante [...]. **Muda o rio e mudamos nós**; a cada instante, o rio não é mais o mesmo e nós não somos mais os mesmos [...]. Se tomamos consciência somente daquilo que nossos sentidos nos informam nesse instante, não poderemos saber o que é o dia de ontem, o que é um dia, e não saberemos ao menos quem somos.

O que liga então aquilo que fui ontem ao que sou hoje? O que liga a criança que já fui, ao adulto que sou? O que me dá continuidade? O que me informa quem sou e me dá identidade? É a memória (AGUILERA, 2008 *in* IPHAN, 2008, p. 71, grifo próprio).

Quando li essa citação, meu entendimento sobre o papel da memória ficou tão cristalino quanto as águas do transparente rio que se desenhava em meu imaginário ao ler esses quase versos; e, então, esse conceito fez muito mais sentido para mim. Através dessas poucas, simples, mas profundas palavras compreendi que a memória não se trata apenas de lembranças que temos guardadas em mente, mas é, também, um elemento que não permite que o indivíduo se perca de si mesmo, dando sentido à sua existência (BOSI, 1994; AGUILERA, 2008 *in* IPHAN, 2008). Ainda que estejamos em constante mudança (e é certo que estamos), existe um elo que nos conecta às nossas origens e que liga nosso eu de ontem ao nosso eu de hoje, e esse elo é a memória. No entanto, assim como um rio que em seu percurso sofre com diversas ações externas, tais como as intempéries climáticas, intervenções humanas, entre outros fatores; de mesmo modo nós sofreremos com diversas ações ao longo da vida que podem causar mudanças nas atitudes e percepções sobre nossa própria memória. Em sua obra *Memória e Sociedade*, Ecléa Bosi lança luz a esse respeito:

A lembrança é uma imagem construída pelos materiais que estão, agora, à nossa disposição, no conjunto de representações que povoam nossa consciência atual. Por mais nítida que nos pareça a lembrança de um fato antigo, ela não é a mesma imagem que experimentamos na infância, porque nós não somos os mesmos de então e porque nossa percepção alterou-se e, com ela, nossas ideias, nossos juízos de realidade e de valor (BOSI, 1994, p. 55).

Logo, assim como mudamos nós, mudam os nossos pensamentos e concepções sobre aquilo que um dia experienciamos e guardamos na memória; e, desse modo, vamos sendo como nos versos de Raul Seixas (1973), essa “metamorfose ambulante”¹⁸. Ainda segundo Bosi, “a lembrança é a sobrevivência do passado” (BOSI, 1994), essencial para a construção do amanhã. Para Bergson

¹⁸ Canção composta e interpretada por Raul Seixas, do álbum *Krig-ha, Bandolo*, de 1973.

(1999), as lembranças são as memórias conservadas no espírito de cada indivíduo, no entanto, devido a constante dinâmica da identidade social (HALL, 2006), as interpretações da memória podem incidir significativamente sobre as percepções do indivíduo ao longo de sua trajetória de vida... “eu quero dizer agora, o oposto do que eu disse antes” (SEIXAS, 1973), pois hoje as opiniões de experiências e memórias que um dia vivi, já não correspondem às percepções que eu tinha no passado.

Para a neuropsicologia, percepção é a capacidade cognitiva de processar as informações e estímulos aos quais nossos órgãos sensoriais são submetidos (ENDO; ROQUE, 2017; BATISTA; RODRIGUES; BRIZANTE; FRANCHESCI, 2008). Embora esteja ligada aos cinco principais sentidos do corpo humano – visão, olfato, paladar, audição e tato – que são sensores responsáveis por captar e enviar informações para o nosso cérebro (BERGSON, 2006), a percepção é também uma forma de exercitar a capacidade de sapiência humana. “Na realidade, não há percepção que não esteja impregnada de lembranças” (BERGSON, 1959 *apud* BOSI, 1994, p. 46) e essas chamadas percepções são, também, moldadas pelo nível de consciência que existe em cada indivíduo (BERGSON, 1999), ou seja, as memórias e lembranças não bastam se não existe senso crítico para significar e discerni-las.

“A percepção é uma atividade; um estender-se para o mundo” (TUAN, 2012), uma ação que exige atenção, curiosidade e sensibilidade por parte do indivíduo. Segundo Endo e Roque (2017, p. 83), a percepção é caracterizada como um fator psicológico que se define “como o processo pelo qual selecionamos, organizamos e interpretamos estímulos, traduzindo-os em uma imagem significativa e coerente”. Contudo, para interpretar e significar esses estímulos, os quais somos constantemente expostos, é necessário realizar um processo cognitivo que se institui no campo da memória. Para dar sentido às imagens e situações ao nosso redor, recorreremos, muitas vezes, às memórias que outrora nos constituíram enquanto indivíduos.

Nesse aspecto, os autores Bergson e Halbwachs – contemporâneos entre si – apresentam perspectivas diferentes sobre percepção e memória. Segundo a autora Ecléa Bosi,

No estudo de Bergson defrontam-se, portanto, a subjetividade pura (o espírito) e a pura exterioridade (a matéria). A primeira filia-se à uma memória; a segunda à percepção. Não há, no texto de Bergson, uma tematização dos sujeitos-que-lembram, nem das relações entre os sujeitos e as coisas lembradas; como estão ausentes os nexos interpessoais, falta, a rigor, *um*

tratamento da memória como fenômeno social. Nada como um sociólogo [Halbwachs] para se propor a preencher esse vazio (BOSI, 1994, p. 54).

Enquanto Henri Bergson se esforça para dicotomizar a concepção de memória e de percepção enquanto elementos de distintos campos da essência humana (corpo e espírito), Maurice Halbwachs, inspirado pelo sociólogo Émile Durkheim, fundamenta seu entendimento sobre a percepção e memória como um processo de cunho essencialmente social. Para Halbwachs (apud BOSI, 1994), a memória tem caráter excepcionalmente livre e espontâneo, o qual está diretamente ligado às suas relações de grupos e instituições sociais, tais como, família, ambiente escolar e profissional, igreja, cidade etc.

É nessa perspectiva de Maurice Halbwachs, portanto, que irei me ater para costurar essa pesquisa. Recorrerei às memórias individuais e sociais em que se fundamentam as identidades, para investigar as percepções de moradores do município de Pinhais sobre sua história, seu patrimônio e como isso influencia no turismo da região, buscando, antes de mais nada, respeitar o curso dos seus 'rios' rompendo com as "âncoras" epistemológicas que nos acorrentam; e, assim, navegar suavemente pelos caminhos dessas águas.

3 O PERCURSO

Através dos estudos elaborados, ao longo do curso de mestrado, me deparei com muitas abordagens e reflexões sobre as fundamentações metodológicas para a pesquisa científica. Os debates sobre metodologia em sala de aula, das leituras de variados autores de diversas escolas científicas a respeito do assunto, assim como, algumas abordagens em conferências e webinários¹⁹, puderam me aproximar da discussão sobre o tema para elaborar um pensamento mais crítico sobre o método científico e enxergá-lo de modo mais abrangente.

Esse contato mais próximo com o ambiente acadêmico, me fizeram refletir consideravelmente sobre as pautas existentes dentro do campo científico e suas nuances, especialmente a respeito do meu campo de estudo: o turismo. Alguns embates epistemológicos com professores e colegas surgiram, ao longo desse processo, mas foram muito proveitosos no sentido de amadurecimento dos conceitos e ideias, para que eu pudesse visualizar quais os procedimentos metodológicos seriam pertinentes para desenvolver essa pesquisa.

Esse tão enriquecedor processo de desconstrução e descobertas acadêmicas, culminou com o inesperado fator de estarmos atravessando uma grave pandemia e confesso que isso muito me afetou e fragilizou emocionalmente. Com a gravidade da situação, foi preciso realizarmos um sério procedimento de isolamento social, que afetou a vida de todos em diversos aspectos. Uma das minhas grandes frustrações nesse contexto, foi não ter tido a oportunidade cursar a maior parte do mestrado, podendo desfrutar dos ares do Campus²⁰ da Universidade e as raízes históricas daquele lugar; de compartilhar ideias e experiências com professores, colegas e amigos; de folhear os livros na biblioteca e os tomar emprestados; enfim, de me sentir verdadeiramente participante do universo acadêmico.

Nesse período, as aulas resumiram-se a uma tela fria de computador (para quem tinha computador), desafiando professores e estudantes a se reinventarem enquanto corpo docente e discente em meio àquele caos. Contudo, mesmo sobrevivendo a esse contexto árduo e diante de todos esses desafios, era necessário prosseguir. Os meios tecnológicos, ainda que limitadores, foram a minha principal

¹⁹ Seminários em formato de videoconferência, com conteúdo educacional e muito utilizado no contexto pandêmico nos anos 2020/2021.

²⁰ Trata-se do Campus Rebouças da Universidade Federal do Paraná, em Curitiba.

ferramenta de pesquisa e a grande aliada na construção dos procedimentos metodológicos em que se delinear a pesquisa.

Para o bom desenvolvimento de toda pesquisa científica é necessário ter uma consistente compreensão das características da pesquisa quanto à sua natureza, abordagem e objetivos, visando ter a real dimensão de toda a complexidade em que a mesma se insere (YIN, 2016; FARIA, 2021). Edgar Morin (2005), apresenta o método enquanto uma atividade pensante, consciente e necessária para a reorganização da teoria. Para Dencker (2000), Yin (2016) e Creswell (2010) é o método que determina a cientificidade do conhecimento e que a valida através dos procedimentos metodológicos adotados. Ou seja, não é plausível realizar uma pesquisa de caráter científico, sem considerar os métodos a serem adotados para produzi-la. A metodologia dá a base para a estruturação do conhecimento científico, através da formação de um espírito crítico que considera a percepção ontológica do objeto e sua reprodução enquanto objeto pensado (DEMO, 1995; FARIA, 2021).

Contudo, é importante destacar que essa pesquisa não pretendeu utilizar de uma determinada escola teórica padrão encerrada em uma unicidade de princípios metodológicos. Devido à complexidade da pesquisa, busquei inspiração em diversos autores, de diversas correntes epistemológicas, os quais me concederam bases teóricas e técnicas para construir um desenho metodológico que bem atendesse ao objetivo da pesquisa.

Veremos, portanto, como se caracteriza a pesquisa, para melhor compreender seus aspectos; em seguida, apresentaremos o seu desenho metodológico, com intuito de apontar de forma mais evidente o caminho pelo qual percorreremos e, por fim, apresentaremos o conjunto de métodos para a coleta de dados e de análise dos materiais, que fizeram parte do processo investigativo da pesquisa, atribuindo-lhe o caráter científico.

3.1 Caracterização da Pesquisa

Por se tratar de um fenômeno essencialmente humano como o turismo, a memória e identidades pensei ser pertinente considerar, nesse estudo, os fatores de interferências socioculturais, bem como, o dinamismo histórico que pode ocorrer no processo de pesquisa. O próprio conceito de turismo tem se mostrado altamente

dinâmico como demonstram as contínuas e crescentes mudanças que o fenômeno vem sofrendo ao longo do tempo e da história.

Isto significa que o fenômeno do turismo deve ser estudado conforme a realidade e o momento histórico no qual se manifesta, o que implica uma aquisição de conhecimento, ao mesmo tempo em que se desenvolve e aprimora o método empregado nesse conhecimento (DENCKER, 2000, p. 20).

Dessa forma, é necessário estar aberto às variáveis que, por ventura, as novas visões e aspectos da pesquisa possam revelar. Vale destacar, também, a importância de saber lidar e aceitar essas provisórias ou mesmo as limitações que possam ocorrer ao longo do processo de investigação do turismo, principalmente, devido ao aspecto dinâmico do objeto.

Em específico, as primeiras características em que se desenvolve essa pesquisa é quanto à sua abordagem qualitativa e sua natureza exploratória. Segundo Dencker,

Em geral, a maioria das pesquisas qualitativas se propõe a preencher lacunas no conhecimento, tendo caráter descritivo ou exploratório, e poucas se originam no campo teórico. Isso se dá porque a pesquisa qualitativa é especialmente indicada para situações em que a teoria não é suficiente para solucionar o problema e o pesquisador necessita buscar em campo as variáveis que serão consideradas na análise. (DENCKER, 2000, p. 98)

Diante dessa afirmação, entendemos que apesar do referencial teórico nos conceder bases para o recorte e estruturação da pesquisa, o campo será parte crucial para responder o problema proposto por essa pesquisa. É na fase de campo, através do contato com o território, com o patrimônio ali inserido e com a memória daqueles que a habitam, que se torna possível estabelecer de forma diligente o caráter qualitativo da pesquisa.

3.1.1 O Caráter Qualitativo da Pesquisa

Para ter uma compreensão mais precisa sobre o caráter qualitativo da pesquisa, vamos voltar um pouco no tempo. O método científico, em seus primórdios, costumava se fundamentar em bases mais inflexíveis e unificadas do fazer científico,

principalmente com o surgimento do movimento filosófico do Círculo de Viena²¹, o qual influenciou profundamente a concepção científica no mundo (HAHN; NEURATH; CARNAP, 1989). Esse movimento que conhecemos também como neopositivismo, inspirou largamente o universo da ciência trazendo inúmeras contribuições para a pesquisa empírica científica, que reverberam até hoje no meio científico e, por isso, deve ter sua importância reconhecida. No entanto, é necessário reconhecer, também, que essa tendência em limitar o procedimento metodológico científico a, simplesmente, uma concepção lógica empirista, pode tornar o campo científico em um espaço perigosamente austero e impositivo.

“A variedade de opiniões é necessária para o conhecimento objetivo” (FEYERABEND, 1977); assim, o filósofo Paul Feyerabend, em sua obra *Contra o Método*, como já vimos, provoca uma reflexão sobre a universalidade do método empirista científico, muito reverenciado em seu tempo. Feyerabend (1977) elucida que a realidade humana é muito mais complexa que a razão puramente lógica e, por isso, deveria existir uma pluralidade metodológica que nos possibilite pensar de forma abrangente sobre o conhecimento científico.

Esse pensamento de Paul Feyerabend, que nos anos 1970, chegou a ser considerado ameaçador para o campo científico tradicional, inspirou e ainda inspira muitos pensadores, e incentiva os mesmos a furarem bolhas em seus meios acadêmicos e elaborarem métodos que são capazes de abarcar a pluralidade científica (LEAL, 2016). Em especial, são nas ciências sociais que a pluralidade mais se acentua, impelindo pesquisadores da área a buscarem meios de ampliar os métodos científicos para responder essas diversas realidades.

É nesse contexto, que a pesquisa qualitativa passa a ser uma aliada enquanto método nas pesquisas das ciências sociais e humanas, uma vez que a mesma se baseia, principalmente, na percepção e na compreensão humana (STAKE, 2011). No entanto, assim como a obra *Contra o Método* de Paul Feyerabend, a pesquisa qualitativa, por vezes, tem sua legitimidade científica contestada por muitos pesquisadores, que possuem dificuldade em aceitar métodos não quantitativos enquanto científicos.

Alguns pesquisadores duvidam que a pesquisa qualitativa possa desempenhar o referido papel; eles apontam os seus limites metodológicos e

²¹ Importante movimento intelectual que surgiu nos anos 1920, e que reuniu pensadores de diversas áreas do conhecimento. O movimento era conhecido, também, como positivismo ou empirismo lógico.

questionam a sua validade. Eles consideram que as capacidades da pesquisa qualitativa são superestimadas quanto à contribuição para o avanço do conhecimento do social e dos problemas sociais. Outros, por sua vez, questionam a contribuição da pesquisa qualitativa à pesquisa social, ressaltando que essa aliança tem efeitos nocivos para a metodologia qualitativa, porque ela a obriga a se afastar das regras estabelecidas pela comunidade científica, para se fechar em um conjunto de regras extra científicas. E outros, por fim, levam ainda mais longe a crítica, associando a análise qualitativa a uma prática ideológica, a uma visão de mundo própria a certos grupos sociais que chegam a se expressar com mais força no campo da pesquisa social. (GROULX, 2014, p. 109)

Analisando essa última citação é possível notar o preconceito ainda existente no ambiente acadêmico em elaborar o pensamento e o fazer científico, livre das amarras hegemônicas epistemológicas que limitam a ciência à um campo de práticas sistemáticas racionais eminentemente cartesianos. A uniformidade científica, ameaça o livre pensamento do indivíduo (FEYERABEND, 1977), tolhendo sua capacidade de elaborar novos conceitos e teorias.

Que fique posto, que não pretendo fazer guerra ao pensamento da racionalidade lógica, uma vez que essa tem o seu papel de importância no campo científico para validar pesquisas que lhes são pertinentes, mas, assim como a pesquisa quantitativa tem seu incontestável valor para a ciência, é preciso reconhecer que a pesquisa qualitativa tem propriedades que são essenciais para a ampliação do saber científico e que se aplicam aos campos subjetivos que se deseja pesquisar.

A pesquisa qualitativa é uma atividade situada que localiza o observador no mundo. Consiste em um conjunto de práticas materiais e interpretativas que dão visibilidade ao mundo. Essas práticas transformam o mundo em uma série de representações, incluindo as notas de campo, as entrevistas, as conversas, as fotografias, as gravações e os lembretes. Nesse nível, a pesquisa qualitativa envolve uma abordagem naturalista, interpretativa, para mundo, o que significa que seus pesquisadores estudam as coisas em seus cenários naturais, tentando entender, ou interpretar, os fenômenos em termos dos significados que as pessoas a eles conferem. (DENZIN E LINCOLN, 2006, p.17)

Como vemos, a pesquisa qualitativa possui diversos critérios científicos e não se deve diminuir o papel da pesquisa qualitativa pelo seu caráter interpretativo de análise, afinal a interpretação é uma legítima ferramenta científica (YIN, 2016). Em contrapartida, o autor Álvaro Pires (2014), faz uma crítica direta ao entendimento de Denzin e Lincoln (2006), ao afirmar que nenhuma pesquisa pode ter em sua abordagem uma aptidão puramente “naturalista”, visto que as próprias estratégias de

instrumentos e análise do pesquisador são suficientes para interferir no processo investigativo.

Já o autor *Lionel-Henri Groulx* (2014), partindo do juízo da existente realidade plural na sociedade, defende a ideia de que a pesquisa qualitativa pode ser a ferramenta mais assertiva na aplicação de estudos que visam analisar questões sociais gerais, já que a mesma tem o propósito de desempenhar um conjunto de técnicas metodológicas mais abrangente. Esse conjunto de técnicas visa coletar um conjunto de dados que consiga fornecer o máximo de informações úteis sobre o tema de pesquisa (DESLAURIES e KÉRISIT, 2014; OLSEN, 2015) de forma a compreender o problema proposto. Logo, percebemos a relevante contribuição da pesquisa qualitativa para estudar determinado contexto social em sua diversidade e complexidade.

A escolha em realizar uma pesquisa em turismo com abordagem qualitativa, não é aleatória, mas pensada intencionalmente, com propósito em considerar toda a subjetividade do nosso objeto, respeitando a diversidade que a cerca. Cabe realizar a sua investigação a partir de uma percepção mais holística, “a fim de ter em conta o contexto sociocultural de cada situação-problema e de compreender a especificidade e a complexidade dos processos em jogo” (GROULX, 2014, p. 97). É necessário pontuar essa questão, porque, embora o nosso campo de pesquisa seja um fenômeno de natureza predominantemente qualitativa – por se tratar de uma experiência humana, em toda sua pluralidade (URRY, 2001; DENCKER, 2000; VEAL, 2011) – o turismo não fugiu à regra em ser abordado pelas lentes de uma metodologia de lógica empírica dura e universal, em seus estudos iniciais.

Por muitos anos, abordagens qualitativas foram vistas como problemáticas nas ciências sociais. A maioria dos cientistas sociais procurou imitar os métodos positivistas das ciências naturais [...]. Isso se refletiu nos primeiros estudos de lazer e turismo (VEAL, 2011, p. 265-266).

Com isso, percebemos que, assim como, em diversas outras áreas do conhecimento, o turismo precisou entrar na caixinha tradicional epistemológica para ter seus estudos validados cientificamente (PANOSSO NETTO; NECHAR, 2016; SANTOS FILHO, 2005). Nesse sentido, a abordagem qualitativa poderá nos apontar um caminho viável de pesquisa por sua capacidade de se ocupar de campos complexos, por sua flexibilidade de adaptação ao longo da investigação e por admitir

a descrição em profundidade de importantes aspectos do ser investigador e investigado (PIRES, 2014). Essa pesquisa, portanto, irá propor romper com a condição epistemológica hegemônica, muitas vezes, norteadas pelos estudos eurocentrados, de predominância linguística anglo-saxônica e de cultura colonialista, aspirando utilizar da abordagem qualitativa na pesquisa, com a intenção de apontar para um pensamento epistemológico crítico e decolonial.

3.1.2 O Caráter Exploratório da Pesquisa

O caráter exploratório da pesquisa se dá pela intenção em perscrutar um território – físico e conceitual – ainda pouco explorado, onde a experiência do pesquisador em relação ao fenômeno estudado será determinante no processo de investigação e análise; e cuja ideia seja a de apresentar proposições, a fim de abrir caminhos para novas pesquisas. Gil explica que,

Pesquisas exploratórias são desenvolvidas com o objetivo de proporcionar visão geral, de tipo aproximativo, acerca de determinado fato. Este tipo de pesquisa é realizado especialmente quando o tema escolhido é pouco explorado e torna-se difícil sobre ele formular hipóteses precisas e operacionalizáveis (GIL, 2008, p. 27).

O município de Pinhais, com seus apenas 30 anos de emancipação, pode ser uma região com um potencial traço exploratório, já que a mesma se insere em um espaço territorial político ainda muito jovem e com políticas administrativas igualmente recentes. Esse fator pode ser interessante por um lado, pois a peculiaridade de Pinhais em ser um território recentemente estabelecido, demonstra que essa é uma região que pode haver muito potencial exploratório, mas que por outro lado pode vir a manifestar algumas limitações para a pesquisa, especialmente, quanto à escassez de materiais científicos que poderiam agregar ao estudo.

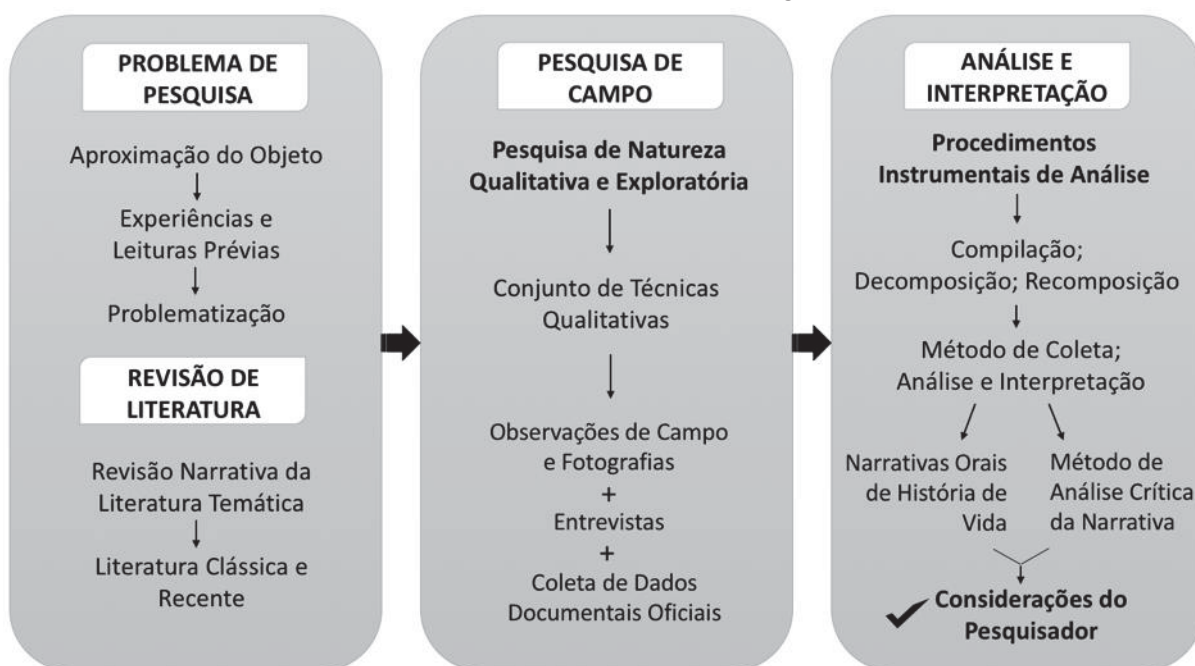
Contudo, ainda que nos deparemos com as dificuldades que o campo possa manifestar, o caráter exploratório da pesquisa nos guiará para um caminho instigante de estudo de campo, visto que a característica do estudo exploratório está em se familiarizar e conhecer o contexto de determinado fenômeno sobre o qual se deseja obter conhecimentos adicionais (YIN, 2016). Com isso, esperamos abrir caminhos para novos e contínuos estudos sobre o turismo de Pinhais, que possam contribuir

não somente para o desenvolvimento científico, mas também, socioeconômico e cultural da região.

3.2 Desenho Metodológico

Como sugere o próprio nome, o que denomino nessa sessão de “desenho metodológico” se refere ao esboço dos processos de construção metodológica da pesquisa, ou, para ser mais sucinta, o caminho metodológico que iremos percorrer. Abaixo, podemos ver a FIGURA 3 detalhando esse percurso, desde a problematização da pesquisa, até as considerações da pesquisadora:

FIGURA 3: Desenho Metodológico



FONTE: A autora (2022)

Conforme estruturado no FIGURA 3: Desenho Metodológico, esse trajeto tem início antes mesmo do processo dissertativo, quando da aproximação do objeto e das leituras prévias sobre o tema. Já com o processo dissertativo, chegamos à problematização da pesquisa, mais precisamente na parte introdutória da dissertação. Em seguida, pude verificar, também, a temática da pesquisa, através da revisão narrativa de literatura que contemplou obras de autores referência e produções recentes. Seguiremos o percurso dessa proposta de estrutura metodológica

apresentando, a seguir, o campo, os instrumentos para coleta de dados e o processo de interpretação e análise propostos por essa pesquisa.

3.3 No Campo e Na Memória

Estar em campo é uma fase da pesquisa muito esperada por mim, pois os dados dessa pesquisa se dão em áreas que eu tenho prazer em percorrer: a história e a memória. Acrescento que o campo em questão é, também, parte da minha história e da minha memória. O fato do campo de pesquisa se dar no mesmo local de minha atual residência, a saber, o município de Pinhais, no Estado do Paraná, pode apresentar algumas facilidades como, por exemplo, o fator do deslocamento e o conhecimento de alguns moradores; mas também pode apresentar algumas interferências importantes a se considerar.

Embora eu seja residente da região de Pinhais há 10 anos, e eu esteja perfeitamente inserida no contexto local, as minhas raízes culturais estão fincadas em uma cultura muito diferente da qual eu vivo atualmente. Tão logo, a minha identidade enquanto mulher nordestina, nascida em Salvador (conhecida entre nós baianos como a “capital da resistência”), que se orgulha de suas raízes afro-indígena, e de militância política socialista e antirracista, certamente estará presente em todo processo de pesquisa, guiando o meu olhar sobre todas as ações em campo. Isso porque, no estudo qualitativo, o pesquisador se torna o principal instrumento de pesquisa (VEAL, 2011; YIN, 2016).

Ser o principal instrumento de pesquisa exige que o pesquisador esteja ciente das potenciais tendenciosidades e idiosincrasias do instrumento (ou seja, a suas). Elas incluem condições resultantes de seus antecedentes pessoais, suas razões para fazer a pesquisa e suas categorias ou filtros que poderiam influenciar seu entendimento dos eventos e ações no ambiente. (YIN, 2016, p. 109)

Em verdade, devo admitir que ainda não consigo ter a real dimensão do efeito que esse aspecto refletirá na pesquisa, no entanto, esse fator me concede meios para pensar sobre o meu papel enquanto investigadora e parte investigada tendo em mente que,

[...] o trabalho de campo exige estabelecer e manter relações genuínas com outras pessoas e ser capaz de dialogar confortavelmente com elas. Desenvolver relações viáveis pode ser o maior desafio pessoal ao fazer pesquisa qualitativa. Muitas habilidades necessárias se reúnem para sermos capazes de gerenciar o trabalho de campo – e sermos capazes de lidar com as incertezas que ela cria. (YIN, 2016, p. 98)

Quando li essa citação no livro de Robert Yin, senti que esse seria um dos meus maiores e mais árduos desafios na pesquisa. Digo isso por ter vivido um misto de experiências emocionais e culturais intensas e outras um tanto traumáticas.

Logo que cheguei ao Paraná, ainda envolvida com o frescor em viver uma nova etapa de vida, num novo lugar, me deparei, infelizmente, com ares de um ambiente racista, sexista e até mesmo xenófobo em relação aos nordestinos. Tive o desprazer de presenciar tais ações praticadas por algumas pessoas da região. Toco nesse ponto, ainda que desconfortável, para que fique posto para o leitor que toda essa carga emocional, são fatores que podem influenciar o meu trabalho em campo já que, como bem elucida Robert Yin (2016), o pesquisador é o principal instrumento analítico e interpretativo da pesquisa qualitativa. Do ponto de vista qualitativo, os sujeitos sociais são aqueles que interpretam sua condição e apontam estratégias (GROULX, 2014), e o pesquisador também se insere nesse contexto.

Entretanto, cabe salientar, que as minhas experiências em viver no Paraná não se resumiram apenas a essas agruras traumáticas. Muitas foram e são as marcas positivas dessa experiência: a riqueza histórica da região, os agradáveis momentos que desfruto no dia a dia no município de Pinhais, além dos incríveis registros que realizo enquanto saio para fotografar, pedalar, caminhar e apreciar as belezas naturais que se revelam diante dos meus olhos ao mirar as minhas vizinhas araucárias; apreciar o mais belo nascer do Sol da minha privilegiada vista para a Serra do Mar; ouvir o canto dos pássaros que sempre me acompanham e que eu posso ouvir suavemente, enquanto escrevo essas linhas; todas essas são graciosas marcas da minha experiência de viver em Pinhais, e que certamente, carregarei comigo não apenas no trabalho de pesquisa de campo, mas para toda a vida.

O campo me traz memórias, pois Pinhais já faz parte da minha história. Enquanto moradora de Pinhais e parte interessada dessa comunidade, não seria honesto de minha parte estar tão somente na posição de investigadora neutra, uma vez que estou completamente imersa nessa realidade. Por esse motivo, proponho me

inserir, também, no processo investigativo de modo veemente. Nesse ponto, tomo emprestado as inspiradoras palavras de Formick:

Trago para este fim uma reflexão em primeira pessoa a partir das minhas experiências acadêmicas e profissionais e da visão de mundo que construí com base neste histórico. A questão central que trago nestes escritos é o pensar sobre relações possíveis entre o “outro” [morador de Pinhais] e o “eu” pesquisador (FORMICK, 2022, p. 186-187).

Mas para assumir tal incumbência, é necessário ter honestidade e pleno discernimento da minha condição enquanto um ser social que fala sobre o “outro”. Nesse sentido, recorro à filósofa Djamila Ribeiro (2017), e sua obra *O Que é Lugar de Fala*, onde é posto que todo ser humano deve compreender o seu lugar sociocultural antes de abordar sobre qualquer assunto – ainda que este não tenha competência experiencial para abordá-lo. Ou seja, todo indivíduo está inserido num determinado grupo social e imerso em seus valores culturais. Logo, a importância desse indivíduo ter plena consciência que o lugar em que ele se encontra não deve ser naturalizado como o padrão hegemônico social. Isto é, todo indivíduo precisa ter noção do seu próprio contexto histórico e social antes de emitir palpites em contextos outrem, além de ter a perspicácia em reconhecer que o seu lugar de fala não pode se sobrepor a qualquer outra realidade legítima (RIBEIRO, 2017).

Além dessas premissas, ainda outros tantos desafios na pesquisa poderão me ser reveladas. Segundo Dencker (2000), se faz necessário estar aberta ao fato da imprevisibilidade de campo, já que podem haver novos temas e novas experiências que poderão emergir ao longo da pesquisa de campo – ainda mais quando pretende colocar-se na delicada posição de investigadora-investigada. Contudo, todos esses desafios da pesquisa qualitativa só comprovam a legitimidade científica do método, além de evidenciar a beleza que há nas subjetivas peculiaridades que abarcam as ciências sociais.

A seguir, irei discorrer sobre os instrumentos metodológicos que serão necessários para realizar a coleta de dados em campo e que darão o caráter empírico-científico à nossa pesquisa.

3.4 Métodos para Coleta de Dados

Para realizar a coleta de dados em campo, utilizei quatro tipos de coletas sugeridas por Yin (2016) – coletas documentais, entrevistas, observações, e sentimentos – este último está relacionado aos sentidos e/ou sensações que podem envolver ruídos, clima, ambientação e relações sociais entre os participantes e que cabe perfeitamente nessa proposta de pesquisa (YIN, 2016). A princípio, realizei um levantamento dos dados culturais e turísticos na secretaria de cultura e no departamento do turismo do município de Pinhais, através de pesquisas internas, inventários, entre outros meios. Em seguida, entrevistei os moradores, com o objetivo de coletar depoimentos, através de suas memórias. E por fim, realizei a análise de todo o conteúdo levantado, para apresentar, interpretar e dissertar.

Quanto ao método de observações de campo, eu utilizei da fotografia como elemento adicional não apenas para observar o patrimônio material de Pinhais como, também, para captar os sentimentos, como sugerido por Yin (2016). Pouco tempo após minha chegada ao Paraná, tive a oportunidade de estudar e aprimorar a fotografia, que se tornou uma habilidade autoral e profissional. Hoje, a fotografia me acompanha e essa certamente se torna uma ferramenta significativa de contribuição no processo de pesquisa, pois através do olhar fotográfico autoral e oficial trago, também, minhas percepções pessoais sobre o campo. Desse modo, captei imagens fotográficas das minhas sensações através das minhas observações em campo, além de ter analisado fotografias oficiais do município, a mim gentilmente concedidas.

A escolha de entrevistas como uma das técnicas a serem utilizadas no processo dessa pesquisa se dá pela necessidade de aprofundamento de conhecimento qualitativo de campo. De acordo com Lima (2016), a entrevista é a técnica que consiste em gerar e, também, manter conversações com pessoas consideradas chaves no processo da investigação. Assim, buscarei compreender a realidade e experiências desses indivíduos a serem entrevistados, pois o material necessário para a apreensão da realidade a qual pesquisamos, não pode ser encontrada apenas na escrita, uma vez que os dados que precisamos para entender o contexto temático, também, se encontra nas experiências individuais (DENCKER, 2000).

Temos um contingente reduzido, porém representativo de moradores que foram entrevistados, pois o objetivo era esquadrinhar as memórias de pessoas que

tem algum vínculo afetivo com o município de Pinhais. Mesmo sendo poucos entrevistados, julguei ser pertinente ter visões diversas, quanto à idade, ocupação e etnia dos moradores, a fim de ampliar a pluralidade de percepções e, desse modo, obter um panorama aceitável da amostra. Segundo Stone (2011), o sistema de classificação é um desafio para pesquisadores, pois,

[...] um risco comum que se lhe apresenta é a possibilidade de que a porção da população total a respeito de quem ele [o pesquisador] pode descobrir informações confiáveis não representa uma amostra aleatória do total. Se o desconhecido geralmente cai em uma simples categoria enviesada, as figuras obtidas da amostra do conhecido darão uma imagem distorcida da realidade (STONE, 2011, p. 125).

Por esse motivo, elenquei perfis de moradores com parâmetro nos seguintes grupos: (a) descendente dos primeiros habitantes do território, a saber, os povos originários; (b) descendentes das primeiras famílias imigrantes da região; (c) artesãos; (d) professores e estudantes; (e) servidores públicos do município. Julguei ser pertinente, também, termos pelo menos a visão de uma pessoa em cada um desses grupos (a, b, c, d, e), uma vez que o interesse da pesquisa não será representar a quantidade populacional do município, mas sim, buscar a qualidade narrativa de determinados moradores que se enquadram no perfil estabelecido. No total, foram realizadas 9 entrevistas como apresentado no QUADRO 2.

Por ser moradora de Pinhais, eu tenho o contato de alguns moradores que se encaixam no perfil estabelecido, no entanto, para manter a diversidade de percepções dos entrevistados utilizei o critério de diversidade etária, étnica e sociocultural para a escolha dos participantes. Dessa forma, as entrevistas se deram com as seguintes pessoas apresentadas no quadro abaixo:

QUADRO 2: Dados dos Entrevistados

	Nome	Idade	Ocupação	Local de Residência	Tempo de Residência	Data da Entrevista
1	Regina	43	Estudante e Auxiliar de Compras	Jd. Triângulo Maria Antonieta	16 anos	06/07/2022
2	Simone	45	Artesã	Maria Antonieta	45 anos	15/07/2022
3	Nará	72	Escritora e Professora	Estância Pinhais	57 anos	29/07/2022
4	Leonardo	18	Estudante	Jardim Amélia	18 anos	10/08/2022
5	Luiza	87	Profª Aposentada	Weissópolis	87 anos	11/08/2022
6	Carla	53	Psicóloga	Weissópolis	53 anos	11/08/2022
7	Fabiana	39	Servidora Pública	Curitiba	18 anos	26/08/2022
8	Clone	38	Professor de Capoeira	Jardim Karla	32 anos	13/09/2022
9	Kretã	50	Coordenador Executivo da APIB	Floresta Estadual de Piraquara	30 anos	13/09/2022

FONTE: A autora (2022)

Dos 9 entrevistados, 7 são autênticos moradores do município de Pinhais. A entrevista do Cacique Kretã que é atual morador do município de Piraquara, se justifica por ele representar a voz dos povos originários que primeiro habitaram o Planalto de Curitiba, onde hoje está situado o município de Pinhais (ver FIGURA 4); e a entrevista com Fabiana, que reside em Curitiba, se justifica por ela trabalhar há 18 anos com a atividade turística em Pinhais e ser a principal voz que responde pelo Setor de Turismo do município.

Para realizar as entrevistas, utilizei um guia como apresentado no **APÊNDICE I**, com o propósito de coletar os dados do morador entrevistado, e nortear as questões no ato da entrevista. Além disso, cada entrevistado leu e assinou o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), como consta no **APÊNDICE II**. Dados esses passos, é hora de abordar detalhadamente sobre o tipo de entrevista que foi aplicada aos nossos entrevistados.

3.4.1 Narrativas Oraís de História de Vida

“Navegar é preciso, embarcar nas águas da memória, içar velas mar adentro, retomar o caminho, buscar a história emaranhada em direção à volta” (BRITO, 2011), p. 27). Busco, nesse momento, inspiração nas palavras da escritora Maria da Conceição Evaristo, para desvelar a escolha do tipo de entrevista aplicada aos moradores de Pinhais; momento chave de toda a pesquisa.

Tendo em mente que o momento das entrevistas é crucial para coletar os dados elementares desse estudo, busquei antes compreender sobre alguns métodos de entrevistas as quais tive a oportunidade de conhecer ao longo do mestrado e que tinham potencial para alcançar o objetivo proposto. Dentre algumas dessas técnicas, notei que a História Oral poderia me conceder os meios para embarcar e navegar por essas “águas da memória”.

O termo História Oral foi cunhado nos anos 1940, porém o avanço do método se deu em 1973, com as pesquisas de caráter social do historiador inglês, Edward P. Thompson, que por sua vez, teria influenciado a criação da Sociedade Britânica de História Oral²² (TRAPP-FALLON, 2002). Segundo Delgado (2003), a História Oral é

²² Para mais informações sobre a OHS (Oral History Society), acesse: <https://www.ohs.org.uk/>

uma técnica atual, efetiva e primorosa que privilegia a construção de narrativas como fontes do conhecimento e do saber. Ainda de acordo com a autora,

[...] as narrativas sob a forma de registros orais ou escritos são caracterizadas pelo movimento peculiar à arte de contar, de traduzir em palavras as reminiscências da memória e a consciência da memória no tempo. São importantes como estilo de transmissão de geração para geração, das experiências mais simples da vida cotidiana e dos grandes eventos que marcaram a História da humanidade. São suportes das identidades coletivas e do reconhecimento do homem como ser no mundo. (DELGADO, 2003, p. 21-22).

Embora essa técnica esteja sendo cada vez mais usada por pesquisadores científicos qualitativos do século XXI (JOUTARD, 2000), é importante estar atento às possíveis investidas em reduzir o método de História Oral à um modelo padronizado de entrevista científica. Como bem critica Thomson (2000), não existe uma única forma de utilizar a História Oral.

Ao nos prendermos a um método [encerrado], perdemos o contato com a realidade a ser compreendida ou investigada, na medida em que passamos a nos apoiar em um *modus operandi* autônomo e independente dessa realidade (LIMA, 2001 *apud* SILVA et al., 2007, p. 26).

Alguns cientistas mais tradicionais, por exemplo, defendem a ideia de que o entrevistador deve manter uma postura neutra e objetiva, com o mínimo de interferências no momento da entrevista. Particularmente, eu não corroboro com esse pensamento, visto que é notável que a própria presença do entrevistador diante do entrevistado já é, por si, um tipo de interferência. As autoras Silva *et al.*, afirmam que em algum momento da história eram a neutralidade e objetividade que guiavam a ciência, mas que essa neutralidade tornou-se inviável, na medida em que “o compromisso com a sociedade foi sendo reafirmado e suas estratégias reinventadas e estabelecidas” (2007, p. 26). De mesmo modo, os autores Alcobia *et al.*, sugerem que,

[...] a observação participante como uma técnica adequada [...] permite uma estreita interação entre o pesquisador e os sujeitos a serem pesquisados criando uma afinidade entre os dois, facilitando assim a obtenção de depoimentos, histórias e narrativas genuínas, característica essa tão importante para a captação da essência do fenômeno em estudo (2018, p. 278).

A História Oral transpassa várias áreas do conhecimento e diversas perspectivas teóricas, em diferentes centros de pesquisa pelo mundo (PERAZZO, 2015). Através da História Oral encontrei as ferramentas necessárias para alcançar o que precisei coletar dos atores entrevistados, a saber, as narrativas orais de suas histórias de vida. Para compreender o conceito de Narrativas Oraís de História de Vida, recorri a autora Priscila Perazzo (2015) que, ao longo de anos, debruçou-se em pesquisas sobre história oral de vida com o caráter comunicativo da memória, da cultura e dos imaginários sociais, assim como, das perspectivas de constituição dos discursos e narrativas.

A partir das perspectivas da História Oral, como método de análise e como procedimento de coleta de dados, foi possível construir o conceito de Narrativas Oraís de Histórias de Vida [...].

Os relatos pessoais são vistos como narrativas dos sujeitos, artífices da própria história. A oralidade consiste na expressão de lembranças desse sujeito que aciona a sua capacidade psíquica de rememorar [...]. Os relatos de histórias de vida, expressos pela narrativa oral do sujeito, podem [...] constituírem-se em fontes orais para esses estudos (PERAZZO, 2015, p. 122).

A autora também explica sobre as subjetividades que permeiam essas narrativas e como elas fazem parte da constituição sociocultural do indivíduo:

[...] cada sujeito, ao narrar sua trajetória de vida, se revela uma testemunha e um artífice da história. Essas narrativas orais não são menos verdadeiras, nem menos ficcionais do que muitas histórias oficiais. Não se busca a verdade, já que cada sujeito narra a partir de sua subjetividade, uma vez que cada um vê o objeto a partir do seu lugar no mundo e constrói sua narrativa de forma seletiva, marcando sua trajetória de acordo com sua concepção de mundo e sua percepção de si mesmo (PERAZZO, 2015, p. 123).

A autora tem como ponto de partida a História Oral como recurso primário para construir o fundamento das Narrativas Oraís de História de Vida, já que seus métodos oferecem suporte metodológico para os estudos da memória e das narrativas possibilitando a constituição dos dados requeridos pela pesquisa (PERAZZO, 2015). Portanto, segundo Perazzo,

[...] as Narrativas Oraís de História de Vida constituem-se em um método para se trabalhar com o passado dos indivíduos, com o cotidiano e com as micro experiências sociais. Mas também é um método que nos permite compreender como as pessoas pensam, porque fazem ou fizeram suas escolhas na vida e que posição social assumiram. Por isso, é um método que nos permite compreender as subjetividades. E dessa forma, [transporta] para a ciência as dimensões dos sentidos, dos sentimentos e das mentalidades,

que antes eram apenas dos domínios dos relatos literários e das crônicas (PERAZZO, 2015, p. 130).

É sabido que ao utilizar Narrativas Orais de História de Vida como método de pesquisa, o entrevistador deve estar ciente que o protagonista da entrevista sempre será o entrevistado e a sua narrativa. Sendo assim, cabe ao entrevistador estar atento sutilezas culturais, mantendo a sensibilidade para com a diversidade de visões e pensamentos já que a sociedade é culturalmente heterogênea (THOMSON, 2000).

Ressalto esse detalhe, pois apliquei o método buscando interagir e dialogar com os entrevistados, uma vez que a proposta de pesquisa é que, eu, a entrevistadora, participe efetivamente do processo. Não ouvi, portanto, as histórias de forma passiva, mas busquei me colocar em um lugar de escuta, onde eu pude respeitosamente me inserir e dialogar com essas pessoas. A ideia foi que as entrevistas proporcionassem

[...] uma perspectiva de condução mais próxima de uma conversa com um propósito, tendo como objetivo compreender valores e opiniões, captar tendências e histórias de vida, consistindo em uma troca mútua de informação e experiência entre entrevistador(a) e entrevistado(a) (JENNINGS, 2005 *apud* FERREIRA, 2020, p. 23).

Contudo, cuidei para que o meu lugar enquanto entrevistadora, assim como minhas possíveis interferências, de modo algum, se sobrepusessem à narrativa dos entrevistados, provocando qualquer tipo de opressão ou constrangimento. O fato de estar na posição de pesquisadora acadêmica não deve pressupor uma eventual relação hierárquica, pois esse aspecto poderia causar ruídos no momento da entrevista. Não tive a intensão, no entanto, de escamotear as existentes relações de poder que se inserem nas relações acadêmicas e sociais, mas busquei meios para minimizar os efeitos que essa circunstância pudesse causar.

Acredito que a transparência dos meus interesses pessoais, assim como o empoderamento dessas pessoas, sobre a relevância que suas narrativas têm – não apenas para uma simples pesquisa acadêmica, mas para a sociedade – puderam atenuar possíveis sentimentos de coação em algum entrevistado. Busquei desnudar as minhas intenções e meu lugar de fala para que o entrevistado pudesse elaborar a sua narrativa, diante de mim – pesquisadora/investigadora/investigada – com o mínimo de desconforto possível, e cuidei para que o entrevistado tivesse a certeza de que cada palavra por ele narrada seria profundamente respeitada e acolhida.

A técnica de Narrativas Orais de História de Vida preconiza a renúncia de qualquer tipo de hierarquização do conhecimento em prol da construção de um diálogo em que exista genuína troca de conhecimento. E penso ter sido através desse contexto que embarcamos nas águas da memória dos moradores de Pinhais, direcionando a nossa embarcação para um mar de experiências e saberes.

3.5 Método de Análise e Interpretação

O processo de análise dos dados tornou-se uma questão de muita reflexão pessoal, ao longo do mestrado. As minhas inquietações partem, por entender que a efetiva participação e colaboração do pesquisador dentro do processo de pesquisa qualitativa, permitem que o mesmo se torne um agente importante para a produção do conhecimento científico (FLICK, 2009; POUPART *et al*, 2014).

Sabemos que o objetivo da análise e interpretação é reunir todos os dados coletados, apresentá-los de forma coerente e interpretá-los fazendo uma ponte com o conhecimento teórico já existente, a fim de validar os resultados e, desse modo, responder o problema de pesquisa (DENCKER, 2000). Contudo, esse é um procedimento que merece muita atenção, dedicação e capacidade interpretativa por parte do pesquisador, já que o próprio será não somente o principal instrumento de pesquisa nessa etapa (FLICK, 2009; POUPART *et al*, 2014), mas também – e no meu caso em particular – será parte integrante do processo de análise e interpretação.

Nesse estudo, a análise e interpretação de dados se dará nos mesmos moldes em que se pretende delinear toda a pesquisa: com técnica, criticidade, mas também, com muita sensibilidade. De acordo com Anne Laperrière,

Para realçar a qualidade e a exata avaliação da interação entre pesquisadores e sujeitos pesquisados, preconiza-se um conhecimento aprofundado do contexto e da diversidade das perspectivas dos atores engajados na situação de pesquisa, uma avaliação da relação entre estes e o pesquisador, e também do estatuto deste último – a qual orienta inevitavelmente, as informações que ele coleta – e, por fim, uma atitude de **escuta crítica** que permite ao pesquisador adaptar gradualmente seu quadro de análise e suas atitudes (2014, p. 415, grifo próprio).

Essa escuta, como argumenta a autora, não significa adotar uma postura neutra por parte do pesquisador (LAPERRIÈRE, 2014), mas sugere uma atitude

honesto e sensível ao mesmo tempo, atentando-se às subjetividades que todo esse conteúdo da pesquisa qualitativa imprime.

Quando é definida a técnica e os dados já estão coletados, presume-se que a análise dos resultados deva ter critérios bem estabelecidos para bem cumprir sua função. Através da técnica de análise adotada para essa pesquisa, a saber Análise Crítica da Narrativa – detalhada na sessão seguinte (ver em 3.5.1) – obtive através, principalmente do autor Motta (2013), sugestões de como realizar os procedimentos instrumentais do método. Ao sugerir tais procedimentos, Motta (2013) adverte para que o pesquisador analista não se atenha estritamente às suas sugestões, mas incentiva que o pesquisador busque ferramentas próprias de análise inspirando-se em outros autores para enriquecer os procedimentos e responder adequadamente o seu objetivo de pesquisa.

Busquei bases, também, no livro de Robert Yin (2016), que orienta o processo de análise pesquisa qualitativa a ser realizado em três fases iniciais as quais busquei replicar: a primeira se refere a *compilação* que consiste em reunir e organizar os dados coletados; a segunda fase é a *decomposição* que busca categorizar esses dados, a fim de melhor identificá-los; e a terceira fase é a *recomposição* que objetiva descrever e interpretar os dados de acordo com o problema de pesquisa que se propõe investigar. Unindo as contribuições e sugestões desses dois autores (MOTTA, 2013; YIN; 2016), realizei os procedimentos instrumentais de análise, de acordo com o quadro abaixo:

QUADRO 3: Analisando Dados Qualitativos em 3 Fases

ANALISANDO DADOS QUALITATIVOS		
FASE I Compilação	FASE II Decomposição	FASE III Recomposição
➤ Organizar, refinar e compilar todos os dados coletados; ➤ Leitura cuidadosa das documentações, das notas de campo e das fotografias; ➤ Escuta e transcrição das entrevistas de forma minuciosa observando os detalhes das narrativas.	➤ Identificação dos episódios das narrativas que se relacionam aos objetivos a serem alcançados; ➤ Organizar os documentos, fotografias e narrativas, de acordo com os temas de cada episódio identificado para facilitar a justaposição dos mesmos.	➤ Apresentar e dissertar sobre os documentos e fotografias e sobre todos os episódios das narrativas identificados na Fase II. ➤ Interpretar os dados e as narrativas de acordo com os procedimentos de Análise Crítica da Narrativa.

FONTE: Elaboração da autora com base em Motta (2013) e Yin (2016)

Após esse processo descrito no QUADRO 3, avancei para a fase interpretativa dos dados. De acordo com Yin (2016), a interpretação da pesquisa qualitativa pode ser considerada como a arte de significar os resultados, segundo a própria compreensão do pesquisador. Para isso, tomei como base todos os conceitos, aspectos e dimensões referenciados no arcabouço teórico da pesquisa, promovendo uma discussão crítica com base no método de análise proposto.

Após a estruturação desse percurso, com a finalidade de facilitar o processo interpretativo de análise, eis que surgiu em mente mais uma inquietação: como interpretar esses dados qualitativos com o devido rigor científico, sem incorrer na tendência de reproduzir os mesmos moldes processuais dominantes de uma pesquisa científica tradicional? Tendo como material principal de análise e interpretação, as Narrativas Orais das Histórias de Vida que revelam a memória dos moradores de Pinhais, como realizar um procedimento verdadeiramente honesto de interpretação?

Uma vez que essa pesquisa tenciona romper com a normativa do critério dominante da ciência tradicional, o processo de análise e interpretação precisaria convergir com o objetivo epistemológico de pesquisa proposto. Nesse sentido, por ocasião de algumas leituras filosóficas, me deparei com um método de análise até então por mim desconhecida, mas que com o aprofundamento da leitura sobre o método, bem como, a experiência adquirida com o trabalho em campo, fui convencida de que encontrara um caminho de análise oportuno para minha pesquisa. E é sobre esse método de análise que abordarei a seguir.

3.5.1 Análise Crítica da Narrativa

Considerando as minhas inquietações sobre o método de análise a ser utilizado na pesquisa, busquei estudar mais afincado sobre os vários métodos a mim apresentados ao longo do mestrado. Notei que cada método se utilizava de técnicas muito peculiares de análise. Ao mesmo tempo, cada um desses métodos me conferia possibilidade, ou mesmo divergência de análise. Em meio a esse conflito percebi que seria produtivo extrair inspirações das leituras então realizadas e, ao longo desse processo, me deparei com o método de Análise Crítica da Narrativa (ACN).

Inspirada pelos escritos de alguns pensadores como Edgar Morin, Paul Feyerabend, Milton Santos, Edmund Husserl, entre outros, me permiti traçar um caminho metodológico em que coubesse questionamentos e contrapontos quanto a

forma de se fazer ciência. Enquanto eu estudava e pesquisava sobre metodologia, ecoavam as palavras do filósofo em minha mente:

[...] a história da ciência não consiste apenas de fatos e de conclusões retiradas dos fatos. Contém, a par disso, ideias, interpretações de fatos, problemas criados por interpretações conflitantes, erros, e assim por diante. Análise mais profunda mostra que a ciência não conhece 'fatos nus', pois os fatos de que tomamos conhecimento já são vistos sob certo ângulo, sendo, em consequência, essencialmente ideativos (FEYERABEND, 1977, p. 20).

As colocações de tom provocativo de Paul Feyerabend que, propositalmente, insistem em incomodar se fazem muitas vezes necessárias para nos motivar a pensar além. De acordo com Feyerabend (1977) o método científico tradicional tende a reduzir as inúmeras possibilidades científicas, e esse fator era justamente uma das minhas muitas inquietações.

Segundo Husserl (1990), "A elucidação das possibilidades do conhecimento não se encontra na senda da ciência objetiva" (p. 26). O filósofo e matemático alemão, que foi um dos precursores no debate filosófico da ciência, propôs em seus estudos apresentar um método que validasse o rigor científico da filosofia, contrapondo o método hegemonicamente positivista em que se inseriam as ciências sociais e humanas (GIL, 2010; GIORGI, 2014; SIANI et al., 2016). Ainda segundo o autor em uma de suas obras,

Não tem sentido algum falar de coisas que simplesmente existem e apenas precisam de ser vistas; mas que esse meramente existir são certas vivências da estrutura específica e mutável; que existem a percepção, a fantasia, a recordação, a predição, etc., e que as coisas não estão nelas como num invólucro ou num recipiente, mas se constituem nelas as coisas as quais não podem de modo algum encontrar-se como ingredientes naquelas vivências (HUSSERL, 1990, p. 32).

Para Edgar Morin (2005), o princípio da interpretação da ciência clássica exclui as imprevisibilidades científicas reduzindo a ciência à um universo estrito e determinista, não sendo suficiente para a compreensão da complexidade humana, já que, "as teorias científicas surgem dos espíritos humanos no seio de uma cultura *hic et nunc*²³" (MORIN, 2005, p. 25). De mesmo modo, o professor Milton Santos, expõe que "uma dada situação não pode ser plenamente apreendida se, a pretexto de

²³ Expressão latina que significa literalmente "aqui e agora".

contemplarmos sua objetividade, deixamos de considerar as relações intersubjetivas que a caracterizam” (2006, p. 214).

O contato inspirador com as ideias desses pensadores me conduziu para uma seara científica que rompia com o tradicionalismo metodológico e apontava para um caminho sobremaneira revelador. Ainda que tenham suas peculiaridades e algumas divergências pontuais, a interseccionalidade filosófica entre esses pensadores, me inspiraram de tal maneira que acabaram por me conceder as bases do método mais adequado a se aplicar na pesquisa.

Foi dessa maneira, entre muitas leituras filosóficas, que encontrei o método de Análise Crítica da Narrativa (ACN) proposto pelo autor Luiz Gonzaga Motta (2013). À princípio, imaginei que se tratava de mais um método encerrado em determinadas diretrizes epistemológicas peculiares, mas estudando o método mais profundamente, enxerguei na técnica de ACN uma possibilidade em potencial para bem responder o objetivo da minha pesquisa.

Voltado para os estudos da comunicação e da linguagem, Motta (2013) traz em sua obra *Análise Crítica da Narrativa*, valiosas contribuições a respeito da *narratologia*, cujo conceito é a “teoria da narrativa e os métodos e procedimentos empregados na análise das narrativas humanas” (p. 75). “Motta, [...], trabalha fundamentalmente com conceitos da narratologia clássica readaptados para a interpretação cultural crítica” (FEIJÓ, 2017, p. 501).

Logo no início de sua obra, Motta (2013) aborda o porquê do interesse em estudar narrativas identificando seis razões principais para tal:

1) compreender quem somos, como construímos nossas auto narrações; 2) entender como representamos o mundo; 3) compreender por que às vezes tentamos representar fielmente o mundo e em outras, imaginativamente; **4) entender como representamos o tempo, tornando-o o tempo humano;** 5) verificar como as narrativas estabelecem consensos a partir de dissensos; 6) estudá-las para melhor contá-las (MOTTA, 2013, p. 27, grifo próprio).

Das razões as quais o autor se propõe a discorrer ao longo do livro, buscarei focar, prioritariamente, nas três razões acima grifadas – 1, 2 e 4 – para analisar os dados narrativos da minha própria pesquisa. Através das contribuições de Motta (2013) será possível analisar criteriosa e sensivelmente os dados então coletados.

Compreender um pouco mais o ser humano na sua complexidade, entender o mundo humano, demarcar nossas identidades, o que somos, como nos constituímos é o trabalho simbólico das análises das narrativas. Compreender, enfim, a experiência constitutiva do sujeito. A experiência é a atividade experimental da mente em busca do sentido ontológico, da essência das coisas e de si mesmo (p. 30).

Para Motta (2013), as narrativas ajudam o ser humano a organizar e apresentar a sua realidade sendo, portanto, a chave para revelar como o indivíduo constitui sua representação no mundo e como esse indivíduo performaticamente atua nesse mundo. Desse modo, é possível entender as narrativas como representações sociais reproduzidas culturalmente através das experiências humanas e apresentadas descritivamente (MOTTA, 2013; FEIJÓ, 2017).

Considerando à pesquisa em questão, as narrativas encontradas nos documentos oficiais, além das narrativas dos participantes entrevistados me darão os meios para compreender quem são essas pessoas, como elas narram suas experiências e quais são as suas percepções sobre o patrimônio e o turismo do município.

Para consolidar a aplicabilidade apropriada do método em minha pesquisa, a perspectiva crítica se torna uma ótima aliada no processo de análise, visto que, o exercício do discernimento reflexivo deve ser praticado insistentemente quando se trata de analisar sentidos e subjetividades humanas.

A teoria crítica auxilia os estudos turísticos, ao mostrar os interesses que direcionam as investigações [...] a proposta que se apresenta [busca] exercitar a crítica reflexiva e interpretativa do turismo mediante a construção de conteúdos críticos, e não somente a crítica à conteúdos. A crítica busca compreender, construir, interpretar e produzir um sentido novo, um novo significado do objeto de estudo em questão, pois nada é dado que não deva ser e possa ser superado [...] (PANOSSO NETTO; NECHAR, 2016, p. 45).

A perspectiva crítica, portanto, não coaduna com a suposta neutralidade exigida por métodos tradicionais de análise, em que o cientista é instruído a abandonar suas ideias, juízos e crenças, a fim de alcançar certa imparcialidade diante do seu objeto de estudo (HUSSLER, 1990; SIANI et al., 2016; ALCOBIA et al., 2018). Para interpretar de forma crítica, o pesquisador não necessita abandonar seus pressupostos socioculturais, educacionais e de valores morais uma vez que “a busca de sentido não é algo abstrato, mas sim social” (PANOSSO NETTO; NECHAR, 2016, p. 46).

Morin (2005) sustenta que os métodos interpretativos da ciência clássica eliminam o observador da observação, e contrapõe essa lógica afirmando que,

[...] o próprio progresso do conhecimento científico exige que o observador se inclua em sua observação, o que concebe em sua concepção; em suma, que o sujeito se reintroduza de forma autocrítica e auto reflexiva em seu conhecimento dos objetos (MORIN, 2005, p. 30).

O método científico na pesquisa qualitativa não tem bom efeito se norteado por princípios previamente explicativos, teorias consagradas ou deliberações representativas e pré-concebidas acerca do fenômeno a ser analisado (ALCOBIA et al., 2018), uma vez que a pesquisa qualitativa permeia as intersubjetividades humanas (MOTTA, 2013).

Ao adotar o método de ACN, estou ciente que a crítica da narrativa será essencialmente apresentada a partir das escolhas de análise da pesquisadora e dificilmente fugirá das interferências da própria formação sociocultural dessa pesquisadora. Contudo, penso que para essa pesquisa, a interação pesquisadora-pesquisados, favorece a análise, pois incentiva o compartilhamento das experiências intersubjetivas entre os indivíduos (MOTTA, 2013), e promove interpretações mais reflexivas e construtivas. A respeito desse aspecto, Motta (2013) orienta:

[...] o olhar que lançamos sobre o objeto narrativo a ser analisado [...] vai modificar esse mesmo objeto [...]. De um ponto de vista mais empírico, essa precaução reforça também uma atitude epistemológica relativamente descomprometida: o analista, mesmo principiante, não deve sentir-se constrangido com os rigores das propostas formais e consolidadas [do método], nem temer ser metodologicamente criativo. Deve buscar caminhos próprios, até porque a narratologia está ainda em processo de gestação. Todo analista deve trazer para suas abordagens e procedimentos operacionais iniciativas imaginativas – desde que elas sejam bem justificadas, coerentes em relação ao problema de pesquisa, e pertinentes em relação ao objeto. Criatividade metodológica, *bene trovato*²⁴, pode gerar interpretações mais potentes (MOTTA, 2013, p. 119).

Dessa forma, não me furtarei em seguir caminhos interpretativos apoiados em bases filosóficas e epistemológicas críticas outrora abordadas, já que o sentido atribuído aos fatos narrados não parte apenas do ser pesquisado mas, também, daquela que pesquisa.

²⁴ Expressão italiana que significa “bem encontrado”.

A abordagem filosófica do método de análise proposto por Husserl (1990), em sua obra *A Ideia da Fenomenologia* – em que também busquei inspiração – torna-se interessante quando sua proposta de interpretação busca abarcar as subjetividades do objeto estudado. Os sentidos são elementos culturalmente construídos e inerentes ao ser humano, logo, são imbuídos de subjetividades (HUSSERL, 1990; SIANI; CORREA; LAS CASAS, 2016). Esse fator bem se aplica aos estudos do turismo e do patrimônio quando de sua complexidade conceitual e de fenômeno humano. Por isso, em complemento a esse raciocínio faz-se necessário,

[...] fortalecer os alicerces filosóficos da pesquisa [...] no turismo, evitando situações que possam ir de encontro aos fundamentos da teoria, como exemplo, querer que seus métodos conduzam a pesquisas que levem a objetividade, generalização e realidade ou abstração teórica, em vez de percepções, significados individuais e singularidade (ALCOBIA et al., 2018, p. 272).

Considerando que estou analisando uma região específica, com pessoas diversas dentro de um momento histórico específico, há que considerar suas singularidades e alteridades, não cabendo, portanto, generalizações dos resultados obtidos através da análise e interpretação dos dados.

Não obstante, dada as minhas inquietações sobre o fato de muitos métodos de análise estarem circunscritos a determinadas regras dogmáticas de interpretação, me permiti inspirar nos procedimentos instrumentais da Análise Crítica da Narrativa de Motta (2013) os quais melhor se adequaram à minha proposta de análise. Seguirei as sugestões sobre utilizar leituras adicionais para aprimorar o método, além de aderir a proposta do autor em ser criativa e inventiva diante da elaboração de procedimentos de análise tendo em mente que “quase sempre, o próprio objeto indica como pretende ser desvendado” (MOTTA, 2013, p. 133).

Segundo as orientações de Motta (2013), é interessante

[...] desenvolver leituras adicionais, buscar outras fontes para enriquecer suas análises. Além disso, ao desenvolver as próprias análises, os pesquisadores devem sentir-se livres para aprofundar e criar os conceitos operacionais e procedimentos que suas próprias perguntas e objeto sugerem (MOTTA, 2013, p. 133).

Através dessas recomendações, me senti encorajada a adaptar algumas das orientações do autor à minha pesquisa, inspirada, também, nos procedimentos instrumentais de autores outrem – como apresentado no QUADRO 3.

É importante ressaltar que a análise narrativa não se dará em moldes linguísticos, como sugere a ACN para o campo da comunicação. Em se tratando de buscar compreender as percepções sobre o patrimônio e o turismo de Pinhais através das narrativas de seus residentes, busquei autores que utilizaram da ACN para outro propósito.

A interpretação buscada é cultural e não estrutural. A narratologia, a qual me filio, é mais cultural que linguística [...] a perspectiva da nova narratologia enfatiza sobretudo a determinação cultural das narrativas, sendo-lhe, portanto, a produção cultural de sentidos um fator prévio (FEIJÓ, 2017, p. 502).

A minha proposta de análise buscará entender como os sujeitos sociais constroem seus significados pela apreensão, representação e expressão narrativa da realidade (MOTTA, 2013).

Inspirada nos movimentos para análise empírica propostos por Motta (2013) e Feijó (2017), proponho, portanto, três movimentos dentro do meu processo de análise que estarão imbricadas às lentes de leitura presentes na pesquisa e que me permitiram ler o objeto: **Movimento i.** Análise crítica de documentos e imagens: apresentar os documentos e imagens, a partir de fontes oficiais de turismo analisando de forma crítica a perspectiva dessas fontes; **Movimento ii.** Construção narrativa da pesquisadora: construir minha própria narrativa sobre os dados, principalmente, sobre meu encontro com os participantes, a partir das minhas observações e intuições a respeito de como os entrevistados narram suas histórias e memórias; **Movimento iii.** Descrição e interpretação da narrativa dos participantes: dar voz e imagem aos participantes da pesquisa, a partir de suas Narrativas Oraís de História de Vida, buscando descrever e interpretar suas percepções de forma sensível e honesta sem, no entanto, me eximir do processo;

O propósito é que esses três movimentos sejam postos de modo orgânico e que se entrelacem ao longo do processo de análise e interpretação, a fim de ser transmitido com fluidez na fase descritiva. Isso posto, seguiremos para o próximo capítulo dessa dissertação, onde realizarei a apresentação dos resultados e discussão de acordo os procedimentos outrora propostos.

4 O EMBARQUE

Para dar início ao embarque, vale explicar – ainda que de modo célere – o debate entre alguns autores a respeito de como se dá o processo dos resultados e da discussão numa pesquisa qualitativa, com vias de compreender como se dará o resultado dessa pesquisa em questão.

De acordo com Yin (2016), a pesquisa qualitativa é por natureza particularista e essa característica tende a dificultar a generalização dos seus resultados. Embora não haja uma única maneira de o fazer, via de regra, a generalização de uma pesquisa pressupõe que os seus resultados possam ser replicados para outras realidades de níveis mais amplos da qual a amostra foi extraída (YIN, 2016). Ainda segundo Yin (2016), quanto mais uma pesquisa for generalizada, mais esta será valorizada.

Contrapondo essa retórica, a autora Anne Laperrière argumenta que,

[...] a complexidade da realidade social faz com que só se possa observar a partir de perspectivas particulares. Os resultados de nossas observações são, portanto, necessariamente **parciais**. O rigor resulta, então, da solidez das ligações estabelecidas entre nossas interpretações teóricas e nossos dados empíricos (2014, p. 419, grifo próprio).

A autora entende, portanto, que embora seja legítimo o princípio da generalização dos resultados de uma pesquisa, a complexidade humana que se faz presente nos pesquisados e pesquisador, que são inerentes à pesquisa qualitativa, impõe particularidades e subjetividades que inferem na parcialidade dos resultados. A própria escolha do pesquisador sobre o que será analisado em meio aos dados coletados, já configura a parcialidade da pesquisa. Ainda de acordo com a autora,

Sendo as generalizações inevitavelmente redutoras, alguns disso concluem ser preciso evitá-las: ao levar as coisas para fora do seu contexto e de sua esfera, arrancar-se-ia as mesmas de seu sentido profundo, simplesmente impondo ao mundo uma unidade que ele quase não tem (LAPERRIÈRE, 2014, p. 420).

Apesar desse preceito não ser unanimidade entre os pesquisadores (e não sendo necessário ser), julguei pertinente partir desse princípio explicitado pela autora, para apresentar os resultados encontrados, bem como, a discussão dos mesmos – já que essa pesquisa se circunscreve em uma realidade particularmente singular.

Desse modo, nesse capítulo serão apresentados os dados documentais, as fotografias e entrevistas obtidas no trabalho de campo – tal como descrito no capítulo de O PERCURSO – como, também, serão discutidos os resultados encontrados através desses dados.

Os resultados dessa pesquisa, no entanto, não visam engendrar generalizações, mas sim, apresentar as memórias afetivas de moradores sobre o lugar em que vivem e compreender suas percepções patrimoniais, a partir dessas memórias. Entretanto, o fato de não se propor generalizações da pesquisa, não impossibilita que os seus resultados sirvam de inspiração para observar outras realidades pesquisadas. Além disso, o marco teórico apresentado ao longo dessa dissertação dará a base interpretativa dos resultados que se seguirão.

Para iniciar, trarei alguns dados sobre a história e geografia do município de Pinhais, a fim de contextualizar e familiarizar o leitor sobre o lugar em que se insere a pesquisa. Em seguida, apresentarei os dados documentais e legislativos sobre o turismo e o patrimônio do município, comentando-os através de uma perspectiva crítica e inserindo, também, as memórias e narrativas dos entrevistados sobre cada episódio tratado; e por fim, embarcaremos nas memórias dos atores entrevistados e também da entrevistadora, discutindo sobre o grau de conhecimento e as percepções dos participantes, a respeito do turismo e do patrimônio de Pinhais em interface com suas identidades.

4.1 Pinhais, O Município

Pinhais, Pinhais, Pinhais... assim é entoado o refrão do hino²⁵ oficial do município em que nenhuma menção é atribuída aos povos que originariamente habitaram seu território. A história do município que hoje denomina-se Pinhais não começa em 1992, quando de sua emancipação política. A região que se encontra no primeiro planalto paranaense, também conhecido como planalto de Curitiba (conforme FIGURA 4), foi habitado, em seus primórdios, por comunidades indígenas as quais deixaram evidências concretas da sua habitação secular, nos muitos vestígios encontrados na região (XAVIER, 2000).

²⁵ Instituído pelo projeto de lei número 133 de 1995, o hino oficial do município de Pinhais é de autoria de Valdir Pereira de Araújo.

É sabido que a predominante narrativa histórica sobre a chegada dos imigrantes europeus contribuiu com a invisibilização da forte presença e influência indígena no Paraná (FORTES, 2020) e o município de Pinhais não foge à essa lógica. Grande parte dos indígenas paranaenses pertenceram às etnias Kaingang, de tronco linguístico macro-jê e que costumavam habitar nos planaltos, seguido dos indígenas Guarani que habitavam majoritariamente na costa litorânea e, em menor número, os indígenas Xetás que se caracterizavam como um povo mais isolado (WACHOWICZ, 2010).

FIGURA 4: Mapa Geomorfológico do Paraná



FONTE: <https://profalexeinowatzki.wordpress.com/geologia-e-relevos/> (2022)

Em entrevista com o Cacique Kretã – liderança indígena e descendente da etnia Kaingang – foi explicado que as invasões e os tantos ataques de colonizadores contra os povos originários, empurraram muitas dessas populações que habitavam o primeiro planalto para os segundo e terceiro planaltos paranaenses (conforme FIGURA 4).

Por todas os estudos e evidências, eu não tenho mais dúvidas de que o primeiro planalto era um território ocupado pelos nossos ancestrais Kaingang. O que nos fez afastar desse território foi uma questão de resistência. Pra gente poder sobreviver [...] se nós não tivéssemos saído daqui desse território do primeiro planalto, talvez eu não estaria aqui hoje porque a gente teria sido,

com certeza, todos dizimados. Inclusive tem uma carta²⁶ de 1808, de Dom João VI, direcionado aos povos indígenas onde ele diz que era pra matar os índios, e os que não matassem, era pra escravizar (Kretã, 13/09/2022).

Lendo a Carta Régia a qual Kretã se refere, podemos ver quão violenta foi a chegada da corte portuguesa em 1808, já que uma das primeiras medidas tomadas em solo brasileiro foi a declaração do extermínio de inúmeras comunidades indígenas. Isso comprova o truculento massacre sofrido pelos povos originários, por parte dos invasores colonialistas, cuja violência culminou em um genocídio indígena sem precedentes no Brasil e, conseqüentemente, no Paraná (FORTES, 2020).

Em meados do século XVII, chegaram os primeiros invasores estrangeiros que colonizaram o primeiro planalto paranaense conhecido, também, como planalto de Curitiba. A corte portuguesa aporta em solo brasileiro em 1808, desapropriando os povos originários de suas terras; e, por fim, no final do século XIX, com a construção da estrada de ferro que liga Curitiba a Paranaguá e da estação ferroviária de *Pinhaes*, começam a chegar, então, os primeiros trabalhadores na região (XAVIER, 2000; MEI; PIARDI, 2010).

Nesse período, começaram a construção de casas para os funcionários responsáveis pela manutenção da ferrovia dando início a um movimento de residências fixas no território que futuramente viria se tornar o município de Pinhais (XAVIER, 2000; MEI; PIARDI, 2010).

Os primeiros indícios de ocupação territorial na região onde encontra-se o município de Pinhais ocorreram há 4 mil anos a.C, foram encontrados vestígios arqueológicos que comprovam a existência de povos indígenas na região, porém apenas em 1885 com a inauguração da Estrada de Ferro Curitiba-Paranaguá ocorreu o maior fluxo de ocupação da cidade. Junto com o trem, chegaram também os operários e suas famílias. Era o primeiro núcleo de povoamento. Quem morava na região trabalhava na Cerâmica de Francisco de Almeida Torres (PINHAIS, 2021, p. 07).

Logo após a construção da ferrovia e da estação ferroviária de Pinhais, o engenheiro Francisco de Almeida Torres instalou no município uma indústria de cerâmica. Por volta de 1912, essa indústria foi comprada pelo empreendedor de nome Guilherme Weiss que realizou opulentos investimentos em estrutura e maquinários do seu novo empreendimento: a fábrica de cerâmica Weiss – ou simplesmente Cerâmica

²⁶ Kretã refere-se à Carta Régia de 13 de maio de 1808, que manda fazer guerra aos índios Botocudos. Disponível em <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/carreg_sn/antioresa1824/cartaregia-40169-13-maio-1808-572129-publicacaooriginal-95256-pe.html> Acesso em 20 de setembro de 2022.

de Pinhais – ampliando, assim, a sua produção e transformando a fábrica em uma grande potência industrial (XAVIER, 2000).

No início da década de 20, quando Guilherme Weiss tornou-se o novo proprietário da cerâmica, o processo de colonização se efetivou. Por volta de 1930, cerca de trezentas casas foram construídas em torno da cerâmica e da Estação Ferroviária para abrigar os novos trabalhadores. Nascia então a primeira vila de Pinhais (PINHAIS, 2021, p. 07).

Foi por meio do crescimento da indústria Weiss, que as famílias de trabalhadores e colonos passaram a residir na região formando uma vila operária, contribuindo significativamente com o crescimento populacional da mesma (SILVA, 2010). Xavier (2000) explica que a história da olaria de cerâmica se integra a história dos residentes de Pinhais, pois muitos dos antigos moradores trabalharam ou tiveram algum tipo de relação com a Indústria. Os relatos da entrevistada Luiza, confirmam essa relação,

Meus pais nasceram em uma outra comunidade, mas se criaram em Pinhais; vieram bem pequenos pra cá. Os pais deles, que são meus avós, vieram para trabalhar na olaria de tijolos. A minha mãe também chegou a trabalhar na olaria quando mocinha; e papai trabalhou na linha de trem (Luiza, 11/08/2022).

A combinação da Indústria de Cerâmica e da Estação Ferroviária de Pinhais contribuiu significativamente para o processo de crescimento urbano da região. O autor Arão Xavier (2000), considera que a Estação Ferroviária de Pinhais é o que podemos considerar de marco zero do município.

A Estação Ferroviária é outro fator muito importante na formação da cidade. Foi justamente da conjunção desses dois fatores – cerâmica e estação – que se iniciou uma povoação mais densa (XAVIER, 2000, p. 33 e 83).

Observando e fotografando a Estação de Trem, assim como o seu entorno, pude observar as idílicas construções que denunciavam os vestígios de um representativo lugar de memória.

FOTOGRAFIA 2: Estação Ferroviária de Pinhais



AUTORIA: Própria (2022)

Os moradores entrevistados confirmam essa intuição através de seus relatos:

Faz pouco tempo que a estação de trem não funciona. Na minha época, tinha o trem Subúrbio que, pela manhã, levava os operários até adiante de Piraquara, lá em Roça Nova e de tarde traziam eles de volta (Luiza, 11/08/2022).

Pouco tempo pra gente que lembra, porque a gente pegava o trem de turismo na estação de Pinhais, descia a Serra e era muito bom! Pena que desativaram porque em termos de turismo seria muito interessante reativar a Estação. As pessoas gostam de lembrar do trem, principalmente, quem viveu aquele período (Carla, 11/08/2022).

A notícia de que o trem de turismo – cujo embarque, hoje, se dá apenas em Curitiba – tinha parada na Estação Ferroviária me toma de surpresa. Enquanto moradora de Pinhais por 10 anos, eu nunca havia visto a estação de trem funcionando e isso, às vezes, me dava a impressão de que aquele lugar sempre fora abandonado, mas, para dona Luiza que morou por toda a vida em Pinhais, a memória daquela Estação de Trem em plena atividade se faz tão viva que o tempo de sua desativação parece menor para ela, embora elas não lembrem exatamente a data de desativação.

Dona Luiza volta às suas lembranças,

Eu queria voltar um pouquinho a história; quando eu era jovem, tinha uma atração muito interessante que era a passagem do trem na Estação. Era uma coisa incrível! Era uma alegria pro povo de Pinhais ir na Estação ver o trem de Paranaguá passar, tanto quando ia, quanto quando voltava. Era o encontro dos namorados, eram os pais de família que levavam os filhos pra ver o trem passar [...] Era a atração do povo da época (Luiza, 11/08/2022).

De mesmo modo, Nará traz suas memórias daquele lugar,

Pinhais tinha apenas um ônibus, aí tinha o trem da madrugada chamado Subúrbio que saía de Roça Nova, em Piraquara e parava numa estaçãozinha que tinha ali atrás de onde, hoje, é o Parque das Águas e depois parava na Estação Ferroviária de Pinhais (Nará, 29/07/2022).

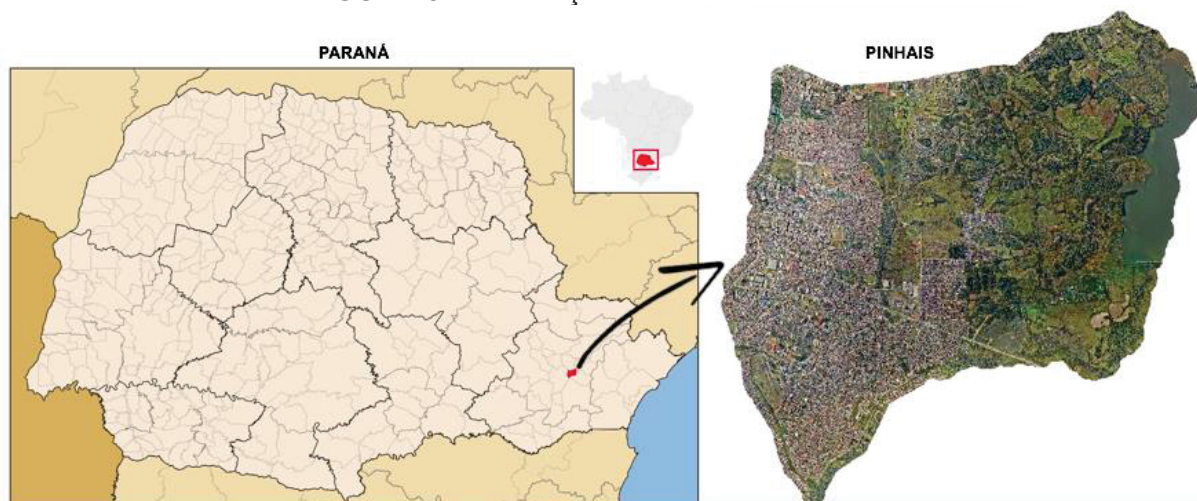
Em continuação à história do povoamento do município de Pinhais, foi com a morte de Guilherme Weiss, após décadas de atividade de sua indústria, que seu genro – casado com sua única filha – assume a direção da indústria mantendo a produção até os anos de 1960. Umberto Scarpa e Eleonor Adelaide Weiss assumem, também, toda a herança deixada por Guilherme Weiss, inclusive as muitas terras que foram loteadas com o fim das atividades da fábrica de cerâmica, dando origem a alguns dos bairros que hoje fazem parte do município de Pinhais (XAVIER, 2000; MEI; PIARDI, 2010).

Pinhais se torna, então, uma região bastante visada por diversas indústrias que se instalam na região. Enquanto o território pinhaiense era cada vez mais habitado pelo incentivo desse crescimento industrial, o território de Pinhais chegou a pertencer à capital Curitiba, em seguida à vizinha Colombo e por último ao município de Piraquara, até finalmente ser emancipada política e territorialmente em 20 de março de 1992 (PINHAIS, 2021).

Localizado no primeiro planalto paranaense a quase 900 metros acima do nível do mar, à leste do Estado e com seus 60.869 km²²⁷, Pinhais é o menor município do Paraná em extensão territorial, como ilustrado na figura abaixo:

²⁷ Disponível em <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pr/pinhais/panorama> acesso em 04 de julho de 2022.

FIGURA 5: Localização de Pinhais no Paraná



FONTE: A autora baseada em geo.pinha.pr.gov.br (2022)

No entanto, podemos notar, que mesmo com seu diminuto território, Pinhais é amplamente habitado e sua massiva população concentra-se na parte oeste do município, mais precisamente onde se encontra a divisa com a capital Curitiba. Conforme o Censo de 2022²⁸, a população de Pinhais é de 127.019 habitantes distribuídos em seus 15 bairros ocupando, portanto, o 16º lugar no *ranking* populacional do Estado do Paraná.

FIGURA 6: Bairros do Município de Pinhais



FONTE: Projeto Identidade Pinhais (2022)

²⁸ Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/pr/pinhais.html> acesso em 26 de junho de 2023.

Através da FIGURA 6 podemos notar, também, que Pinhais é banhada por quatro rios – Rio Atuba, Rio Iguaçu, Rio Palmital e Rio Iraí – além de abrigar uma Represa situada na APA do Iraí, o que demonstra a riqueza ambiental da região.

Mesmo com toda essa riqueza natural, bem como, a explosão populacional que ocorreu logo após sua emancipação, nota-se que o município de Pinhais parece não ter conseguido consolidar-se no imaginário de alguns paranaenses (e até mesmo de seus habitantes), enquanto um município propriamente dito. Descobriremos as razões para esse fator ao longo desse capítulo e através da voz dos atores que irão protagonizar essa discussão.

4.1.1 Turismo e Patrimônio Oficial

A emancipação de Pinhais em 1992 proporcionou, entre outras coisas, que o município alcançasse autonomia para definir e estabelecer sua estrutura político administrativa, além de promulgar diversas leis, decretos e resoluções gerais que visavam promover a organização e desenvolvimento do município.

O Departamento de Turismo do município, por exemplo, foi criado em janeiro de 2009 através da Secretaria de Desenvolvimento Econômico de Pinhais (SEMDE) pela Lei nº 940, “com o objetivo de apoiar e divulgar o potencial turístico local” (PINHAIS, 2021); nesse momento eu gostaria de chamar a atenção do leitor para esse fato descrito no Inventário da Oferta Turística de Pinhais em que é descrito o objetivo da criação desse Departamento.

Para iniciar, o fato do Departamento de Apoio ao Turismo ter sido criado a partir da SEMDE, evidencia o fato do Turismo ser entendido pelos gestores do município como um fenômeno de forte apelo econômico, tal como já denunciavam alguns autores (SANTOS FILHO, 2005; PELEGRINI; NAGABE; PINHEIRO, 2010; PANOSSO NETTO; NECHAR, 2014). É curioso perceber, também, que no objetivo central do departamento não esteja escrito fomentar, promover e/ou desenvolver o setor, mas tão somente “apoiá-lo” e “divulgá-lo”. A ideia que transparece, ao ler o objetivo do Departamento, é que o turismo no município de Pinhais é um fenômeno sólido, estabelecido, capaz de caminhar pelas próprias pernas e que o papel da Prefeitura Municipal através do Departamento de Apoio ao Turismo é tão somente o de apoiar e divulgar a atividade.

Ainda que no mesmo inventário, estejam descritas diversas atribuições que ampliam o objetivo inicial do Departamento, tais como, desenvolver atividades relativas à gestão turística, estimular a realização de feiras e eventos, desenvolver e executar o planejamento municipal de turismo, executar programas e medidas que visem o fomento da atividade turística, entre outras, penso ser urgente que a Prefeitura Municipal de Pinhais tenha efetiva consciência do seu papel no processo de fomento e desenvolvimento profícuo do turismo no município.

Em entrevista com a servidora do município, responsável pelo setor de turismo, fui surpreendida com a notícia de que o então Departamento de Apoio ao Turismo fora instinto e rebaixado à condição de Seção de Turismo, no ano de 2022.

Esse ano mudou tudo, a gente não tem mais o Departamento de Turismo. Agora nós nos estruturamos assim: Prefeitura > Secretaria de Desenvolvimento Econômico (SEMDE) > Departamento de Indústria e Comércio > Seção de Turismo. Nós éramos um departamento de turismo até o ano passado e esse ano virou uma seção de turismo subordinada ao Departamento de Indústria e Comércio do município. Perdemos um pouco de espaço (Fabiana, 30/08/2022).

Ainda segundo Fabiana, com essa mudança o turismo perdeu força política no município, além de perder parte do orçamento da prefeitura para ações de fomento da atividade. O fato do Setor de Turismo ter perdido espaço no contexto municipal, evidencia o quanto o Turismo ainda é visto, por muitos gestores, como um simples produto de importância periférica, tanto no âmbito da gestão pública, como da gestão privada (SANTOS FILHO, 2011).

Quando perguntada sobre os impactos que essa mudança causou para o turismo do município, Fabiana alega,

[...] é difícil te responder isso; porque na verdade não mudou muita coisa. Há muitos anos que a gente já não está com trabalho muito voltado para o planejamento turístico, sabe? A gente está fazendo algumas ações meio soltas. Só esse ano eu consegui começar a puxar tudo de novo e estruturar por setores, o que não está sendo fácil (Fabiana, 30/08/2022).

Sem perder o ânimo e emitindo tom de esperança, Fabiana explica que no momento ela está sozinha cuidando do setor, mas que a tendência é que para 2023, a Seção de Turismo de Pinhais contará com uma equipe maior para melhor organizar as ações.

Com relação às leis, decretos e resoluções promulgadas no município nas áreas de turismo e patrimônio destacaremos, no quadro abaixo, as que foram instituídas segundo o Inventário da Oferta Turística de Pinhais:

QUADRO 4: Ações Legislativas Municipais – Turismo e Patrimônio de Pinhais

	AÇÕES LEGISLATIVAS MUNICIPAIS ESPECÍFICAS PARA O TURISMO
1	Lei 992 de 09 de julho de 2009 – Institui o Conselho Municipal do Turismo, o Fundo Municipal de Turismo, o Departamento de Turismo e dá outras providências.
2	Decreto nº 1207 de 2010 – Institui o Roteiro Turístico Estrada Ecológica a fim de desenvolver o potencial turístico e divulgar o município.
	AÇÕES LEGISLATIVAS MUNICIPAIS RELACIONADAS AO TURISMO
1	Lei 312 de 29 de setembro de 1998 – Dispõe sobre a preservação do Patrimônio Natural e Cultural do Município de Pinhais, cria o Conselho Municipal do Patrimônio Histórico Cultural e institui incentivos construtivos (Nova redação pela Lei nº 364/1999).
2	Lei 364 de 29 de novembro de 1999. Dá nova redação à lei 312/98.
3	Decreto nº 2936 de 06 de setembro de 2016 – Fica aprovado o Regimento Interno do Conselho Municipal de Patrimônio Histórico Cultural - CMPH anexo e instituído pela Lei 364 de 29 de novembro de 1999.
4	Resolução nº 005 de 26 de dezembro de 2002 – Tombamento Histórico da Igreja Nossa Senhora da Boa Esperança.
5	Resolução nº 49 de 06 de novembro de 2003 – Tombamento do Pinheiro Araucária, localizada na Escola Suíço Brasileira.
6	Lei nº 1834 de 14 de junho de 2017 – Institui a Rota da Cerveja Artesanal de Pinhais, como medida de estímulo ao desenvolvimento local sustentável.
7	Lei nº 2103 de 13 de junho de 2019 - Institui a Ciclorrota Nascentes do Iguaçu no município de Pinhais.
8	Lei nº 2652 de 15 de junho de 2022 – Autoriza o repasse de contribuição anual à ADETUR - Agência de Desenvolvimento Turístico Rotas do Pinhão.
9	Decreto nº 183 de 2022 – Cria e regulamenta a Rota Gastronômica no Município de Pinhais e dá outras providências.

FONTE: A autora baseada em Inventário da Oferta Turística de Pinhais (2022)

Podemos observar através do QUADRO 4, que as ações legislativas referentes à preservação e salvaguarda dos patrimônios histórico, cultural e natural do município de Pinhais são promulgadas antes mesmo das ações específicas para o turismo que se deu apenas a partir de 2009. Esse fator revela que a intenção da gestão pública do município quanto a conservação dos seus bens é anterior ao fomento turístico da região, o que podemos considerar pertinente.

Para Nagabe (2010), a preservação do patrimônio cultural contribui para a memória social coletiva dos residentes, pois se trata do “testemunho da vida deles” (p. 36). Ainda segundo a autora,

[...] a preservação da produção social e cultural e sua densidade simbólica devem, contudo, ser garantidas, incidindo em benefícios [...]. Assim garante-se a preservação da singularidade das manifestações vivenciadas coletivamente, contribuindo para a valorização das identidades e evitando-se a reificação cultural movida pela lógica capitalista, sobretudo a que chega [...]

por intermédio das práticas turísticas (NAGABE, 2010 *in* PELEGRINI *et al.*, 2010, p. 35).

Ainda como apresentado no QUADRO 4, Pinhais conta com apenas dois tombamentos que foram instituídos em resolução municipal, a saber, a Igreja Nossa Senhora da Boa Esperança e o Pinheiro Araucária, localizada dentro da Escola Suíço Brasileira.

Construída no final da década de 20, a Igreja Nossa Senhora da Boa Esperança, ou simplesmente Igreja Matriz como preferem chamar os moradores, foi erguida especialmente para o casamento de Umberto Scarpa e Adelaide Weiss – filha de Guilherme Weiss, cuja história já contamos anteriormente. Após a cerimônia, a igreja foi doada para a comunidade, especialmente, para os católicos que até então realizavam seus encontros religiosos em casas ou pátios (XAVIER, 2000). Ainda segundo Xavier (2000), a santa que dá nome à igreja foi encomendada por um imigrante de origem italiana e essa imagem de Nossa Senhora da Boa Esperança inicialmente foi abrigada em uma escola de Pinhais, até que por volta de 1930 foi transferida para o altar da recém inaugurada igreja dando nome à mesma, e mais tarde, se tornando a padroeira do município.

Em 2002, o Conselho Municipal do Patrimônio Histórico e Cultural de Pinhais conquistou o tombamento da Igreja Nossa Senhora da Boa Esperança considerando a importância desse monumento como um forte marco na paisagem e na história de Pinhais.

FOTOGRAFIA 3: Igreja Nossa Senhora da Boa Esperança



AUTORIA: Roberto Dziura Jr. / Prefeitura Municipal de Pinhais (2022)

A segunda resolução de salvaguarda do município considerou a lei de preservação natural do Município de Pinhais, que através do Conselho Municipal do Patrimônio Histórico e Cultural determinou em outubro de 2003 o tombamento do Pinheiro Araucária, localizada na Escola Suíço Brasileira, em Pinhais. A árvore centenária teve seu tombamento decretado pela sua importância histórica e simbólica, além de suas características natural e paisagística, já que com aproximadamente 300 anos de existência e em perfeitas condições, o Pinheiro Araucária é considerado o mais antigo da região (PINHAIS, 2022a).

FOTOGRAFIA 4: Pinheiro Araucária



AUTORIA: Própria (2022)

Foi em um passeio de bicicleta que vi pela primeira vez a centenária Araucária e, ao avistá-la, parei por alguns minutos para contemplar a beleza daquele Pinheiro alto e frondoso que se impunha como Mãe de todas as outras; só então compreendi o porquê daquela imponente Araucária ter se tornado patrimônio tombado do município de Pinhais. Talvez a fotografia não seja capaz de captar a emoção que senti ao ver aquela árvore e toda sua beleza. No entanto, ao perguntar sobre a existência desse Pinheiro Araucária, enquanto patrimônio tombado do município, infelizmente, nenhum dos entrevistados tinha conhecimento desse fato.

Além dessas duas resoluções municipais de tombamento, existe em tramitação, um pedido de tombamento do Autódromo Internacional de Curitiba (AIC) que apesar do nome, localiza-se no município de Pinhais e esteve em plena atividade até dezembro de 2021, quando foi desativado pela empresa que o administra. Para compreender a importância do AIC para o município de Pinhais, farei um breve histórico desse equipamento e, em seguida, abordarei sobre sua atual situação.

Autódromo Internacional de Curitiba (AIC)

Em 1965, era construída uma simples pista de corrida que fora concluída e inaugurada em 1967 por Flávio Chagas Lima (WILLE, 2022). Naquela ocasião, o local dessa pista era o Distrito Administrativo de Pinhais que pertencia ao Município de Piraquara.

FOTOGRAFIA 5: Autódromo de Curitiba em 1967



FONTE: Portal Memória Paranaense (2022)

Na FOTOGRAFIA 5 podemos observar que o recém inaugurado Autódromo de Curitiba contava apenas com uma simples pista de corrida, sem maiores estruturas para receber grandes eventos automobilísticos. De acordo com Wille (2022), foi em 1995 que o empresário Jauvenal de Oms, mais conhecido como Peteco, investiu valores consideráveis em reformas de infraestrutura e modernização do autódromo, projetando-o como um dos mais importantes locais de eventos automobilísticos do país. Ao longo desse tempo, o AIC recebeu importantes provas de velocidade entre categorias nacionais e internacionais como Fórmula Truck, Stock Car, Campeonato Paranaense de Arrancada, Campeonato de Motovelocidade, Copa Turismo de Velocidade, entre outros.

FOTOGRAFIA 6: Autódromo Internacional de Curitiba em 2020



AUTORIA: Roberto Dziura Jr. / Prefeitura Municipal de Pinhais (2022)

Podemos observar através da FOTOGRAFIA 6 que o AIC ocupa uma área considerável de um município que é o menor em extensão territorial do Paraná, mas que se encontra em plena expansão populacional e valorização imobiliária.

Com isso, alegando os altos custos para manutenção de um autódromo de categoria internacional, a direção do AIC anunciou, em 2015, a possibilidade de encerramento das atividades do circuito, pois setores de iniciativas comercial e imobiliária teriam interesse em desenvolver projetos naquele local (WILLE, 2022). No entanto, em meados de 2016, essa possibilidade foi desconsiderada e o autódromo continuou em funcionamento, até que em dezembro de 2021 o autódromo encerrou definitivamente suas atividades para dar lugar aos interesses imobiliários que já sondavam aquela localização.

Em setembro de 2019, foi realizada uma audiência pública²⁹ onde foi apresentado à comunidade a Operação Urbana Consorciada (OUC) "Autódromo, Ferrovia, Parque das Águas" e seu respectivo estudo de impacto para o projeto do novo Bairro Autódromo. Na referida audiência, o destino do autódromo já estava definido em conformidade com a gestão pública e privada, que apresentaram um projeto imobiliário e urbanístico de alto padrão, de forma definitiva para a população,

²⁹ Audiência Pública para a Operação Urbana Consorciada (OUC) "Autódromo, Ferrovia, Parque das Águas". Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=4dYFIk_0gJM> Transmitido ao vivo em 16 de setembro de 2021. Acesso em 31 de agosto de 2022.

desconsiderando as muitas observações, considerações e até reivindicações feitas na audiência por residentes de Pinhais, sobre as consequências e impactos que o projeto traria para o município e seus moradores.

Segundo a empresa contratada, a implantação do projeto traria investimentos e “desenvolvimento” para Pinhais. Diante disso, a pergunta a se fazer: que desenvolvimento a população de Pinhais quer e precisa? Infelizmente, esse ponto não foi considerado pelos gestores, antes de elaborar e apresentar o projeto para os moradores de Pinhais. Ao propor um projeto que visa oferecer desenvolvimento para determinada localidade, o mínimo esperado é que sejam acatados os direitos cívicos de participação efetiva da população inserida no processo (SILVA, 2006), em especial, das pessoas que serão diretamente afetadas pelas intervenções a serem realizadas por tal projeto. Segundo Silva (2006), inspirado no economista e filósofo Amartya Sen,

[...] a valorização explícita [das liberdades] é criticada, mas tem a vantagem de ser aberta à crítica e ao juízo público. Um dos argumentos mais poderosos a favor da liberdade política reside no facto de dar aos cidadãos a oportunidade de discutir e debater valores para eleger as prioridades (p. 10, 2006).

Logo, para o genuíno alcance de desenvolvimento político-social e urbanístico é preciso inserir os cidadãos no processo de discussão e debate, antes das tomadas de decisão (SILVA, 2006; YÁZIGI, 2003). Essa atitude poderia, inclusive, minimizar ações de interesses uni ou bilaterais, e melhor respeitaria a pluralidade existente na sociedade.

Segundo Fabiana, responsável pelo Setor de Turismo de Pinhais, o autódromo foi, sem dúvidas, o equipamento mais relevante para o turismo do município:

O autódromo foi o nosso maior equipamento, não tem como negar. Era de onde vinha o turista internacional; onde pessoas do mundo inteiro vinham pra cá e tudo mais. Só que há muitos anos o autódromo estava sendo subutilizado. É uma área enorme da cidade que estava sem uso; ninguém estava querendo gerenciar de forma adequada aquele equipamento. (Fabiana, 30/08/2022).

A entrevistada Fabiana, mesmo reconhecendo a notoriedade histórica e afetiva do autódromo para a população de Pinhais, e admitindo francamente a importância do AIC para o turismo do município, continua seu raciocínio:

[...] O Autódromo fez e faz parte da história de Pinhais, só que analisando economicamente pra uma cidade, com uma área desse tamanho, com as dívidas que a cidade tem e diante de uma área que não tá gerando nada, que está ociosa; e que poderia ser uma área bem rentável se houvesse outra atividade ali, é melhor que seja assim (Fabiana, 30/08/2022).

Nas palavras de Fabiana, é notório perceber que o fator econômico pesa mais para os interesses municipais, do que os fatores socioculturais. Concordo com Fabiana que não faz sentido aquele espaço relevante de Pinhais permanecer em estado ocioso, porém, em se tratando de um equipamento de tal proeminência histórica, econômica e cultural, poderia ter sido pensada outras alternativas de utilização daquele local juntamente com especialistas do setor cultural, esportivo e automobilístico além, principalmente, da população. Inclusive, na famigerada audiência pública de apresentação do projeto imobiliário, não faltaram sugestões de utilização do AIC por parte de moradores e interessados:

Por que nós não podemos fazer uma parceria público-privada para fazer uma administração correta do Autódromo? O AIC tem que ser tratado como um Parque, um Centro de Eventos, um Centro de Diversão, de Tecnologia, um Centro de Indústria, um Centro de Desenvolvimento Tecnológico. Aqui falta essa integração que é o que ocorre em lugares como Indianápolis. Por isso eu peço uma alternativa à essa proposta que foi feita (GILBERTO 16/09/2021).

De forma eloquente, o morador Gilberto apresenta sugestões sobre como o Autódromo poderia ser administrado, mas infelizmente, ainda que não estivesse muito claro para nós moradores, naquele momento, o destino do AIC já estava selado.

Que fique posto que não se trata de levantar a bandeira de que o AIC deveria se manter em funcionamento a todo custo, até porque o Autódromo é um equipamento de iniciativa privada. Além disso, o funcionamento do AIC não é um consenso entre os moradores de Pinhais. Para a ilustre dona Luiza, uma das mais antigas moradoras do município, e para sua filha Carla, mesmo com toda sua importância, o Autódromo não representa a identidade da população pinhaiense.

[...] eu não entendo que as pessoas de Pinhais pertencessem à cultura do Autódromo. Enquanto aconteciam as corridas, a população ficava do lado de fora vendendo pipoca. Quem entrava? Entravam pessoas que tinham condição, inclusive, pra manter aquele esporte que é caríssimo. Então, não acho que representava Pinhais não [...] era uma outra classe de pessoas que frequentava aquilo ali (Carla e Luiza 11/08/2022).

Na visão de mãe e filha, o AIC era um equipamento elitista, que não incluía a população de Pinhais. Essa visão tem muito fundamento, quando dos muitos eventos de categorias internacional, tal como Stock Car, em que muitos dos moradores, inclusive, eu, só tínhamos a oportunidade de ouvir o ronco dos motores dos carros do lado de fora do Autódromo, pelo custo dos ingressos. Dona Luiza e sua filha Carla, com pontos de vista em comum sobre o assunto, representam uma parte da população de Pinhais que aprovam a transformação do ACI. Dona Luiza defende,

Se acontecer o que eu ouvi falar, sobre construir toda aquela estrutura, vai ser muito bom. Vai trazer mais progresso para Pinhais (Luiza);

E Carla acrescenta,

Eu vejo que vai ser mais útil agora. Se o autódromo fosse utilizado como um centro esportivo inclusivo para a população de Pinhais, eu até lamentaria o fim do Autódromo e teria mais motivos pra dizer: deixa o autódromo; mas era uma coisa elitizada, não era pra realidade de Pinhais (Carla).

Em contrapartida, eu tive a oportunidade de assistir eventos automobilísticos de outras categorias menores com entrada inteiramente gratuita, e confesso que essas são boas memórias que tenho do AIC. Era mesmo de arrepiar ver e ouvir ao vivo os eventos de velocidade.

De igual forma, temos o testemunho da entrevistada Simone que conta,

Uma coisa bem legal que tinha quando o Autódromo funcionava é que eles davam convites nas escolas e meus meninos pegavam pra gente assistir algumas corridas, como por exemplo, a Fórmula Truck que era bem legal de assistir; era uma adrenalina e tanto! E aquele show de arrancadas [...] o Arrancadão³⁰ que era bem legal! E era bom ganhar convites porque pra pagar a entrada num evento desses era caro né? O autódromo era interessante porque eu lembro de sempre acordar domingo de manhã com o ronco dos motores dos carros de corrida [SIMONE, 15/07/2022].

A entrevistada Simone, assim como muitos moradores que se manifestaram na audiência pública contra o encerramento das atividades do Autódromo, demonstraram ter forte memória afetiva dos eventos que ali ocorriam.

Portanto, por se tratar de um equipamento sensível para o município, ainda que fosse necessário desativá-lo, seria mais coerente que a administração do Autódromo e a Prefeitura de Pinhais realizasse consulta popular a respeito do destino

³⁰ Evento que ocorria anualmente no AIC, onde pilotos de carros realizavam arrancadas e manobras para o grande público.

daquele local e só através dessa base, apresentar propostas. Discutir e debater com a população sobre os impactos que um projeto imobiliário de tal magnitude acarretará ao município, deveriam ser medidas prioritárias. Nesse sentido, Yázigi (2003) defende que todo processo civilizatório deve ser pensado, em primeira ordem, para a integridade do residente, mas no caso do AIC não foi o que ocorreu.

Enquanto moradora de Pinhais, a minha maior preocupação com o projeto imobiliário apresentado é o gigantesco impacto de infraestrutura viária o qual irá modificar profundamente a dinâmica urbana do município, além dos impactos de caráter ambiental, populacional e de infraestrutura de transporte, já que o empreendimento visa captar cerca de 8 mil novos residentes locais, segundo o próprio projeto.

Além de todas essas questões, de acordo com reportagem³¹ do Portal G1 Paraná, devido a relevância do equipamento, existe em tramitação um pedido de tombamento do Autódromo Internacional de Curitiba, pelo Conselho Municipal de Patrimônio Cultural, com vias de proteger o patrimônio público evitando possíveis intervenções de caráter irreversível que o projeto possa provocar.

Entretanto, a despeito do pedido de tombamento em curso e das reivindicações por parte de muitos moradores e interessados, o projeto imobiliário de implantação do “Bairro Autódromo” continua a todo vapor. Atualmente, as obras de construção do empreendimento encontram-se em fase de demolição e terraplanagem – como pude observar em minhas visitas ao local – evidenciando que quando se trata de ações políticas direcionadas ao patrimônio histórico cultural simbólico, os interesses econômicos de uma minoria privilegiada tendem a prevalecer.

4.1.2 Roteiros e Rotas Turísticas

Como descrito no QUADRO 4, no ano de 2009, a Prefeitura de Pinhais institui o Conselho Municipal de Turismo (COMTUR) que tem por objetivo assessorar o Poder Executivo em questões referentes ao desenvolvimento turístico do município (PINHAIS, 2022m). A partir do COMTUR, o município realiza diversas outras ações

³¹ Disponível em <<https://g1.globo.com/pr/parana/noticia/2021/12/17/justica-determina-que-autodromo-internacional-de-curitiba-nao-seja-derrubado-ate-que-processo-de-tombamento-seja-concluido.ghml>> Acesso em 02 de setembro de 2022.

legislativas com o objetivo – segundo a própria prefeitura – de apoiar e divulgar o turismo local. O COMTUR atualmente é composto pelas seguintes entidades:

- Secretaria Municipal de Desenvolvimento Econômico (SEMDE);
- Secretaria Municipal de Cultura, Esporte e Lazer (SEMEL);
- Secretaria Municipal de Meio Ambiente (SEMMA);
- Representante da Associação Comercial e Industrial de Pinhais (ACIPI);
- Representantes dos Bares e Restaurantes;
- Representantes dos Empreendimentos Turísticos (PINHAIS, 2021, p. 6).

Nota-se que o Conselho Municipal de Turismo é composto essencialmente por representantes da gestão pública e do setor privado do município, não havendo representação da população comum entre os seus componentes.

Dentre as ações legislativas criadas pela COMTUR estão a instituição do Roteiro Turístico Estrada Ecológica; a Rota da Cerveja Artesanal; a Ciclorrota Nascentes do Iguaçu; a integração do município na Agência de Desenvolvimento Turístico (ADETUR) Rotas do Pinhão; e a criação da Rota Gastronômica no Município de Pinhais. Veremos, a seguir, uma breve apresentação de cada um desses roteiros e rotas turísticas instituídas pela prefeitura municipal, a fim de melhor compreender suas atribuições e características.

Roteiro Turístico Estrada Ecológica

Instituído em 2010, o Roteiro Turístico Estrada Ecológica foi o primeiro roteiro turístico elaborado pelo COMTUR juntamente com a Prefeitura de Pinhais, um ano após a primeira lei específica para o turismo de 2009. Ou seja, foram 17 anos desde a emancipação político-administrativa do município até a primeira medida que deu início à regulamentação e ao desenvolvimento turístico de Pinhais.

A Estrada Ecológica de Pinhais se situa na parte Leste do Município, mais precisamente entre os bairros Planta Karla e Parque das Nascentes, local menos habitado e onde se concentra grande parte da biodiversidade ecológica da Região (ver em FIGURA 5 e FIGURA 6). Abaixo segue fotografia de um trecho da Estrada Ecológica de Pinhais:

FOTOGRAFIA 7: Estrada Ecológica de Pinhais



AUTORIA: Roberto Dziura Jr. / Prefeitura Municipal de Pinhais (2022)

O Decreto nº 1.207 de 2010, que promulga o Roteiro Turístico Estrada Ecológica sugere, portanto:

Art. 1º Instituir o Roteiro Turístico Estrada Ecológica a fim de desenvolver o potencial turístico e divulgar o município, através da realização de atividades com a população e turistas voltadas às questões ambientais, sociais e históricas incentivando a preservação e valorização do município de Pinhais.

Parágrafo Único – O Roteiro Turístico Estrada Ecológica visa, exclusivamente, promover o turismo no Município de Pinhais, não havendo qualquer vínculo comercial com quaisquer dos estabelecimentos que integram o referido roteiro.

Art. 2º O Ônibus do Turismo, veículo destinado à consecução de atividades turísticas do Município, ficará à disposição da Secretaria Municipal de Desenvolvimento Econômico, por intermédio do Departamento de Apoio ao Turismo.

Parágrafo Único – O Ônibus do Turismo será utilizado exclusivamente em atividades turísticas do Município de Pinhais, sendo vedado emprego diverso (PINHAIS, 2022b, online).

O ônibus em questão era de uso exclusivo do Departamento Turismo e era disponibilizado sempre que instituições ou um grupo de pessoas comuns solicitavam para realizar o Roteiro Turístico Estrada Ecológica de Pinhais. O Roteiro Turístico realizado nesse micro-ônibus autorizado pela prefeitura, conta com paradas nos principais atrativos e diversos equipamentos da Estrada Ecológica, como apresentaremos no quadro a seguir:

QUADRO 5: Atrativos do Roteiro Turístico Estrada Ecológica de Pinhais

ATRATIVOS E EQUIPAMENTOS TURÍSTICOS DA ESTRADA ECOLÓGICA			
	Nome	Descrição	Contato
1	Capela Nossa Senhora da Luz	Segunda igreja mais antiga do município, localiza-se no início da Estrada Ecológica. Da capela é possível apreciar uma das mais belas vistas da região.	Tel. (41) 991 175 702
2	Igreja Nossa Senhora do Carmo	Fundada no período pós-guerra como resultado de uma promessa da família de Euclides Fabre para que este voltasse vivo da Segunda Guerra Mundial, a simples igreja foi elevada à condição de Paróquia em 16 de julho de 1996.	Tel. (41) 999 992 882
3	Ateliê Corbellini	O ateliê pertence ao escultor Luciano Corbellini e abriga um acervo diversificado em técnicas, tais como: pedras, resinas, metais, moldes, entre outras.	Tel. (41)3668-9098 Email: ateliocorbellini@terra.com.br
4	Centro Cultural Gagliastri	O ateliê pertence ao escultor e pintor Luiz Gagliastri e possui acervo de pintura, fundição de esculturas, memorial e trilhas com largos jardins de esculturas.	Tel. (41) 3551-1869 Email: gagliastri@gagliastri.com.br
5	Iraí Futebol e Eventos	O local conta com uma estrutura composta por cinco campos de Futebol, um campo oficial e uma cancha de areia. Possui também, salão com bar e churrasqueiras e duas churrasqueiras externas.	Tel. (41) 3024 9611 Site: www.centroirai.com.br
6	Panorâmico Parque Clube	localiza-se na belíssima APA do Iraí. Dentre seus principais atrativos estão o Parque Aquático com tobogãs, piscinas e Parque Esportivo.	Tel. (41) 3669 6266 Site: www.panoramico.com.br
7	Parque Newton Freire Maia	Conhecido como Parque da Ciência, é um centro interativo de divulgação científica e tecnológica da Secretaria de Estado da Educação do Paraná.	Tel. (41)3666-6156 Email: pnfm@pnfm.pr.gov.br Site: www.pnfm.pr.gov.br
8	Cine TV Paraná	Instalada no interior do Parque Newton Freire Maia, em 2005, a Cine TV Paraná é a primeira escola pública da América Latina que ensina cinema e televisão.	Tel.: (41) 3551 1431 Site: www.cinetvpr.pr.gov.br
9	Chácara Villar	Propriedade de agricultura familiar localizada nas proximidades da Represa do Iraí. O local é administrado pelo casal Villar e é feita a venda de verduras e legumes orgânicos frescos.	Tel. (41) 985 154 030

FONTE: A autora baseada em Inventário da Oferta Turística de Pinhais (2022)

A servidora Fabiana conta que o serviço da Linha Pinhais Turismo que realizava o Roteiro Turístico Estrada Ecológica foi disponibilizado pelo Departamento de Turismo até o ano de 2020. Com o surgimento da pandemia e todo transtorno causado pela mesma, as atividades da Linha de Turismo foram suspensas em 2020 e, segundo a servidora, não foram retomadas no ano de 2022 devido a precariedade em que se encontrava o transporte que já apresentava considerável desgaste pelo tempo de uso.

Esse ônibus foi desativado em 2020 por que ele já estava com 10 anos de uso, estava muito velho e já estava ficando perigoso. Não tinha acessibilidade que é muito importante, mas que na época da compra não se pensava tanto nisso como hoje. O ônibus estava também sem cinto de segurança para os idosos e crianças (Fabiana, 30/08/2022).

Ainda segundo Fabiana, a prefeitura intenciona destinar uma verba específica para a compra de um novo ônibus de turismo, que atenda às normas de segurança, para que a Linha de Turismo de Pinhais volte a realizar suas atividades em 2023.

FIGURA 7: Roteiro Linha Pinhais Turismo



FONTE: Prefeitura de Pinhais – Setor de Turismo

Quando perguntada quem mais procurava e utilizava o serviço da Linha de Turismo de Pinhais, Fabiana revelou:

[...] quem mais procurava eram os professores das escolas do município para levar os estudantes e o Centro de Convivência do Idoso com os grupos da melhor idade; elas amavam! Era a coisa mais linda! Se deixasse elas faziam o passeio toda semana. E pro município era muito legal porque muitas delas não sabiam o que tinha na sua própria cidade e com o passeio passavam a conhecer. As pessoas ficavam encantadas... Foi muito bom isso! (Fabiana, 30/08/2022)

Fabiana continua explicando que embora o Roteiro Turístico ainda exista formalmente por decreto e a Estrada Ecológica esteja em boas condições quanto infraestrutura e sinalização, as atividades com a Linha Turismo de Pinhais estão inviabilizadas, pois os estabelecimentos e atrativos do Roteiro Turístico Estrada Ecológica (ver no QUADRO 5: Atrativos do Roteiro Turístico Estrada Ecológica de Pinhais) não estão mais integrados entre si.

Os estabelecimentos estão isolados. Cada um está trabalhando em sua área, até porque nós não conseguimos mais trabalhar com eles. Então a parte de capacitação, de atendimento ao público e de horários não estão bem definidos; mas nós temos um projeto de revitalização do Roteiro Turístico Estrada Ecológica que visa ver o que veio de novo desde aquela época, ver o que já não está mais aberto, ou já não existe mais, ou não tem mais qualidade de atendimento; e, por fim, reestruturar o traçado desse Roteiro (Fabiana, 30/08/2022).

Podemos perceber que, assim como observado no início desse capítulo, o fato do Departamento de Turismo ter sido extinguido e rebaixado à condição de seção departamental pode ter contribuído para algumas deficiências na gestão do turismo de Pinhais. É lamentável que uma das principais ações de fomento do turismo na região esteja atualmente inativo. Ainda que, particularmente, eu até perceba o esforço em promover ações por parte do setor do turismo de Pinhais, é notável que essa não é uma prioridade dos gestores públicos do município. O Roteiro Turístico Estrada Ecológica, com todo seu potencial ecológico e atrativos diversos, sofre hoje com essa lacuna por parte da gestão pública, já que permanece em inatividade devido a falta de investimentos imediatos da prefeitura.

De todo modo, assim como Fabiana permanece confiante, eu, também, mantenho a esperança de que o Roteiro Turístico possa ser revitalizado em breve, e que essa atividade continue com o seu papel em contribuir efetivamente para o desenvolvimento sociocultural e econômico do município de Pinhais.

Rota da Cerveja Artesanal

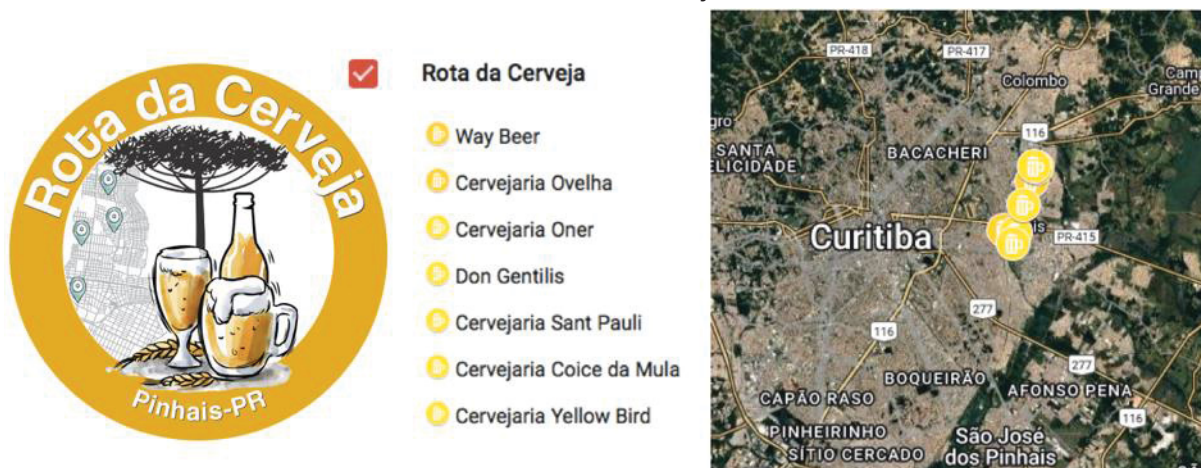
Com lei promulgada em 14 de junho de 2017, a criação da Rota da Cerveja Artesanal de Pinhais é a primeira Rota oficial dessa categoria no Estado do Paraná, ainda que existam muitas cervejarias artesanais ao redor do Estado (PINHAIS, 2021). A instituição da Rota da Cerveja Artesanal de Pinhais sugere, entre outras finalidades,

- I - Incentivar a produção local de cerveja artesanal, por meio de micro cervejarias;
 - II - Difundir, no Município, a cultura milenar de produção de cerveja artesanal, em fortalecimento ao turismo regional;
 - III - Estimular a comercialização de cervejas artesanais, produzidas a nível local, mediante a promoção de eventos de cunho cultural e turístico, organizados ou estimulados pelo Poder Executivo Municipal.
 - IV - Promover e potencializar atividades de produção e comercialização voltadas à geração de emprego e renda.
- Parágrafo único. Para os fins desta Lei, consideram-se micro cervejarias as unidades com capacidade instalada para produção de até 200 mil litros de cerveja, por mês (PINHAIS, 2022d, online).

De acordo com Fabiana, que é diretamente responsável pela seção de turismo, a Rota da Cerveja é um dos principais produtos turísticos do município. Para Fabiana, a Rota da Cerveja Artesanal impacta positivamente a imagem do município, e principalmente, o desenvolvimento econômico da mesma, uma vez que a Rota “atrai empresas, promove geração de empregos e traz ISS pro município” (Fabiana, 30/08/2022).

A Rota da Cerveja Artesanal conta, atualmente, com 7 cervejarias localizadas no município de Pinhais e que podem ser visitadas de forma individual ou em grupo através de meio de transporte particular, já que a Prefeitura, por enquanto, não disponibiliza um tour guiado pelas cervejarias (PINHAIS, 2022c).

FIGURA 8: Rota da Cerveja Artesanal



FONTE: Mapa Turístico Digital de Pinhais/PR – Google Maps (2022)

Na FIGURA 7, acima, podemos ver todas as cervejarias que compõem a Rota da Cerveja Artesanal, através do Mapa Turístico Digital³² de Pinhais que foi lançado

³² Para ter acesso ao Mapa Turístico Digital de Pinhais clique [aqui](#).

por iniciativa da Seção de Turismo através da SEMDE em junho de 2022, com o objetivo de divulgar para a comunidade local e para turistas, todos os pontos turísticos do Município de Pinhais (PINHAIS, 2022c).

No entanto, ao perguntar para os moradores entrevistados sobre a Rota da Cerveja, todos manifestaram ter conhecimento da existência da Rota, porém nenhum dos entrevistados sabia informar como a mesma funcionava ou como era comercializada. A entrevistada Regina comenta,

[...] eu sei que tem o “caminho da cerveja” em Pinhais. Eu nunca participei daquele Festival da Cerveja que tem no Bosque, mas eu acho muito legal. Até o meu professor da faculdade, um dia, comentou que ia passa na Rota da Cerveja que tem aqui em Pinhais; e eu, moradora, não tenho a mínima ideia nem onde que é (REGINA, 06//07/2022).

Como a entrevista se deu por vídeo conferência, enquanto conversávamos, Regina utilizou seu computador para fazer uma rápida pesquisa sobre a Rota da Cerveja em Pinhais e, mesmo assim, Regina queixou-se que as informações encontradas na internet seriam insuficientes para entender como se davam as visitas às cervejarias, e conseqüentemente não teria como apresentar a rota aos seus amigos e conhecidos.

Ciclorrota Nascentes do Iguaçu

Em parceria com os municípios de Pinhais, Piraquara e Quatro Barras e com apoio da Coordenação da Região Metropolitana de Curitiba (COMEC), foi lançada a Ciclorrota Nascentes do Iguaçu com o propósito de motivar o lazer e o turismo local, através do incentivo da utilização de bicicletas (PINHAIS, 2022f). Através da Lei 2.103 de 13 de junho de 2019, a prefeitura de Pinhais considera que:

Art. 1º Fica instituída a Ciclorrota Nascentes do Iguaçu, no Município de Pinhais, conjuntamente com os municípios de Piraquara e Quatro Barras, de modo a incentivar e alcançar a utilização segura da bicicleta no atendimento às demandas de lazer da população e dos turistas.

Art. 2º A Ciclorrota Nascentes do Iguaçu, no Município de Pinhais, tem por finalidade dentre outras:

- I – Incentivar o uso da bicicleta, por meio de instalação de ciclovias, ciclofaixas e faixas compartilhadas;
- II – Difundir, no Município, a cultura da mobilidade através do uso da bicicleta, em fortalecimento ao turismo regional;
- III – Promover o desenvolvimento sustentável, nas dimensões socioeconômicas, ambientais e turísticas;

- IV – Promover e potencializar atividades relacionadas às formas de mobilidade não motorizadas, voltadas à geração de emprego e renda;
 V – Estimular o uso da bicicleta, como meio de transporte e lazer, mediante a promoção de eventos de cunho esportivo, cultural e turístico, organizados ou estimulados pelo Poder Executivo Municipal.
 VI – Compatibilizar a mobilidade municipal com a dos municípios da Região Metropolitana de Curitiba e do Estado (PINHAIS, 2022g, online).

A Ciclorrota Nascentes do Iguaçu se configura uma iniciativa interessante, a partir do momento em que integra três municípios da Região Metropolitana de Curitiba (RMC), os quais se conectam em termos socioambientais e histórico-culturais.

São cerca de 257km de Ciclorrota, ligando os municípios de Pinhais, Piraquara e Quatro Barras e que estão subdivididas em 13 Rotas Menores Temáticas:

Em **Pinhais**, as Rotas Menores são divididas em quatro: Rota da Cerveja (9,9 km), Caminho das Águas (15,6 km), Ecológica (7,3 km) e Curitiba-Parque das Águas (5,9 km).

Em **Piraquara** elas são cinco: Parque das Águas Piraquara (18 km), Mananciais da Serra (20 km), Túnel da Roça Nova (26,4 km), Colonização Trentina (14,2 km) e Morro do Canal/Aldeia (8,6 km).

Já em **Quatro Barras** também serão quatro Rotas Menores: Montanhas (12 km), Caminho do Itupava (9,3 km), Graciosa Mata Atlântica (24,3 km) e Circular Quatro Barras (19,3 km) (PINHAIS, 2022f, online, grifo próprio).

O circuito oferece belas paisagens emolduradas pela Serra do Mar³³ e onde se encontra expressiva diversidade ambiental, tais como, mananciais, diversas espécies de animais e plantas, além de opções de lazer e gastronomia.

Na figura abaixo, podemos ver o Parque das Águas, no município de Pinhais que consta no Mapa Turístico Digital da Ciclorrota Nascentes do Iguaçu³⁴.

³³ A Serra do Mar é uma cadeia de montanhas de cerca de 1.500 km de extensão entre os Estados de Santa Catarina e Rio de Janeiro.

³⁴ Para acessar o Mapa Turístico Digital da Ciclorrota Nascentes do Iguaçu clique [aqui](#).

FOTOGRAFIA 8: Parque das Águas



AUTORIA: Roberto Dziura Jr. / Prefeitura Municipal de Pinhais (2022)

O Parque das Águas de Pinhais foi inaugurado em 24 de novembro de 2018, e desde então tem sido o principal ponto de lazer do município, recebendo não apenas os moradores de Pinhais, mas também, moradores de Curitiba e Região, além de visitantes de outras cidades. O Parque conta com academia ao ar livre, parquinho para crianças, pista de corrida e ciclovia com cerca de 2,2km de extensão (PINHAIS, 2022h).

Para a artesã Simone, a implantação do Parque das Águas foi uma das grandes iniciativas de ressignificação de um lugar outrora baldio, num local de turismo e lazer. Em suas memórias, a artesã resgata,

[...] a história do Parque das Águas é bem interessante porque antigamente aquele lugar era um monte de cavas. O meu pai explicava que as pessoas cavavam pra pegar areia e deixavam os buracos lá, daí o que acontecia: o pessoal no verão ia pra essas cavas se refrescar, brincar e isso sempre foi extremamente perigoso. Aquele não é um local pra banho e infelizmente teve muita morte naquele lugar (Simone, 15/07/2022).

Ainda segundo Simone, a transformação de um lugar que tinha um histórico de tragédias, em um lugar de alegria, de lazer, de momentos com a família foi algo “genial” nas palavras dela. Até essa entrevista, eu desconhecia tal história contada por Simone sobre o local que eu frequento com assiduidade.

Assim como Simone, todos os entrevistados conhecem e fazem uso do Parque das Águas para suas atividades de esporte e lazer. Enquanto moradora de Pinhais, eu estive no dia da inauguração do parque e desde então, o Parque das Águas se tornou meu ponto semanal de pedaladas, caminhadas e atividades físicas. Por morar a menos de 5km do Parque das Águas, para mim é perfeitamente possível utilizar a bicicleta como meio de deslocamento até o Parque, porém, acredito que poderia haver mais opções de acesso para àqueles que moram mais distante e necessitam utilizar o transporte público como alternativa.

Em todo caso, certamente o Parque das Águas é um dos pontos mais requisitados por moradores da região, sendo uma iniciativa muito positiva da gestão pública de Pinhais que segue construindo a fase de ampliação do projeto.

Rotas do Pinhão (ADETUR)

A Agência de Desenvolvimento Turístico (ADETUR) Rotas do Pinhão é uma iniciativa do Fórum Metropolitano de Turismo, entidade criada em 2003, por iniciativa da Associação dos Municípios da Região Metropolitana (NITSCHKE; TELES, 2008).

A ADETUR Rotas do Pinhão é criada em 2004 com o objetivo de estimular o intercâmbio entre as 18 cidades integrantes do projeto, a fim de promover os atrativos turísticos regionais, a cultura histórica da região, a gastronomia e as belezas naturais do Estado do Paraná (PINHAIS, 2022i).

Pinhais passa a integrar o projeto em junho de 2022, quando a prefeitura do município autoriza o repasse de contribuição anual para a ADETUR Rotas do Pinhão (PINHAIS, 2022j) começando a ter participação ativa nas ações do projeto.

Na página oficial do governo do Paraná, em que apresenta o projeto lê-se:

Que tal viajar pelo mundo dentro do Paraná? Isso é possível visitando a região Rotas do Pinhão. O lugar, que compreende Curitiba e grande parte da Região Metropolitana, tem forte **influência da imigração europeia, principalmente polonesa, ucraniana, italiana e alemã**. Traços distintivos das culturas mineira, paulista e do tropeirismo também ajudam a formar um caleidoscópio de sotaques, sabores e tradições (PARANÁ, 2022, online, grifo próprio).

Me chama a atenção a narrativa que aponta para uma prioridade em destacar a influência da imigração europeia em detrimento de toda uma população indígena –

a qual habitou originariamente toda essa região – para apresentar uma Rota cujo nome traz um símbolo originário (Pinhão).

FIGURA 9: Rotas do Pinhão



FONTE: Portal Viaje Paraná (2022)

Esse aspecto da exaltação da colonialidade é uma forte tendência de estratégia turística regional que acaba por invisibilizar toda uma herança de povos tradicionais que ali se estabeleceram.

A fim de conhecer mais sobre a ADETUR Rotas do Pinhão, não encontrei robustez de conteúdo sobre a iniciativa nas páginas institucionais. Considerei bastante precário o acesso aos documentos e às informações oficiais do projeto, o que dificultou pleno entendimento a respeito da mesma.

Rota Gastronômica

Por meio do Decreto nº 182 de 2022, a prefeitura de Pinhais através da SEMDE cria e regulamenta a Rota Gastronômica de Pinhais como política pública de apoio ao segmento de bares, restaurantes e congêneres do município “com o objetivo de fortalecer o setor da gastronomia e impulsionar o turismo na cidade” (PINHAIS, 2022k, online) e considerando:

- As diretrizes gerais do Plano de Recuperação das atividades Econômicas de Pinhais, estabelecidas na Lei municipal nº 2346/2021;
- Que a criação ou reconhecimento de rotas gastronômicas enseja a promoção do lazer, o estímulo à atividade econômica, a valorização do patrimônio e o interesse turístico;
- A necessidade do fortalecimento do potencial gastronômico para impulsionar o turismo no Município;
- O interesse da Prefeitura em promover e manter ações articuladas com organizações da sociedade civil capazes de, através de parcerias, otimizar os investimentos públicos e acelerar o ritmo dos melhoramentos e da qualificação desta região (PINHAIS, 2022l, online).

Sem dúvidas, o setor de alimentos e bebidas (A&B) é um dos fortes serviços que o município de Pinhais oferece. Podemos verificar no Inventário da Oferta Turística de Pinhais (2021) que o município conta com pelo menos 105 estabelecimentos comerciais cadastrados entre bares, restaurantes, lanchonetes, cafeterias, panificadoras e afins.

De acordo com a Prefeitura de Pinhais, a iniciativa de implantação da Rota Gastronômica visa “promover o lazer, estimular a economia, valorizar o patrimônio e o interesse turístico” (2022k, online). A ação foi muito bem recebida pelos gestores do setor gastronômico, uma vez que esse foi um dos setores mais afetados pela pandemia de corona vírus nos últimos 2 anos.

Qualquer estabelecimento do setor que esteja localizado no município de Pinhais poderá participar da Rota, desde que atendam estritamente aos critérios estipulados pelo Decreto que regulamenta a Rota Gastronômica (PINHAIS, 2022k). Atendendo a esses critérios, os estabelecimentos são devidamente credenciados e recebem o selo conforme figura abaixo:

FIGURA 10: Selo da Rota Gastronômica



FONTE: Prefeitura de Pinhais (2022)

A satisfação por parte dos gestores do setor de alimentos e bebidas com o projeto, fica evidente nas entusiasmadas palavras de um dos empresários inscritos na Rota Gastronômica ao receber o seu selo:

A gente tem a Rota da Cerveja Artesanal, que é uma rota consolidada e conhecida aqui em Pinhais, então a gente pensou “por que não unir essa Rota da Cerveja com os restaurantes?”, então **foi conversado com o pessoal da SEMDE e todos acharam a ideia ótima e desenvolveram a Rota Gastronômica**. Foi estipulado um padrão de qualidade. Precisa respeitar uma série de critérios, para o maior benefício dos clientes. A ideia é também fornecer produtos da Rota da Cerveja Artesanal, então você está unindo as empresas do setor privado com o setor público, através da Prefeitura e suas secretarias, que ajudam bastante pela confiabilidade, divulgação, pelos departamentos que possui; e **a intenção é que as próprias pessoas de Pinhais se sintam atraídas a irem aos restaurantes daqui** (PINHAIS, 2022n, online, grifo próprio).

A prefeita em exercício, Rosa Maria, também se manifestou de forma exultante sobre o projeto e enalteceu o trabalho das equipes envolvidas, bem como os empresários participantes:

Eu vejo que estamos nos encaminhando para essa integração cada vez mais forte, porque se o empreendimento de vocês vai bem, nossa prefeitura vai bem e, de fato, **o desenvolvimento econômico é um dos pilares mais importantes dos quais temos cuidado**. Hoje, com a notícia de que temos mais de 16 mil empresas ativas, é a materialização de todo um esforço, um trabalho de muita gente, de uma equipe que pensa, que quer muito, e nós estamos felizes com a parceria dos empresários, não basta ter a ideia se não há quem venha fazer adesão (PINHAIS, 2022n, online, grifo próprio).

Segundo os próprios gestores envolvidos, a iniciativa da criação da Rota Gastronômica foi desenvolvida, com o objetivo central de “promover o lazer, estimular a economia, valorizar o patrimônio e o interesse turístico” (2022k, online), como apontado anteriormente. No entanto, podemos perceber através das palavras da prefeita Rosa Maria que o foco maior da ação é, mais uma vez, o “desenvolvimento econômico”, confirmando o fato de que, mesmo através do setor gastronômico, o turismo se pauta em uma realidade hegemonicamente mercadológica e globalizante (SANTOS FILHO, 2005; PELEGRINI; NAGABE; PINHEIRO, 2010; PANOSSO NETTO; NECHAR, 2014).

É possível notar, também, a completa ausência de participação da comunidade no processo de criação da Rota Gastronômica. Nas palavras do empresário, integrante do projeto, podemos perceber que a elaboração da Rota Gastronômica foi uma iniciativa do setor público-privado, e que nenhuma consulta fora

realizada à população residente sobre o que a mesma pensa ser interessante para o projeto. Nas palavras do empresário, o papel das pessoas comuns da comunidade pinhaiense é o de serem “atraídas a irem aos restaurantes locais” (PINHAIS, 2022n, online).

Contrapondo essa ideia, o entrevistado Leonardo revela,

[...] aqui em Pinhais tem muitas opções de lojinhas de comidas bem agradáveis. Por exemplo, no centro do Pineville³⁵ sempre tem uns estabelecimentos legais. Tem uma lojinha de *Donuts & Cookies* que é bem pequenininha; é uma portinha no meio da rua, mas que é muito agradável e acolhedora (Leonardo, 10/08/2022).

Através desse relato de Leonardo, percebemos que lugares muito simples, podem ser muito bem requisitados pelos moradores; e nesse sentido a pergunta que faço é: será que a aquisição de um selo que confere diversos critérios impostos arbitrariamente pela iniciativa público-privada é suficiente para atrair essa população residente? Ressalto que determinados critérios são sempre imprescindíveis para qualquer estabelecimento de categoria A&B, especialmente quando se trata de segurança alimentar e isso é indiscutível. Não me refiro a essa questão. O fato é que foram apresentados diversos outros critérios aleatórios que poderiam ter sido elaborados com a participação da população residente, já que são esses quem tem maior propriedade para discernir o que realmente lhe atrai no exercício da comensalidade (ROSSI, 2020).

A comida nos revela aspectos diversos sobre como nos relacionamos com o mundo e com o outro. Por tudo que é capaz de nos informar, constitui-se em fonte de histórias, uma forma de narrativa da memória social de uma determinada comunidade, comunicando sobre nossas relações sociais, emoções e sistemas de pertencimento, conformando uma multiplicidade de significados tanto em nível individual como coletivo (ROSSI, 2020, p. 179).

A comensalidade constitui um processo muito mais abrangente do que se supõe. Envolve afeto, acolhimento, bem estar e satisfação que é proporcionada não apenas pelo alimento em si, mas por todo o contexto em que se insere esse ato (FERREIRA; OLIVEIRA, 2019; ROSSI, 2020). Para Rossi (2020), a comida estabelece um vínculo de memória afetiva, equivalendo não apenas a uma simples substância

³⁵ Um dos 15 bairros do município de Pinhais

alimentar, mas que proporciona uma dimensão emocional, cultural e simbólica ao indivíduo.

A partir dessa compreensão podemos entender com maior sensibilidade a relevância da participação popular na elaboração de políticas públicas do turismo voltadas à gastronomia, como no caso da Rota Gastronômica de Pinhais.

Nas dinâmicas do turismo contemporâneo a comida, além da importância que sempre teve como serviço de apoio à atividade, tem se transformado em atrativo turístico, um elemento central no desenvolvimento dos destinos. Nesse processo tem sido acionada como **patrimônio cultural**, contribuindo na construção da identidade cultural (FERREIRA; OLIVEIRA, 2019, p. 172, grifo próprio).

Quando as autoras empregam o título de patrimônio cultural à gastronomia, vale destacar que para ser tratado como tal, é a população residente, em toda sua pluralidade, que deve conferir essa condição, a fim de dar genuíno sentido simbólico àquele bem patrimonial gastronômico (FONSECA, 2009; GUILLAUME, 2003).

Desse modo, torna-se propício a efetiva participação da população em todo o processo de elaboração de critérios para projetos como a Rota Gastronômica. Essa é a forma mais honesta para atraí-los e para que os mesmos sintam o desejo em cativar outros visitantes a compartilhar dessa experiência gastronômica. Assim, o lazer, a economia, o patrimônio e o turismo da região serão promovidos original e organicamente.

4.1.3 Embarcando nas Águas da Memória

“A palavra poética é um modo de narração do mundo [...] Um fazer poético que se opõe ao discurso do poder estabelecido é, de certa forma, assegurar o direito à fala, pois, por meio da poesia, ocupa-se um lugar vazio, fazem-se ouvir novas vozes, novos modos e conteúdos discursivos, representativos daqueles, muitas vezes, silenciados pelo poder” (BRITO, 2011, p. 8-9). Com essas inspiradoras palavras de Maria da Conceição Evaristo, se faz o instante de apresentar as narrativas orais, muitas vezes poéticas, das histórias de vida dos protagonistas dessa pesquisa, de modo a embarcar nas águas de suas memórias.

Nesse momento, se dará voz e imagem àqueles que cederam suas experiências de vida à essa pesquisa com tanto carinho e desprendimento, pois “não

há evento sem ator [...] não há evento sem sujeito” (SANTOS, 2006, p. 95) e, foram esses atores que me permitiram desbravar por seus mares de memórias que aportariam em um encontro de identidades. Ao trazer essas narrativas lembro das palavras de Ecléa Bosi (1994), quando afirma que a veia épica da arte da narração é a oralidade, pois o narrador elabora sua história a partir das suas experiências e transforma a experiência dos que escutam.

Como proposto através do método de análise da pesquisa, essas memórias e percepções serão apresentadas, a partir da minha experiência e das minhas memórias de encontro com esses moradores. Assim sendo, será concedido pleno protagonismo à narrativa da história desses atores, incluindo a investigadora. Sempre lembrando da consciência em reconhecer o meu lugar de fala (RIBEIRO, 2017), enquanto pesquisadora acadêmica, e buscando praticar a sensibilidade e honestidade analítico-interpretativa sobre essas narrativas.

Para esse momento, escolhi contar cada relato de forma individual, a fim de compartilhar a minha experiência pessoal de encontro com cada uma dessas pessoas, permitindo o leitor contemplar essas narrativas e realizar as suas próprias impressões. Essas experiências serão por mim relatadas e interpretadas, através de uma linguagem predominantemente literária, sendo essa escolha parte do processo de resultados da pesquisa. E ao fim de todos esses relatos, apresentarei as minhas considerações sobre o conjunto da obra dessas narrativas tal como num poslúdio. Preparados para o embarque?

LUÍZA E CARLA

“Antes de finalizar, eu quero te mostrar uma coisa, venha ver [...]” foi assim que, ao final da nossa entrevista, dona Luíza me convidou para ver o quadro que lhe enchia de orgulho e que emoldurava o seu honroso título de Cidadã Honorária do Município de Pinhais, concedido em março de 1999 – além de outros documentos que ela guarda com muito esmero.

Dona Luíza e sua filha Carla me receberam gentilmente em sua casa para nossa entrevista e, logo ao entrar, percebi que aquele lar pertencia a alguém que tinha muitas memórias a narrar. As fotografias e quadros espalhados pelas paredes e móveis faziam daquela casa um verdadeiro centro de memória. E sim! Aos 87 anos

dona Luísa, que é professora de história aposentada é descendente de uma das primeiras famílias que chegaram à Região de Pinhais.

[...] aqui eu nasci, aqui eu me criei, aqui eu pude casar e formar uma família, pude trabalhar por 35 anos com educação. A minha história é muito longa! Aqui eu encontrei o meu esposo, um homem muito bom, um marido excelente. Nós nos casamos em 28 de janeiro de 1956 na igreja matriz de Pinhais [...]

E sua filha Carla completa: “aquela igreja que foi tombada”. Nesse momento, percebi que ambas, mãe e filha, além de uma história de forte relação com a região, tinham conhecimento, também, a respeito de um dos patrimônios tombados pelo município. Dona Luiza continua,

Na minha carreira profissional, formada pela Universidade Federal do Paraná tive a oportunidade de trabalhar por 35 anos, contando com 20 anos em direção de escola. E nessa minha trajetória profissional, ajudei a fundar praticamente 6 escolas, todas aqui em Pinhais. Comecei em 1963, dando aula debaixo de árvores, porque aqui não tinha nada.

Dona Luiza relata com muita singeleza e gratidão, que ela foi a primeira mulher universitária de Pinhais. A primeira mulher a cursar e se formar em uma Universidade. Sua filha Carla declara, com muito orgulho, que a sua mãe era uma mulher a frente do seu tempo e ressaltou o legado da educação que a sua mãe, Luiza, ajudou a construir em Pinhais.

Ao longo de suas lembranças, Carla conta sobre como a emancipação de Pinhais foi importante para o desenvolvimento do município:

Houve um tempo em que Pinhais foi uma cidade dormitório. Se você observar, aqui é praticamente um braço de Curitiba. Tem muitas saídas pra capital, o que tornou muito mais atrativo pras pessoas buscarem empregos fora de Pinhais. Aqui não tinha muitas empresas e indústrias. Hoje é muito diferente. Hoje existe um complexo industrial no município, hoje você vê muitas empresas e isso só favoreceu o município; trouxe campo de trabalho, trouxe a possibilidade das pessoas ficarem mais em Pinhais e desenvolver o sentimento de pertencimento. Antes era só Curitiba, e era Curitiba de segunda a segunda, porque as pessoas iam trabalhar em Curitiba e nos fins de semana iam passear em Curitiba. Então **aqui não tinha identidade, não tinha sentimento de pertencimento**. Hoje você vê que as pessoas trabalham em Pinhais e usufruem dos atrativos, basta você olhar o Parque das Águas (Carla, 11/08/2022, grifo próprio).

Carla atribui ao desenvolvimento econômico de Pinhais o fator principal de consolidação da identidade e do sentimento de pertencimento dos residentes.

Segundo Carla, foi a industrialização, principalmente, que contribuiu para a valorização do tempo de permanência dos moradores no município. Além disso, Carla atribui esse desenvolvimento de Pinhais às políticas públicas direcionadas ao município, desde sua emancipação.

Quando perguntada sobre o que elas consideram como maior valor patrimonial de Pinhais, tanto de caráter material quanto imaterial, a dona Luiza pensa um pouco e responde: “a igreja antiga de Pinhais” referindo-se à Igreja de Nossa Senhora da Boa Esperança, e em seguida, afirma, “por incrível que pareça, Pinhais não tem tanto patrimônio não”. Nesse momento, percebo que a palavra patrimônio para dona Luiza, remete fortemente ao sentido de um bem material tal como afirmam os autores Choay (1999), Gonçalves (2009), Pelegrini e Funari (2013), sendo necessário estimular dona Luiza a pensar em outras formas de patrimônio que não o material. Quando estimulada, então, a não pensar apenas em patrimônio material, e explicando mais sobre patrimônio imaterial, repito a pergunta sobre o que teria maior valor em Pinhais, ao que dona Luiza responde, “a simpatia do povo, a educação e a fé”.

Ao perguntar se Pinhais teria potencial turístico, dona Luiza responde de imediato que “sim”, e comenta sobre os bosques que tem no município. Em seguida, dona Luiza menciona a falta de boas praças nos bairros de Pinhais para que os moradores possam passear e se socializar, e esse ponto me chama a atenção, uma vez que ela insere essa pauta que, a princípio se trata de lazer, no bojo do turismo.

Propus então, que dona Luiza elaborasse um roteiro turístico para Pinhais e pergunto quais atrativos ela colocaria nesse roteiro, e ela responde prontamente:

Em primeiro lugar, voltar a funcionar a Estação de Trem. Recuperar a Estação, fazer as paradas daquele trem de turismo na nossa Estação e depois colocar praças nos bairros. Eu também queria que tivesse um Café Colonial.

E sua filha Carla complementa,

Poderiam tentar fazer um roteiro de passeio rural ali na região de *Capoeira Grande*³⁶ próximo do Horto Municipal, o Clube Panorâmico; acho que se fosse explorado um turismo rural, com café colonial, como a gente vê em outros municípios como São José dos Pinhais com a Rota do Vinho. Você conhece a Colônia Murici em São José? Lá é onde estão os meus

³⁶ *Capoeira Grande* é o nome pelo qual Dona Luiza e Carla Kropzak conhecem a região onde hoje se situa o bairro Jardim Karla (ver em FIGURA 6).

antepassados da família Kropzak. Aqui tem a Rota da Cerveja, então estão tentando incorporar a cultura da cerveja em Pinhais; eu não acho ruim, tem espaço pra todo mundo, né?

Através das narrativas de dona Luiza e sua filha Carla sobre turismo de Pinhais, é possível notar que as mesmas possuem ter domínio e conhecimento sobre alguns lugares que poderiam ter potencial turístico em Pinhais. Nota-se também, dentro de suas narrativas, que a percepção de mãe e filha sobre o turismo não está preso ao conceito predominante da teoria do turismo que partem de ideias deterministas e utilitarista do fenômeno (MOESCH, 2004; SANTOS FILHO, 2005). Elas apontam o turismo do município em que residem, não apenas para possíveis visitantes, mas através do roteiro proposto por mãe e filha, o turismo de Pinhais é, também, para os próprios residentes desfrutarem.

Ao me despedir de dona Luiza, a sua filha Carla me confidenciou: “A mãe nunca quis sair daqui, porque ela tem uma relação muito afetiva com esse lugar”. E eu, particularmente, pude perceber esse forte elo de dona Luiza com o município, desde o momento em que adentrei pelas portas de sua casa verde, de esquina com uma das avenidas mais movimentadas de Pinhais, e que eu transito todos os dias, ao voltar pra casa. Jamais poderia imaginar que, aquela casa que vejo praticamente todos os dias, houvesse tanta riqueza mnemônica e histórica. Me despeço, então, de dona Luiza e da sua filha, plenamente preenchida de profundas histórias e memórias sobre Pinhais.

NARÁ

Quando minha querida amiga e companheira de luta política, Edna Sousa, soube que eu iria iniciar as entrevistas com moradores de Pinhais para realizar uma pesquisa, ela me falou: “você precisa entrevistar a Nará”. Então, eu coloquei esse nome na minha lista e aguardei até que a pesquisa chegar em fase de campo. Nesse momento, entrei em contato com a Nará e, logo, combinamos nossa entrevista.

Nará gentilmente aceitou o convite e sugeriu que nosso encontro fosse na Biblioteca Municipal de Pinhais. Esse fato me chamou a atenção e uma das primeiras perguntas que realizei em nosso encontro foi: O que te fez escolher esse lugar para o nosso encontro? (me referindo à biblioteca), ao que ela respondeu:

Então, eu acho que é uma questão de ancestralidade, sabe? Por que a minha tataravó não teve acesso a isso. Eu fui a primeira de 5 gerações a ter acesso à escolaridade; a primeira mulher negra da família que pôde entrar numa Universidade, terminar o curso e ser pós graduada, ser professora, ser escritora. Então biblioteca pra mim é educação e educação é liberdade. Biblioteca é um espaço de libertação.

Logo notei que ali estava uma mulher engajada em suas causas. Nará é uma querida professora e uma notável escritora. Ao pedir que ela se apresentasse, as suas primeiras palavras foram:

Eu sou Nará Souza Oliveira, sou tataraneta de uma mulher roubada da África e escravizada na região do café; na região do Rei Manoel Congo, no Rio de Janeiro. Sou bisneta de uma mulher que nasceu escravizada na referida fazenda, onde a minha tataravó foi escravizada e essa minha bisavó, então, foge da fazenda para que a sua filhinha, a minha avó Jovita, nascesse livre na mata. De Jovita nasceu minha mãe, Zélia, já após a Lei³⁷ de uma princesa que não libertou ninguém. Do lado paterno, eu sou filha de Eurípedes, que é filho do africano que aqui no Brasil recebeu o nome de Benvindo.

A apresentação da querida Nará (como hoje eu a chamo carinhosamente), diz muito sobre quem é essa mulher. O fato de Nará se apresentar através do seu nome, sobrenome e da sua genealogia ancestral, demonstra que a sua essência humana está fincada em suas raízes ancestrais. Nará continua a relatar sua trajetória,

[...] da região serrana do Rio de Janeiro, minha família vai, então, para a capital onde meu pai trabalhou como marceneiro, e por alguns anos, eu passei uma infância apertadinha lá, uma infância num lugar de violência e dentro daquele local de violência, eu criei um mundo de fantasia para poder sobreviver. Então, eu não me inseria naquele mundo que era um beco de um morro; então eu criei minhas histórias, minhas casas, meus palacetes e minhas realidades fora dali. Assim eu fiquei, até que papai resolveu vir para o Paraná pra mudarmos de condição de vida [...]

Enquanto eu ouvia, absorta, a sua belíssima história de vida, contada tão apaixonadamente, me senti como quem abre um livro absolutamente cativante e, admirada, com as memórias da Nará, me rendi àquela encantadora narrativa:

[...] e foi assim que eu cheguei no Paraná em 1962, morei na capital Curitiba, em 1963 fomos para a cidade da Lapa³⁸, onde eu pude voltar a estudar. Em 1964, bem na época da Ditadura, eu morei na Avenida Rio Branco [Lapa], na rua do quartel e passava meus medos. Nós estávamos numa cidade historicamente de guerra, dentro de outra guerra que era a ditadura militar [...]

³⁷ Em referência à Lei Áurea, n.º 3.353 de 13 de maio de 1888, assinada pela Princesa Imperial Regente, Isabel de Bourbon e Bragança.

³⁸ Cidade histórica do Paraná, palco da Revolução Federalista entre os anos 1893-1895.

em 1965, mudamos para Piraquara, naquela época Pinhais pertencia à Piraquara.

A narrativa de Nará, contém lembranças precisas das datas de cada episódio vivido, o que demonstra a sua consciência a respeito dos períodos e do contexto histórico em que ela estava inserida. Com isso, eu aproveito para perguntar sobre as primeiras lembranças e impressões da sua chegada à região de Piraquara.

[...] eu tinha bastante a influência da minha mãe. Minha mãe era uma pessoa muito viva, muito positiva; é uma pessoa que saiu de um sistema de opressão, então ela chegou e disse “aqui eu vou ficar”. Ela viu uma realidade diferente. Quando chegamos em Piraquara, finalmente nós tínhamos uma casa com toda estrutura que uma casa deve ter, né? Com banheiro, cozinha, quintal, horta, jardim, fogão a lenha que eu achava o máximo. Minha mãe até escreveu um livro chamado *Testemunhos* e ela escrevia nesse livro as impressões que ela tinha daqui.

Nará ainda relata muitas outras histórias que viveu na região de Pinhas, quando era Piraquara. Ela lembra que devido à precariedade de transporte na região, era preciso realizar longas caminhadas com seu pai, entre Piraquara e o povoado de Pinhais. O conhecido pastor Eurípedes, pai de Nará, se torna uma figura ilustre na região e após sua morte recebe a homenagem do município de Piraquara que batiza uma rua com o seu nome. Suas lembranças chegam, então, ao momento de emancipação de Pinhais.

Quando foi em 1992, Pinhais emancipa-se. Então a rua com o nome de papai acaba ficando na área do município de Pinhais. Assim que se emancipou, o lado de Pinhais começou a pôr asfalto em todas as ruas; depois teve pronto-socorro; depois começaram a fazer bosques [...] tudo estava acontecendo aqui. As empresas começaram a chegar [...] quando chegou a gestão do PT³⁹, o Partido dos Trabalhadores e Trabalhadoras, aí Pinhais começou a desenvolver em crescimento humano também.

Nará relata o avanço na educação que Pinhais sofreu na gestão do partido o qual ela é filiada e conta que ela participou ativamente desse processo. Essa ênfase que Nará aponta sobre o desenvolvimento educacional de Pinhais, frente à tantos outros avanços que Pinhais teve desde sua emancipação, revela o quanto esse tema da educação lhe é sensível.

Quando perguntada sobre o que ela considera um bem patrimonial em Pinhais, Nará responde sob dois aspectos:

³⁹ O Partido dos Trabalhadores (PT), administrou Pinhais dos anos 2009-2016.

Sob a visão humana, que é quando se pensa nas pessoas que viveram aqui muito antes, como os indígenas, por exemplo. Quando você encontra uma família negra resistente que está aqui há muito tempo, mesmo sendo quase expulsas de suas casas; por que o progresso chega, mas também chega sufocando tudo e obrigando as pessoas venderem suas pequenas propriedades pra grandes imobiliárias. A preservação do patrimônio deveria começar aí. Deixem essas casinhas. Não aprove nenhuma construção onde tem essas riquezas [...] não é a só beleza numa visão só eurocêntrica, mas é a beleza da simplicidade daquela casa; daquela araucária que tem ali; isso é patrimônio e está desaparecendo. As araucárias estão desaparecendo. Se eu pego uma foto dali da minha janela do 7 andar, do ano de 2010, e hoje quando eu vejo, eu pergunto: cadê as araucárias?

Para Nará o patrimônio está focado em dois aspectos principais: o humano e o ambiental, tal como ela descreve. Sob o aspecto humano, Nará retrata, com sensibilidade, a importância de preservar a dignidade das pessoas e os lugares de suas memórias apontando para os indígenas como os primeiros habitantes do território, e para pessoas negras que são, em sua maioria, afetadas por especulações imobiliárias, sendo muitas vezes levadas a abandonar suas simples propriedades, como exemplificou Nará em seus relatos. Sob o aspecto natural do patrimônio, Nará cita as araucárias e alerta como elas tem sumido ao longo do tempo, com as observações que ela mesma faz da janela de sua casa. Para Nará, as araucárias são um patrimônio da região.

Nará cita também o fato de ter participado de um grupo de pesquisas dos anos 2005-2010, que realizou levantamento de quilombos no Paraná. Ela afirma terem conseguido registrar 88 comunidades quilombolas no Estado, sendo 38 certificadas pela Fundação Palmares⁴⁰. Contudo, Nará afirma não ter conseguido dados sobre existência de quilombos na região de Pinhais.

[...] cada um desses quilombos são patrimônios e eu gostaria de saber desse patrimônio aqui nessa região. Se não tiver um quilombo rural, um quilombo urbano tem que existir por aqui, porque o negro tá aqui há muitos anos. Escravidão teve. Eu tenho lá o livro que relata que tiveram escravizados no tempo que Pinhais, Piraquara, São José, quando todo mundo era junto, né? Esses escravizados muitas vezes fugiam pra mata e faziam quilombos. Tá lá nos relatórios. Mas, então, onde está esse patrimônio?

Nota-se que ao falar de patrimônio, as raízes africanas já narradas por Nará, quando de sua apresentação, está fortemente presente em sua percepção. Através

⁴⁰ Entidade pública brasileira, instituída pela Lei Federal nº 7.668, de 22 de agosto de 1988, para promoção da afro-brasilidade.

de sua narrativa, percebi que os quilombos representam para Nará, a sobrevivência e a resistência do seu povo diante da barbárie chamada escravidão, que perdurou por muitos anos no Brasil. Essa percepção sobre o patrimônio de Nará revela uma mente descolonizada, que rompe com a concepção predominantemente eurocêntrica sobre patrimônio na região e que busca símbolos patrimoniais autênticos de sua formação sociocultural.

A narrativa de Nará nos remete ao que foi apontado na seção **Error! Reference source not found.** quando os autores Corral e Fernández (2019) propõem refletirmos mais profundamente as realidades para entendermos amplamente sobre cultura e patrimônio. Nará confirma essa percepção decolonial, quando eu a questiono, também, sobre o conhecimento dela a respeito dos atrativos turísticos de Pinhais. Após pausa de alguns segundos refletindo na pergunta, Nará declara,

[...] olha, eu não posso te responder isso. Não posso porque os atrativos turísticos estão voltados atualmente pra uma visão europeia, de cunho colonizador e cristão. Vamos considerar lá nos patrimônios, os terreiros de Ubanda e Candomblé. Vamos voltar um pouco a nossa conversa e considerar que os terreiros também são patrimônios; e tem terreiros aqui em Pinhais. Esses atrativos que são colocados, não contemplam todos os moradores e moradoras. Só contempla uma parcela das pessoas de visão eurocêntrica. Pra você ter ideia, aqui tem uma praça, que é a praça da Bíblia. Por que não tem também uma fonte de Oxum?

O questionamento altamente espontâneo da Nará, nos faz refletir sobre a legitimidade do que é pautado como patrimônio pelos órgãos públicos responsáveis, e que são hegemonicamente de caráter cristão-conservador. Esse fato me lembra o que aponta Guillaume (2003), quando diz que “a cultura é entendida como um reduto limitado” (p. 15). E através da narrativa da Nará, podemos dizer que essa cultura se limita a um contexto opressivamente colonizador.

Nará não tinha conhecimento de todos os atrativos turísticos de Pinhais, mas após apresenta-los num folder produzido pela Prefeitura Municipal, eu perguntei se ela achava que Pinhais tinha potencial turístico e ela responde: “se o turismo incluir todas as etnias, tem”. Em seguida eu pergunto, o que não poderia faltar num roteiro turístico de Pinhais e Nará responde que,

[...] eu colocaria a Estação Ferroviária; o Bosque Municipal; o Parque das Águas; a Araucária mãe, o Mirante da Represa Iraí; o Parque da Ciência, eu até já fui pra lá ver as estrelas, mas pra variar estava com neblina [risos] e agora eu incluiria um terreiro de Candomblé e outra de Ubanda; aí sim pode incluir a Igreja Matriz. E por fim uma escolinha antiga de Pinhais.

Nará conclui que é preciso que o turismo seja realizado a partir de um trabalho de inclusão. Um turismo pra todas as raças e classes, sem esquecer de pautar a educação. Para ela não faz o menor sentido sair de uma cidade para outra e ver sempre os mesmos atrativos inseridos em uma diegese linear. Essa percepção de Nará, se alinha com o que aponta Yázigi (2003) quando problematiza sobre o desenvolvimento turístico a partir da mesmice de uma “paisagem básica” (p. 270) criticando a padronização dos lugares turísticos.

Nará ainda declara que o turismo “não tem o que mostrar de nós [negras e negros], mas nós queremos nos ver e nos inserir nesse turismo”, realizando claramente uma denuncia sobre o racismo existente no âmbito do turismo e do patrimônio.

Por fim, depois dessa produtiva conversa, Nará me convidou para tomar um café em sua casa que ficava bem próximo da biblioteca. Chegando lá, me mostrou a vista da sua janela do 7º andar – que era linda por sinal – e para completar me presenteou com livros infantis de sua autoria para que eu pudesse ler para o bebê que eu estava à espera. Depois dessa entrevista a querida Nará e eu mantemos o contato sempre.

SIMONE

Num dos passeios por Pinhais, com minha câmera fotográfica, entrei no Bosque Municipal para fazer alguns registros e avistei uma pequena e graciosa lojinha de artesanato, chamada CRIARTE. Trata-se da Cooperativa de Criações Artesanais de Pinhais, cujo endereço é o Bosque Municipal de Pinhais. Entrando na loja, tive o privilégio de encontrar mulheres incríveis! Todas artesãs. Dentre elas conheci a Simone. Imediatamente anotei o seu contato e posteriormente a convidei para ser uma das participantes da pesquisa.

Simone se mostrou uma simpatia de pessoa logo quando a conheci. Com o tom de voz sempre alegre, ela aceitou com muita disposição realizar a entrevista e marcou nosso encontro lá mesmo na loja da CRIARTE, em que ela é uma das artesãs cooperadas. Ao se apresentar Simone narra,

Eu sou moradora de Pinhais [risos] eu vou ter que contar isso [mais risos] é que eu descobri a pouco tempo atrás que eu fui concebida em Pinhais. Depois que minha mãe morreu, meu pai me revelou que eu fui concebida no bairro Maria Antonieta, num campo de futebol [muitos risos] quando ele me revelou isso eu percebi que eu sou pinhaiense mesmo, desde a concepção.

Com esse início de conversa num tom descontraído, Simone continua narrando sobre suas memórias na região de Pinhais:

[...] eu me lembro de quando aqui não era Pinhais. Aqui fazia parte de Piraquara, mas Piraquara não era uma cidade muito desenvolvida, então qualquer coisa que a gente ia fazer, a gente falava que ia pro “Centro” que no caso era Curitiba. Depois que teve a emancipação, aí Pinhais foi adquirindo mais cara de cidade. Tanto que na minha época pra estudar não tinha ensino médio; agora Pinhais tem até Faculdade [...] pra mim é atraente essa ideia da cidade ter crescido tanto, ter expandido tanto, porque eu lembro que até pouco tempo atrás não tinha nada e agora tem tudo aqui na cidade. Não precisa mais se deslocar pra outros lugares.

Simone atribui esse desenvolvimento de Pinhais, à emancipação do município,

[...] eu acredito que ter se separado de Piraquara foi bom pra Pinhais porque eu acho que ficava muito difícil de cuidar de um município muito extenso. A partir do momento que teve a separação, aí eu acho que ficou mais fácil pra cuidar. Começou a se investir mais, muitas empresas vieram pra cá também; aqui tem uma boa área industrial pra empregos.

A forma como Simone retrata suas lembranças, dão a impressão de que essas memórias estão bem vivas em sua mente. Quando perguntada sobre como ela se sente enquanto paranaense e pinhaiense ela responde:

Sinceramente, uma coisa que o pessoal sempre fala de Curitiba, que é meio negativo, é que o curitibano é frio, que ele não gosta de conversa, não gosta de amizade, não cumprimenta ninguém; e a minha cultura aqui em Pinhais, desde a época da escola, foi totalmente diferente, sabe? Então é bom saber que você não faz parte desse grupo que o pessoal vê com esses olhos [...] tipo assim, quando o pessoal me conhece e pergunta: “de onde você é?” Aí a gente tem que citar Curitiba como referência, né? Porque se você falar Pinhais, o pessoal do Brasil a fora não vai conhecer. Aí as pessoas dizem: “ah, então Curitiba não bem assim como falam”, mas isso é porque eu sou de Pinhais.

Apesar de sempre ter tido Curitiba como referência, é possível sentir nas palavras da Simone que ela não se reconhece enquanto curitibana, principalmente, pelo fato de não se sentir pertencente à cultura de Curitiba.

Essa visão que ela traz, enquanto pinhaiense, me soa bem inusitado, pois como boa baiana que sou, ao chegar no Paraná eu não conseguia (e talvez ainda não consiga) dissociar a cultura curitibana e pinhaiense. Pra falar a verdade, eu me encaixo entre essas pessoas que alegam a frieza cultural dita “curitibana”, mas reconheço que ao conhecer a Simone, ela me pareceu ser uma pessoa bem diferente desse estereótipo atribuído amiúde aos curitibanos.

Simone continua seu relato suscitando as lembranças que a fazem se orgulhar do município de Pinhais,

[...] uma recordação que eu trago e eu gosto, é da época do Carrefour pra cá [risos] ninguém conhecia supermercado aqui e o primeiro Carrefour que veio, foi o de Pinhais; foi o primeiro supermercado. E ali do lado do Carrefour, onde hoje é o Expotrade, era um shopping; Shopping de Pinhais. Papai trabalhou lá na área de segurança, meu tio também [...] o Carrefour foi a primeira grande coisa que chegou aqui em Pinhais. Eu lembro quando pequena eu ia pro Carrefour com meus pais, ia pro shopping brincar [...]

Simone continua,

[...] o que me orgulha em Pinhais é o fato de uma cidade que não tinha nada, de repente vira um lugar que você passa a achar tudo, um lugar bonito, em desenvolvimento [...] isso não é fácil porque eu conheço cidades que já tem muito mais tempo que Pinhais e não tem essa infraestrutura. Aqui cada bairro tem uma lotérica, tem lojas que você precisa [...]

O fato de Simone tanto se orgulhar do avanço civilizatório e da infraestrutura urbana de Pinhais, revela o quanto esse fator foi impactante para que ela se sentisse contemplada em sua dignidade enquanto cidadã. Talvez, ter conhecido as dificuldades de viver numa cidade com baixo índice de desenvolvimento, a faça valorizar a infraestrutura proporcionada pela cidade atualmente.

Quando a questiono sobre o que poderia melhorar em Pinhais, Simone declara que o setor da saúde poderia ser melhor e alega a falta de um hospital⁴¹, já que para realizar tratamentos mais específicos na área da saúde, a população de Pinhais precisa utilizar hospitais de outras cidades. De todo modo, percebo que o foco no desenvolvimento de infraestrutura do município se destaca em sua narrativa.

Aproveito esse momento para perguntar para Simone, o que ela pensa sobre o turismo de Pinhais e Simone responde:

⁴¹ A Prefeitura de Pinhais anunciou, em 2022, a construção de um Hospital no município a partir de 2023.

Pinhais até que teve bastante avanço com relação ao turismo. Tá tendo mais festas no município, a Prefeitura tá incentivando mais, como, por exemplo, a Festa da Cerveja que traz pessoas de outros lugares pra cá. Eu acho que isso tá sendo bem legal. Acho que falta ainda mais divulgação, mas já teve um avanço com relação a isso. Poderia ter mais festas como a “Festa do Pinhão”, por exemplo. Pinhais tem muito pinhão; então em junho eles poderia fazer algo maior, sabe? Pra trazer mais pessoas em outras épocas do ano também.

Ainda sobre o turismo, ao ser apresentado o folder com os atrativos, Simone revela não conhecer a maioria dos pontos. No roteiro turístico ideal para ela, não poderia faltar, em primeiro lugar, o Parque das Águas (ver FOTOGRAFIA 8) – incluindo a história do antes e depois do parque. Simone cita, também, a Estrada Ecológica e o Bosque Municipal destacando a importância turística em divulgar a loja de artesanato da CRIARTE. Simone continua explicando que falta mais divulgação sobre os eventos no município para fortalecer o nome de Pinhais,

[...] tipo assim, a gente tem vários eventos na Expotrade, que é o centro de convenções, mas ele é mais usado para eventos gerais que não levam o nome de Pinhais. As pessoas vêm pros eventos com a visão que estão em Curitiba. Que nem o caso do Autódromo, que se chama “Autódromo Internacional de Curitiba”. Isso apaga a imagem da cidade de Pinhais.

Simone continua seu raciocínio,

Quer ver uma coisa que quem é de Pinhais tem raiva? [risos] A pessoa pergunta: “onde você mora?” aí eu falo: “eu moro em Pinhais”, daí a pessoa fala: “Ah, em São José dos Pinhais” – Não! Não é São José, é PINHAIS! Tu já ouviu isso de alguém? [ao que eu respondo com risos: “muito!”].

Foi inevitável. Simone e eu começamos a rir sobre esse assunto, porque percebemos que esse fator era comum a nós duas já que, enquanto moradoras de Pinhais, costumamos ouvir essa confusão entre as cidades constantemente, principalmente, entre os próprios paranaenses.

Como narrado por Simone, muitos paranaenses insistem em confundir o pequeno jovem município de Pinhais com o seu vizinho mais velho, São José dos Pinhais, e pessoalmente eu já testemunhei inúmeras vezes esse fato. Silva (2010) relaciona essa aparente confusão à recente emancipação do município que, segundo o autor, dificultou a construção de uma identificação própria de Pinhais. Ainda que seja válida essa observação, cabe ressaltar que para além de uma característica identitária homogênea, o mais importante a se construir numa comunidade é o

entendimento da sua pluralidade e alteridade que a desperte para o senso participativo, colaborativo e de pertencimento do seu próprio lugar (YÁZIGI, 2002). Nesse aspecto, é importante que, prioritariamente, haja o profundo entendimento de pertencimento por parte da população Pinhais para que esses sejam os vetores de confirmação da identidade e alteridade local.

Simone sugere, ainda, que Pinhais seja mais divulgada como “Pinhais” e que a mesma não deve “estar na sombra” – como ela cita – de outros municípios, tais como São José dos Pinhais ou até mesmo a capital, Curitiba. Diante dessa colocação é possível notar que a percepção da artesã sobre a relevância do município em que ela nasceu é contumaz.

Em seguida, eu pergunto a Simone sobre o que ela percebe como bem patrimonial em Pinhais e ela imediatamente ressalta,

[...] ah, eu vou pegar na parte do artesanato. Eu preciso falar do artesanato porque o artesanato está em minha família há anos. A minha avó fazia aquelas colchas de retalho, sabe? De crochê. Ela fazia colchas até pra cama de casal. A minha avó fazia aquele Gira-Mundo, você conhece essa peça? Eu descobri que era uma peça que tem a intenção de trazer dinheiro. Não funcionou muito pra minha avó [risos], mas é uma peça que lembra minha infância. Tem muitas artesãs aqui em Pinhais, então o artesanato é um patrimônio de Pinhais.

Simone, até tenta, mas não consegue pensar em mais nada além do artesanato como um bem patrimonial. Ela narra com detalhes as peças que a sua avó fazia, e mostra outras peças que as artesãs fazem e que lembram o ofício da sua avó. Para ela, o artesanato é mais que uma fonte de renda, é uma herança, muito sensível e que merece ser cultivada. Para Simone o artesanato é verdadeiramente um patrimônio.

No primeiro dia que eu entrei na lojinha da CRIARTE eu pude conhecer muitas outras artesãs, além da Simone e fiquei encantada com a beleza e qualidade da arte daquelas mulheres. Hoje, a CRIARTE virou um dos meus lugares favoritos. Sempre que vou ao Bosque, eu tomo tempo para conversar com as artesãs, ver o artesanato produzido por elas e aproveito para adquirir algumas peças.

FOTOGRAFIA 9: Cooperativa de Criações Artesanais de Pinhais – CRIARTE



AUTORIA: Própria (2022)

REGINA

Quando iniciei o trabalho de campo, comecei a buscar entre pessoas conhecidas e grupos dos quais eu participo sobre nomes de moradores para as entrevistas. Foi dessa forma que, através do Núcleo de Arte e Cultura, do qual eu faço parte no IFPR Campus Pinhais, o amigo e professor Jefferson me indicou alguns estudantes que se encaixavam no perfil da minha pesquisa para que eu pudesse entrar em contato. Dentre esses estudantes, convidei a Regina que aceitou prontamente o convite para a entrevista.

A ideia seria entrevistar todos os participantes pessoalmente, porém, devido recomendação médica, precisei manter repouso no início da gestação e que culminou com o início do trabalho de campo. Como a pesquisa não poderia parar, busquei a alternativa de conferência *online* para realizar duas das entrevistas, e uma delas foi a entrevista da Regina.

Regina é moradora e estudante de Pinhais. Ao perguntar sobre a cidade em que ela vive e estuda, ela me responde de forma enfática:

Pinhais é um local muito bom, é bom de se morar. Eu já morei em Piraquara, já morei em Curitiba, aí vim para Pinhais. Eu acho muito bom, tem bastante

coisas no Centro Cultural, no CRAS, nos colégios... só que na minha percepção, no meu ponto de vista como moradora, é tudo muito mal divulgado. Às vezes tem um evento super legal no Centro da Juventude que fica a três quadras da minha casa e a gente não fica sabendo. Eu acho que a divulgação de Pinhais é precária.

Sobre essa questão de falta de divulgação, Regina exemplifica que o próprio lugar onde hoje ela estuda (IFPR), até pouco tempo, ela nem sabia da existência. A falha sobre a divulgação de algumas ações da Prefeitura do Município relatada por Regina, talvez se deva a um erro estratégico de divulgação da própria Prefeitura. Eu que acompanho as páginas oficiais da Prefeitura em diversas redes, consigo ver o esforço que existe por parte da Prefeitura de Pinhais em divulgar suas ações e eventos nessas redes, no entanto, se essas informações não estão alcançando alguns moradores, talvez seja o momento de rever as estratégias de comunicação e divulgação, a fim de alcançar o maior número de pessoas possível.

Regina continua,

[...] Pinhais é um sonho né? É perto de tudo, eu pego um ônibus estou perto do Centro [de Curitiba], pego outro ônibus e estou em Piraquara, é muito rápido. Eu gosto daqui! É como eu sempre digo que “eu gosto do meu buraco” [risos].

Regina conta que apesar de ter nascido em Curitiba, ela cresceu no município de Piraquara, mas o lugar que ela afirma gostar mesmo de viver é Pinhais.

[...] eu nasci em Curitiba, mas morei em Piraquara até os meus 18 anos. Aí eu conheci o meu marido no Colégio Arnaldo Busato que é aqui em Pinhais; daí começamos a namorar, casamos e compramos uma casa aqui em Pinhais porque eu gosto daqui, sabe? Se fosse pra mudar, eu mudaria até de estado, mas estando no Paraná, eu nunca mudaria de cidade.

O amor e apego ao município de Pinhais, declarado por Regina é notável. Ela menciona várias vezes em nossa conversa a sua paixão pelo município.

Regina conta que quando se casou e comprou sua casa, Pinhais já estava emancipada politicamente. Eu pergunto, então, se ela sentia alguma diferença entre Piraquara e Pinhais, já que os municípios eram anteriormente integrados e ela responde:

Ah, tem! Tem diferença sim, e muita! É gritante a diferença porque Pinhais, no meu ponto de vista, é linda! É difícil ver lugar feio em Pinhais. Pode até ter, mas é difícil. Agora Piraquara só tem de bonito, o Centro. Quando eu

morava no Holandês [bairro de Piraquara] parecia uma terra esquecida, era terra de ninguém, é horrível. Não que não tenha em Pinhais locais assim, mas é mais difícil.

Eu pergunto então ao que ela atribui o fato de Pinhais ser mais bem estruturada do que Piraquara sendo que os dois municípios são vizinhos.

Sabe, que esse é um fato a se pensar, porque se a gente for pensar em questão de empresa, os dois municípios têm, né? Aqui tem grandes lojas, lá também tem; aqui tem muitos supermercados, lá também tem. Mas eu acho que talvez a gestão daqui seja um pouco melhor. Pode não ser perfeita, mas é um pouco melhor. Só pode ser isso pra explicar essa diferença sabe? Por exemplo, eu vejo o meu bairro sendo melhorado.

A princípio, em sua narrativa, Regina pensa em atribuir a questão de desenvolvimento à presença de empresas, mas imediatamente, percebe que isso é comum aos dois municípios. Logo, Regina atribui esse maior desenvolvimento de infraestrutura aos investimentos realizados pela gestão pública do município, já que ela mesma percebe esses investimentos sendo realizados no bairro onde mora.

A partir dessa percepção sobre a gestão pública do município, eu pergunto sobre o que além da infraestrutura ela consegue aproveitar em Pinhais, e ela responde:

[...] às vezes, eu aproveito o Parque das Águas, que eu vou com minha família [...] ah, uma coisa que a gente aproveitou até o mês passado e que foi muito bom, foi um curso preparatório para menor aprendiz, ofertado pelo Centro da Juventude junto com o CRAS, que eu nem sabia que tinha, fiquei sabendo por acaso na minha faculdade. Pra você ver como é extremamente mal divulgado. Esse curso, de menor aprendiz, eu nem sabia que tinha. Quando eu fiz o cursinho pré-vestibular que é gratuito da Prefeitura, eu nem sabia que tinha [...] Pinhais tem muito potencial, mas tá com o potencial escondido.

A filha da Regina, ouvindo de longe a nossa conversa sugere que a Prefeitura de Pinhais poderia divulgar mais os eventos realizados em diversas redes sociais, afinal os jovens utilizam diariamente diversas redes.

Enquanto continuamos a conversa, ouço ao fundo – bem alto – o trem apitando. Regina comenta que mora há apenas duas quadras do trilho da ferrovia e, disso, relata uma de suas lembranças mais marcantes,

[...] todo Natal, a gente sai correndo pra beira do trilho pra ver a Maria Fumaça, quando escuto ela apitando. A gente sai tropicando pra tudo quanto é lado pra ver a Maria Fumaça. Ela passa todo ano e todo ano a gente corre pra ver.

Regina resgata uma memória de um momento singelo, e desse ponto, começa a mergulhar em suas outras singelas memórias de infância,

[...] outra coisa que eu gostava de fazer era ir pro Carrefour. Eu gostava de ir nesse mercado quando não era eu que pagava [risos] eu lembro quando eu morava lá em Piraquara, quando ainda nem era Pinhais, eu vinha com minha mãe e com meu pai de bicicleta pra fazer compra no Carrefour. Era alucinante! Parecia que eu estava indo num shopping.

É interessante notar que as lembranças mais marcantes da Regina, estão em coisas simples da vida, mas que parecem ser muito significativas pra ela. Aproveito esse momento, para entrar no tema do patrimônio e entender qual a percepção que Regina tem sobre bens patrimoniais de Pinhais. Regina declara,

[...] uma coisa que eu acho que tem muita história pra contar são aquelas casinhas que tem ali perto da Estação de Trem. O meu sogro conta que quando ele trabalhava na Prefeitura de Curitiba, e morava aqui em Pinhais, ele pegava o trem naquela Estação. E ele já contou essas histórias pra gente dali do trem; ele contou que o pessoal se encontrava ali na Estação de Trem; que o trem passava e pegava os trabalhadores pra ir pro serviço; que as mulheres ficavam esperando os maridos na Estação. Sabe, são coisas que a gente não viu e não vai ver mais. E, hoje, aquelas casinhas estão ali abandonadas coitadas. Eu acho que aquelas casinhas tinham que ser revitalizadas, sabe? Por que aquilo ali, faz parte da história de muita gente.

O sogro de Regina viveu os momentos em que a Estação Ferroviária de Pinhais estava em pleno funcionamento. Ela narra as lembranças do seu sogro de modo a entender que a Estação ainda é um ponto muito importante da memória de dele e de toda uma geração, e que, por isso, poderia ser olhada com maior zelo.

As “casinhas” ao lado da Estação Ferroviária, as quais a Regina se refere, serviram de apoio para os trabalhadores que faziam a manutenção da linha férrea no início das atividades da Ferrovia (XAVIER, 2000).

FOTOGRAFIA 10: Casa ao lado da Estação Ferroviária



AUTORIA: Própria (2020)

Quando pergunto para Regina sobre o que ela pensa a respeito do Turismo de Pinhais, ela responde,

[...] teria que ter mais turismo, né? Ter um ônibus, ter um projeto que a pessoa vá lá ver; esse tal desse caminho da cerveja que eu nem tenho ideia de onde que é. Tem muitas coisas pra serem vistas. Eu acredito que tenha porque Pinhais é muito grande, não pode se resumir só em Parque das Águas, Expotrade e Bosque.

Regina parece desconhecer o projeto da Linha de Turismo Pinhais (ver FIGURA 7), visto que ela sugere um projeto já existente no município. Isso corrobora com o fato dela mesma pontuar, sobre a falha na divulgação dos projetos e eventos de Pinhais para a própria população residente. Continuando esse raciocínio, pergunto se ela sabe o que mais pode ser visto de atrativo turístico de Pinhais e Regina responde um alto e sonoro “não”.

[...] Imagina você que, às vezes, eu descubro por pessoas de fora de Pinhais, que tem tal coisa em Pinhais [...] infelizmente, o que muitas vezes acontece é que a gente ainda nem conhece onde mora, mas vai conhecer outro lugar, né? [...] quem falta conhecer Pinhais é quem mora aqui. Primeiro a gente tem que conhecer o lugar que a gente mora; fazer um trabalho de conscientização do pessoal de Pinhais pra conhecer o município, né? Como é que eu vou

levar uma criatura pra conhecer essa Estrada Ecológica se eu nem sei onde que é?

Regina traz um fator interessante que é a sensibilização dos moradores a respeito do lugar em que os mesmos vivem. Ela fala de modo muito franco sobre como o fato dela mesma não conhecer suficientemente os atrativos turísticos de Pinhais, prejudica em apresentar os mesmos para visitantes com os quais ela tem contato. Complementando essa percepção de Regina, mais a fundo, o professor Milton Santos nos alerta que “quando o homem se defronta com um espaço que não ajudou a criar, cuja história desconhece, cuja memória lhe é estranha, esse lugar é a sede de uma vigorosa alienação” (2006, p. 222). Essa alienação advinda do desprovimento de consciência histórico-patrimonial do indivíduo pode produzir não somente a inércia diante do zelo de uma cultura a ser exaltada, como também o seu vilipêndio – que de maneira extremada pode levar até mesmo a atos de vandalismo.

Aproveitando o assunto, busquei fazer o exercício sobre os atrativos que seriam imprescindíveis num possível roteiro turístico de Pinhais, Regina aponta,

Primeiro eu colocaria a Estrada Ecológica; aí eu colocaria o Autódromo que, infelizmente, está sendo desmontado, mas que eu acho que poderia ser um negócio bem bacana! Várias pessoas importantes passaram por lá; depois o Bosque Municipal; O Parque da Ciência Newton Freire e eu ia descobrir onde que é essa Rota da Cerveja, que eu não sei onde que é, mas que eu sei que as cervejarias são bem faladas, pra inserir no roteiro, também.

Ao longo da entrevista Regina foi lembrando de outros atrativos que poderiam ser acrescentados, como o Mirante da Represa do Iraí e a Igreja Matriz. Foi interessante ver que ao longo da nossa conversa, Regina e a sua filha – que estava interagindo com a entrevista ao longe – começaram a pesquisar sobre os atrativos turísticos de Pinhais na *Internet*, e descobriram várias curiosidades sobre esses atrativos. É notável perceber que quando estimuladas, as pessoas tendem a ter curiosidade sobre o assunto e buscam mais informações.

Ao final da entrevista, perguntei para Regina quais as considerações ela teria a fazer, depois do exercício de visitar suas memórias, de pensar sobre o turismo e sobre o patrimônio de Pinhais, ao que ela conclui:

[...] em primeiro lugar, eu acho que eu preciso conhecer mais Pinhais. E a minha consideração é aquilo que eu digo mesmo, que Pinhais é um lugar muito bom, que tem seus problemas como qualquer outro lugar. Só que Pinhais precisa ser visto como Pinhais e não como somente um polo

econômico de empresas. A gente tem que ver Pinhais com outros olhos. Tipo assim: a gente como morador, tem que pesquisar mais, se informar mais, conhecer mais. E buscar oportunidades pra gente aqui dentro mesmo e não lá fora. Antes de querer conhecer lá fora, vamos conhecer aqui dentro primeiro, né?

LEONARDO

Léo, como é chamado, é uma das indicações do professor Jefferson do Núcleo de Arte e Cultura do IFPR Pinhais. Essa foi mais uma das entrevistas realizadas por conferência online, mas que me rendeu boas e novas contribuições, por se tratar do entrevistado mais jovem dos participantes.

Ao pedir que Leonardo se apresentasse, notei uma leve timidez em sua narrativa, mas que não impediram de estabelecermos um diálogo produtivo.

Eu sou o Leonardo Salgado, eu tenho 18 anos, moro em Pinhais há 18 anos, sou estudante do Ensino Médio Técnico. Estou no 4º ano do curso de Técnico em Informática.

Depois de uma tímida pausa, eu pergunto se ele sempre estudou em Pinhais e ele continua,

Que eu me lembre, sim. Minha mãe me contou que, quando eu tinha 1 ou 2 anos eu estudei numa creche lá em Curitiba, mas o ensino desde o maternal até agora sempre estudei em Pinhais.

Aproveito, então, para perguntar sobre a relação que ele tem com o lugar que ele sempre viveu e estudou.

Eu gosto bastante daqui. É uma cidade que eu tenho um certo orgulho de viver, primeiro porque eu sigo a página oficial do município e eu acho legal ver quando Pinhais ganha algum prêmio. É uma cidade pequenininha, que todo mundo se conhece, mas eu acho aqui muito legal; é confortável andar nas ruas, eu me sinto confortável, eu sinto um bem estar aqui. Até comparado com outras cidades que eu já visitei, que já viajei, eu gosto daqui.

Pergunto o que existe de diferente no município em comparação a esses outros lugares, e o porquê do sentimento de orgulho por morar em Pinhais, ao que ele responde:

A estrutura, talvez. Eu sei que aqui não tem uma estrutura tão grande assim, mas as ruas, os centros comerciais, o jeito como estão organizados, eu tenho

a sensação que é diferente. [...] os centros comerciais eu acho muito bom, são limpos [...] tipo, andando no Centro daqui e no Centro de Curitiba, é totalmente diferente; mesmo sendo muito menor, aqui tem um clima muito mais agradável. Parece que tem mais verde, parece mais vivo e mais acolhedor, também. Eu acho mais bonito.

Leonardo atribui esse bem estar de viver em Pinhais, à infraestrutura e organização do município. Ele relata como é agradável passear em lojas de gastronomia no comércio próximo ao bairro em que ele mora e demonstra satisfação com a estrutura comercial oferecida por Pinhais.

Peço, então, pra que ele conte sobre as primeiras memórias mais marcantes que ele tem em viver na região e ele comenta,

[...] eu acho que é a minha escola no ensino Fundamental, onde eu passei a maior parte da minha vida até agora, onde eu estudei do maternal até o 9º ano do ensino Médio, foi uns 12 ou 13 anos lá, foi bastante tempo. [...] estudei no IEP (Instituto Educacional de Pinhais) e essa escola resume a minha experiência aqui em Pinhais porque quando eu entrei, ela era uma escola bem pequenininha. Era tipo uma casinha e tinha umas três salas com turmas pequenas; tinha poucos professores e poucos funcionários e durante meu tempo lá, ela foi crescendo muito. Agora é uma escola bem grande aqui em Pinhais. É um prédio gigante que tem vários alunos e vários professores. Então isso meio que vem da minha experiência na cidade, porque muita coisa que tem agora eu vi crescendo.

É interessante notar que, assim como Leonardo viu sua pequena escola se desenvolver e se tornar uma grande escola, ele percebeu que de igual forma o município de Pinhais foi se desenvolvendo. Essa comparação mostra a sensibilidade de percepção do Leonardo em notar mudanças significativas ao seu redor. Leonardo comenta, também, que através da escola teve a oportunidade de conhecer a história do seu município, através das leituras sobre Pinhais, as araucárias, a gralha-azul⁴², sobre a Estação de Trem de Pinhais e como o município se constituiu.

Leonardo comenta que além do vínculo com escola, ele é praticante de esportes, principalmente, de voleibol; e que a Prefeitura do Município, através da Secretaria de Cultura, Esporte e Lazer (SEMEL) foi quem proporcionou essa prática.

Eu pergunto sobre as lembranças de eventos marcantes que ele teria participado em Pinhais e ele lembra dos jogos interescolares de Pinhais realizados pela SEMEL. Nesse momento, percebo que Leonardo fora o único participante a trazer a memória esportiva do município.

⁴² Ave símbolo do Estado do Paraná, a qual é atribuída a formação e conservação das florestas de araucária; versão contestada pelos povos originários da região, como veremos na narrativa do cacique Kretã Kaingang.

Após me contar sobre toda sua trajetória de vida em Pinhais, proponho para Leonardo realizar um exercício sobre o que ele enxerga de maior bem patrimonial do município e ele responde,

[...] eu sou meio suspeito pra falar, mas eu participei do time de voleibol de Pinhais. Era um time relativamente pequeno, a gente não tem muita estrutura comparado a outros clubes que tem em Curitiba, mas é um time que tem um técnico fenomenal. Ele técnico do time desde que Pinhais é um município. Ele começou com esse time em 1993, ele treina o time e é um time muito bom comparado aos que tem mais estrutura. Ele é um técnico muito importante no Paraná. Com ele Pinhais chegou a ser campeão da taça Paraná de voleibol. Então, eu acho que o voleibol de Pinhais é um patrimônio de Pinhais.

Leonardo trouxe uma visão deveras inusitada a respeito do patrimônio, pois ele enxergou, sem maiores estímulos, que o patrimônio vai além de bens materiais, em que são normalmente pautados, e viu no esporte um potencial a ser considerado bem patrimonial.

Quando pergunto sobre o que ele pensa a respeito do turismo em Pinhais, ele responde,

[...] eu não sei se já me encontrei com turistas aqui em Pinhais, porque às vezes dá pra perceber né? Quando você tá na cidade, você percebe “ah, aquele deve ser turista”, e tudo mais, mas eu nunca tive essa impressão aqui em Pinhais. Mas eu acho que é uma cidade que valeria a pena visitar [...] acho que tem muita coisa legal pra ver. Tem o Bosque, tem o Parque das Águas, tem o Parque da Ciência; é uma cidade bonita que tem lugares pra passear, tirar fotos.

Mostrando os atrativos turísticos do roteiro realizado pela Prefeitura do Município, Leonardo parece conhecer apenas alguns dos pontos mostrados no folder.

Finalizo perguntando para Leonardo sobre como ele se identifica enquanto paranaense e morador de Pinhais, e refletindo muito sobre a pergunta ele declara,

[...] tudo que eu aprendi, tudo que me ensinaram, veio daqui de alguma forma. Eu nunca pensei muito nisso, mas de um tempo pra cá eu comecei a perceber que eu consumia muita coisa daqui, a prefeitura disponibilizava o esporte de Pinhais, de um tempo pra cá eu comecei a fazer outras coisas de cultura, também. Eu consumi muito das secretarias do município e sempre participei dos eventos que eles faziam, como o aniversário da cidade, das caminhadas ecológicas, dos passeios ciclísticos [...] A minha vida está aqui [...] embora eu tenha nascido numa maternidade em Curitiba, eu me sinto muito mais pinhaiense do que curitibano.

Leonardo é um dos participantes que tem a vida mais fincada em Pinhais. Talvez, por ser um jovem estudante e não ter – ainda – vínculos em uma outra cidade, ele está completamente imerso no contexto de vida de Pinhais, e é perceptível, em sua narrativa, que isso é confortável para ele. O fato de Leonardo se sentir pinhaiense e trazer as características do município o qual ele pertence e vive, mostra que existe, sim, profunda identificação com o seu lugar.

CLONE

Ao som do berimbau, dos instrumentos de percussão, e das cantigas dos alunos, ao fundo, foi que se deu a entrevista com o professor Clone – como é conhecido popularmente o mestre de Capoeira entrevistado.

Eu conheci o professor Clone em 2020, por ocasião do evento Estética Afro Nossas Raízes, promovido pela amiga e companheira de luta política Edna Sousa – Miss Preta – que também é uma personalidade atuante em Pinhais. O professor Clone levou seus alunos da escola de Capoeira, CN10, para uma apresentação de Capoeira e Samba de Roda no evento. Me emocionei ao sentir um pedacinho da minha terra, em Pinhais, através da dança e dos ritmos apresentados pela escola de Capoeira! E foi assim que Clone e eu trocamos contato.

Quando se deu o momento de entrevistas, convidei o professor Clone para participar e ele aceitou de pronto. Ele mesmo marcou de nos encontrarmos na sua escola de capoeira para realizarmos a entrevista, e para que eu assistisse uma das aulas. O professor Clone inicia a sua apresentação falando sobre o lugar em que nós estávamos.

O local que a gente se encontra, nesse momento, é o Espaço Cultural Capoeira Nota 10, mais conhecido como CN10. É um espaço, primeiramente, de educação, de cultura e de resistência muito forte, porque nós trabalhamos com a cultura afro-brasileira através da capoeira, como carro chefe.

Perguntando como a capoeira o alcançou, o professor Clone continua,

A capoeira, aqui no nosso bairro começou por convite da Prefeitura, em 2011, mais exatamente, no dia 16 de agosto de 2011 [...] porque daí eu fui trabalhar como estagiário pela Secretaria de Esportes [...] eu, como praticante, conheci a capoeira aqui em Pinhais, então eu sou praticante desde 1999. E desde lá eu tinha o sonho de ser professor, mas até então eu só tinha a prática. Em 2011, eu resolvi dar aula. Eu era estudante de educação física e fui inserido

na Secretaria como estagiário, e foi aí que começou o meu trabalho aqui no bairro, pela associação de moradores do Jardim Karla [ver em FIGURA 6].

O professor continua relatando sua trajetória com a capoeira e declara que no início houve apoio para realizar as aulas em espaços de igrejas, escolas, e que a capoeira acabou sendo muito bem aceita pela comunidade, atraindo muitos alunos de forma muito rápida. Entretanto, devido problemas quanto a troca de gestão pública, o professor Clone relata que chegou, até mesmo, a dar aulas na rua, reafirmando o caráter de resistência da modalidade. Clone continua narrando sua história de vida,

Eu nasci em Curitiba, morei em São José dos Pinhais, de 1983 a 1990, e desde 1990 eu estou em Pinhais. Quando eu cheguei, aqui ainda era Piraquara. Não tinha nada; a minha rua tinha 5 casas; ônibus era só de hora em hora. Era terra de chão batido. Esse lugar que nós estamos aqui, era tipo um bosque cheio de eucaliptos [...] e como eu vim muito pequeno, eu me construí aqui em Pinhais. Como eu cheguei com 7 anos, eu estudei aqui em Pinhais, aqui eu tive o meu primeiro emprego, foi aqui que eu montei minha banda de punk rock [risos] então a minha formação tá aqui. Foi aqui que eu aprendi capoeira.

O Clone continua suas lembranças sobre Pinhais,

Pinhais é uma cidade que evoluiu muito. E eu vejo essa evolução de Pinhais [...] a capoeira me deu oportunidade de viajar pra vários lugares do Brasil e vários lugares do mundo. Eu fui pra quatro países diferentes. Então, hoje quando eu vejo pessoas reclamando daqui eu falo 'pessoal vocês não viram ainda outros lugares'; porque, às vezes, a gente reclama do que a gente tem, e a gente reclama do que a gente não viu. Tem que sentir e ver. Hoje eu vou para lugares de culturas diferentes e eu consigo analisar aonde eu estou.

O fato de o professor Clone conhecer outras realidades culturais, permite com que ele tenha maiores parâmetros para compreender sensivelmente a sua realidade. Através do olhar sobre outros registros culturais, “o homem busca reaprender o que nunca lhe foi ensinado, e pouco a pouco vai substituindo a sua ignorância do entorno por um conhecimento, ainda que fragmentário” (SANTOS, 2006, p. 223). Quando perguntado sobre o que ele atribui essa evolução, Clone responde,

[...] aqui em Pinhais teve muito desenvolvimento na parte de infraestrutura, na educação, eu vi um crescimento na parte da organização da cidade; eu também vi uma melhora na saúde [...] então eu vejo que Pinhais, hoje, está num nível muito alto e se equiparando a outras boas cidades.

E, imediatamente, eu pergunto para ele o que falta melhorar.

O que falta? Eu acho que falta mais [pausa] hoje, a parte cultural está forte, a cultura avançou com os festivais, amostras culturais, a gente faz nossas apresentações de capoeira, de samba, mas eu acho que falta muito mais. É bom, mas pode ser muito melhor [...] a questão cultural precisa ser mais aberta, sabe? Precisa dar oportunidade pra várias outras culturas.

Eu pergunto qual a primeira coisa que ele faria se ele pudesse implantar ações culturais, ao que ele responde, sem muito pensar:

Ah, eu abriria um Espaço Afro. Um lugar que apresentasse a cultura afro [...] A cultura afro faz parte da identidade brasileira. Essa cultura tem que ser respeitada em todo solo brasileiro. Tem que ser pautada desde a escola, mostrando a importância de uma trança afro, de um turbante [...] muita gente acha legal fazer aula de capoeira, mas não entende a essência da capoeira. Não entendem quantas pessoas se dedicaram, quantas pessoas morreram para a gente ter o direito de estar aqui hoje, nesse espaço. Teve muita gente que morreu em campo de batalha por isso. Todo mundo acha legal dançar samba, mas quem entende o que é o samba? O samba nasceu de um povo, de um povo escravizado que buscava refugio na dança no final de um dia de trabalho escravo [...] quem conhece a dança do Maculelê, que é uma dança de guerra e inovação. Então falta conhecimento de tudo isso, porque o Brasil foi construído por tudo isso, por negros e pelos indígenas, também.

O desejo do professor Clone, em levar esse conhecimento, que transborda em sua narrativa, para outras tantas pessoas é latente e denuncia o seu legado em ser professor e mestre de capoeira. Não à toa, o professor Clone cita em sua narrativa “a gente educa através do exemplo” inspirada nas palavras de Nelson Mandela, para referir-se ao seu ofício enquanto educador.

Quando interpelado sobre o que ele considera ser patrimônio em Pinhais, a princípio, o professor Clone pensa em patrimônio de caráter histórico e lembra da situação do Autódromo:

Um dos grandes patrimônios que nós temos em Pinhais foi vendido, que é o Autódromo Internacional de Pinhais, né? Falam que é de Curitiba, mas está em Pinhais. É um patrimônio histórico e antigo da cidade e está sendo desfeito. Além de outros bens históricos como a Igrejinha, que foi a primeira Igreja de Pinhais, tem a Estrada Ecológica com vários pontos turísticos.

Quando estimulado a pensar em um bem de Pinhais que não seja material, o professor lembra,

O nosso ofício poderia ser um patrimônio de Pinhais. A gente luta pra capoeira se tornar um patrimônio [...] a capoeira é uma ferramenta de

cidadania, uma ferramenta de transformação e de aceitação. Muitos que tem contato com a capoeira são transformados.

Em verdade, a roda de capoeira e o Samba de Roda do Recôncavo Baiano já são bens patrimoniais mundiais salvaguardados pela UNESCO – conforme apresentado no QUADRO 1 – mas para o professor Clone é preciso que haja mais empenho por parte dos gestores de Pinhais, através de maiores investimentos para o ofício, além de projetos que incentivem a contar a história da capoeira na região, tornando-o um legítimo bem patrimonial do Município.

Ao tratarmos sobre o turismo de Pinhais, o professor Clone coloca,

Eu sei que tem um passeio, né? uma vez eu ia organizar pra fazer o passeio com o pessoal da capoeira, porque eu mesmo não conheço todos esses atrativos de Pinhais. E olha que Pinhais é pequena [risos] mas falta divulgar mais pra incentivar. Eu, por exemplo, nem sei qual é a Secretaria que cuida desses passeios turísticos. [...] aqui na academia a gente já recebeu turistas de vários lugares pra conhecer nossa capoeira, como turistas da França, Alemanha, Argentina, Colômbia, Chile.

Esse desconhecimento francamente revelado pelo professor a respeito dos responsáveis pelo setor de turismo em Pinhais é perfeitamente compreensível, visto que, a seção de turismo está inserida num setor distante do cultural, o qual o professor se insere e tem contato. O fato de o setor de turismo estar ligado à Secretaria de Desenvolvimento Econômico do Município, não favorece para que alguns setores ligados à Cultura, como a capoeira, entre outros, estejam próximos do turismo de Pinhais – muito embora, exista o real esforço da responsável pelo setor de turismo, Fabiana, em estar sempre próximo da Secretaria Municipal de Cultura, Esporte e Lazer.

Em seguida, eu pergunto ao professor Clone, o que ele faria se tivesse a oportunidade de realizar um projeto turístico em Pinhais e o professor responde,

Olha, eu acho que falta um museu contando a história de Pinhais. Em vários lugares que eu fui, a primeira coisa onde me levavam eram nos museus pra conhecer a história daquele povo [...] foi assim que eu pude conhecer a casa do Che Guevara em Córdoba; em Concepción no Chile; quando fui pra Lima também fomos nos museus; porque daí você começa a conhecer a identidade do povo; pra você ter ideia, eu conheci a história das bordadeiras negras do Brasil num museu lá na cidade de Santiago del Estero, na Argentina, porque a Argentina importava esse trabalho daqui. [...] um país que não preserva sua história, mas apaga como o nosso, cria um povo cego pra nossa base, pra nossa cultura; aí o que qualquer um fala, vira lei.

De forma poética, o professor Clone descreve com maestria a importância de um país preservar sua história e sua memória. Por fim, eu busquei saber do professor, se o turismo era algo que ele consideraria relevante em Pinhais e ele me revelou,

[...] eu vejo que o turismo é relevante pra Pinhais, é importante para o Brasil porque o turismo pode abrir portas para o conhecimento. Só que o problema é que o turismo é elitizado, porque nem todos podem viajar. Se a gente for viajar do extremo Sul do Brasil até o Nordeste, é uma passagem para ir pra Europa. Eu adoraria sair daqui e fazer uma pesquisa sobre o Samba de Roda no Recôncavo Baiano. Eu só não fui porque a parte monetária não me permite. Todo mundo tinha que ter a oportunidade de viajar pra conhecer outras culturas.

A narrativa do professor Clone aponta para uma alternativa em que o turismo e o patrimônio possam ser ferramentas de ação cultural e educacional plenamente capazes de promover transformação social. Essa percepção se contrapõe à perspectiva predominantemente economicista em que o turismo costuma ser pautado pelos gestores do município de Pinhais.

O impasse financeiro foi citado pelo professor Clone como maior empecilho para realizar a atividade turística. Essa alegação do professor comprova a dificuldade que existe de uma parcela significativa da população brasileira em realizar viagens, mesmo em território brasileiro (IBGE, 2020).

FOTOGRAFIA 11: Espaço Cultural Capoeira Nota 10



AUTORIA: Mestre Clone (2022)

KRETÃ

Eu conheci o cacique Kretã Kaingang em agosto de 2021, quando ele e outros indígenas das etnias Guarani e Kaingang, realizaram uma retomada de terra na região de Piraquara. A Floresta Estadual Metropolitana de Piraquara foi o local de nosso primeiro encontro. Eu e muitas outras pessoas fizemos uma visita em apoio àquele grupo que buscava retomar o território para realizar um projeto de recuperação daquela biodiversidade.

Naquele dia, eu e Pablo – meu marido – sentamos, ouvimos os cânticos indígenas e bebemos da fonte de sabedoria daquele povo. Ao nos contar sobre a história daquele lugar, ficamos completamente absortos com a narrativa do cacique Kretã e ao nos despedirmos daquele local de retomada, comentei com Pablo que aqueles relatos precisavam estar em minha pesquisa. Desde então, Kretã e eu mantivemos o contato e num desses nossos encontros, aproveitei para realizar nossa entrevista.

Kretã Kaingang é natural da cidade de Manguueirinha, região sudoeste do Paraná. Ele é morador de Piraquara há 3 anos, mas chegou em Curitiba em 1992, como ele mesmo conta.

Primeiro eu queria lembrar que eu já tenho 30 anos morando aqui nessa região. Eu vim pra cá pra morar, trabalhar, pra viver minha vida aqui em Curitiba, né? Mas eu já conhecia a história de Curitiba desde que eu tinha uns 8 ou 9 anos de idade, porque minha avó me contava. Minha avó morreu aos 116 anos, e ela contava pra mim que eles vinham a pé de Manguueirinha pra Curitiba [...] a primeira vez que a minha avó veio, ela tinha 6 anos. Dava cerca de 400km, e eles levavam em torno de 25 a 30 dias pra chegar em Curitiba a pé. Todos ficavam no que eles chamavam de “Bordas de Curitiba” que era, na verdade, toda Região Metropolitana e que hoje é Pinhais, São José dos Pinhais, Piraquara, Colombo, Quatro Barras [...] Enquanto as mulheres ficavam aqui pelas “Bordas” fazendo cestarias, balaies, peneiras, chapéus, pra negociar essas peças, os homens líderes que vinham conversavam diretamente com os governantes da época pra contar sobre o que estava acontecendo no interior do Paraná [...] sobre as invasões de colônias que estavam chegando, das companhias de colonização que estavam invadindo as terras e tudo mais. Então essas foram as primeiras histórias que eu ouvia sobre Curitiba.

As lembranças do Kretã, narradas a partir das histórias que sua avó contava quando ele era criança, parecem estar tão vivas em sua memória, que é como se ele mesmo as tivesse vivido. Bosi (1994) explica que isso se dá, pois, a criança mergulha

suas raízes nas histórias vividas por seus descendentes, especialmente, dos seus avós, quando esses são presentes na vida da criança. Kretã continua,

Mas quando eu cheguei em Curitiba, teve uma particularidade. Eu morei até 1998 na capital, mas eu não tive envolvimento com as questões indígenas até o ano de 2000; e a partir de 2000 foi que eu passei a ter um envolvimento mais afetivo com o movimento indígena. Mas eu ainda não entendia que esse território era de presença Macro-Jê. Nenhum professor, ou historiador tinha me falado sobre isso antes [...] uma coisa que eu aprendi com a minha avó e que ela contava pra mim era que quando ela era criança, e os povos vinham pra cá nesses 25 a 30 dias, eles traziam pinhão, e quando eles paravam em algum lugar pra descansar, pra dormir, eles plantavam [...] os pais e avós dela já contavam pra ela que aquilo era uma tradição ancestral, pra que quando ela crescesse, eles passariam por aquele local e veriam que os seus antepassados passaram por ali, então, seria um lugar seguro pra ficar.

Enquanto Kretã contava tão detalhadamente essas histórias contadas por sua avó, eu vislumbrava as imagens da sua narrativa em minha mente como num filme.

Alguns anos depois, conversando com as pessoas, conhecendo pesquisadores, como o Pedro Fortes [ver em REFERÊNCIAS], eu comecei a me interessar e a pesquisar mais sobre a minha história. Daí eu li uma pesquisa da Universidade Federal do Paraná, em parceria com a Universidade da Inglaterra que falava sobre as araucárias e nessa pesquisa, ficou constatado que a Floresta de Araucárias foi plantada por mãos humanas [...] essa história da Gralha-Azul semear as araucárias é tudo lenda dos colonizadores pra apagar nossa história, mas que acabou virando uma verdade aqui no Paraná. Só que quem plantou todas essas araucárias foi o povo Kaingang; foram meus ancestrais [...] foi a partir desse momento que eu comecei a lembrar do que a minha avó falava e entendi a importância da presença do meu povo ancestral nesse território.

Nesse momento, eu lembrei do que o Kretã já havia me revelado, em algum momento, sobre o simbolismo que existia ao olhar para uma araucária e saber que um ente ancestral dele havia plantado aquela árvore.

Kretã relata que, a partir desse momento, começou a ir cada vez mais fundo na história do seu povo. Conheceu historiadores, antropólogos que faziam pesquisas a respeito, e fez muitas outras descobertas.

Eu conheci o Júlio, que é um arqueólogo e grande amigo meu, que me levou para conhecer uma casa subterrânea feita pelo povo Kaingang que eram suas formas de viver e de se proteger do frio. Então, eu tenho certeza de que todo esse território do primeiro planalto era um território Kaingang.

Como vimos anteriormente, nesse estudo, sobre a história do primeiro planalto do Paraná, o povo Kaingang foi empurrado para o interior do Estado com os

sucessivos ataques de violência para com os povos indígenas, por parte dos colonizadores que invadiram o território (FORTES, 2020).

Kretã continua sua narrativa:

[...] hoje, eu sei que eu não estou em um território estranho. Hoje eu sei que eu estou num território Kaingang. Eu não estou só num território de brancos, de alemães, de italianos, de japoneses, de poloneses; porque Curitiba é uma região de povos, e eu acredito, agora mais do que nunca, que nós, os povos originários, temos que marcar presença no primeiro planalto. A gente tem que estar aqui nesse território.

Nesse momento, eu noto que a percepção de território para Kretã, e que representa a visão originária, vai para além das fronteiras artificiais que separam geograficamente diversas áreas politicamente administradas. Mesmo estudando um município que política e administrativamente se denomina Pinhais, Kretã me fez enxergar o território em que esse município se insere de uma forma muito mais holística. Percebo, então, que o que simboliza o território na visão originária, é a presença ancestral dos seus povos.

Pensando nisso, eu perguntei para Kretã o que, para ele, deveria ser um bem patrimonial a ser preservado no seu território e ele responde:

É claro que eu poderia falar que o principal patrimônio é a araucária, porque toda vez que eu vejo um pinheiro, eu sinto que o meu povo esteve ali [...] as regiões de araucárias representam a identidade territorial Kaingang, porque toda araucária simboliza que meu pai passou por ali, minha avó passou, minha bisavó passou, eu passei e meus filhos irão passar [...] mas eu digo pra você que patrimônio mesmo pra mim é saber que os meus ancestrais pisaram nessa terra, é o conhecimento de que eu estou em solo sagrado; é saber que eles estiveram aqui e que aqui eles resistiram.

Subvertendo toda a lógica, mais do que qualquer bem material ou mesmo natural, Kretã Kaingang entende que o que precisa ser devidamente conservado e salvaguardado tal como um patrimônio é a memória da presença do seu povo ancestral no território.

As memórias dos povos originários dependem da oralidade hereditária, já que muitas vezes não costumam estar registradas em livros e documentos (KRENAK, 2019). Talvez, essa necessidade do cacique Kretã considerar essa memória um patrimônio se deva a essa fragilidade mnemônica.

Diante de tamanha sensibilidade, e da minha pequenez frente às aquelas percepções, restou apenas cumprir meu papel de investigadora e perguntar o que ele pensava sobre o turismo daquela região, ao que Kretã sugere:

Eu entendo que não tem como mudar a cabeça das pessoas, de uma hora pra outra, sobre a questão indígena, mas uma coisa que a gente poderia fazer é um trabalho de turismo com as escolas. Apresentar nossos costumes e tradições para as crianças porque as crianças vão levar essas curiosidades para os pais e assim, devagarinho, a gente vai conscientizando. Eu acho que a gente precisa ter um espaço aqui em Pinhais pra que a gente possa trazer toda essa história que eu contei pra você, sobre as araucárias, sobre as casas subterrâneas, sobre a questão da identidade territorial, sobre a história Kaingang [...] porque nada disso é contado e a gente precisa contar nossa história.

Nesse momento, Kretã enxerga no turismo uma alternativa educativa capaz de levar o conhecimento sobre a história e a cultura dos povos originários para jovens estudantes e, por consequência, para a sociedade. “Não podendo tudo, a prática educativa pode alguma coisa” (FREIRE, 2001, s/p) e é essa esperança que Kretã Kaingang deposita na educação.

Essa, portanto, são as percepções e memórias de Kretã Kaingang que, após pesquisar e compreender a trajetória do seu povo, retorna à sua terra Natal, retoma seu encargo enquanto cacique do seu povo e se torna uma das mais respeitadas lideranças indígenas no país, que hoje, representa os interesses dos povos originários no Brasil e no mundo.

FOTOGRAFIA 12: Kretã Kaingang



AUTORIA: Giorgia Prates – Plural Jornal (2021)

* * *

Após esse mergulho nas histórias de vida contada por cada participante, e preenchida dessas histórias e das minhas próprias memórias sobre o encontro com cada um desses atores, trarei, nesse momento, algumas considerações a respeito das diversas narrativas e percepções que se manifestaram ao longo das entrevistas.

A princípio, considerando as primeiras colocações dos participantes, percebemos que é unânime a demonstração de bem estar em viver no município de Pinhais. Mesmo reconhecendo alguns problemas característicos do município, os moradores são enfáticos em demonstrar o contentamento com o lugar em que vivem; e o maior destaque dessa satisfação se dá pela avaliação positiva da infraestrutura adquirida pelo município desde a sua emancipação. Nesse aspecto, a gestão pública de Pinhais parece assertiva dado o alto índice de aprovação dos seus moradores. Yázigi (2003) coloca que um dos princípios de civilização é proporcionar o mínimo de estrutura digna para os residentes locais. Portanto, mais importante do que erguer grandes edificações ou realizar notáveis projetos urbanos, é o cuidado que se deve ter com a concepção de vida dos seus cidadãos, afinal, “a razão da existência humana não é construir cidades, mas viver: isso muda tudo” (YÁZIGI, 2003, p. 21).

Ainda que exista satisfação e até orgulho de viver em Pinhais, como citado pelos entrevistados, é possível notar, também, que esses mesmos orgulhosos moradores, por vezes, enxergam o município como uma extensão da cidade de Curitiba. É como se Pinhais fosse mais um bairro da capital paranaense. Talvez, a condição de povoado – estabelecida à Pinhais por muito tempo em seus primórdios – ainda insista em permanecer na mente e na memória coletiva da população pinhaiense.

Quando apresentado o folder com alguns atrativos turísticos (ver **ANEXO II**), outorgados pelo município, o grau de conhecimento e interação dos participantes para com esses atrativos, rotas, roteiros e patrimônios tombados, se mostrou volátil. Todos os participantes alegaram não conhecer pelo menos um dos patrimônios tombados. Os participantes alegaram, também, não ter conhecimento de alguns dos atrativos turísticos, ou mesmo dos roteiros em que esses atrativos se inserem; além de

declararem não possuir domínio sobre a dinâmica de funcionamento das Rotas da Cerveja e da Rota Gastronômica. Esse fator revela não apenas um lapso de interesse dos moradores em buscar se inteirar mais sobre os atrativos do lugar em que vivem, como, também, a ineficiência da gestão pública em inserir esses moradores no contexto turístico do município.

No entanto, ao mergulhar em suas memórias, cada participante narra de modo muito particular suas histórias de vida. É possível enxergar através da construção de suas narrativas, como cada entrevistado se identifica e se posiciona, desde o momento da sua apresentação até a sua última consideração. Cada indivíduo retorna às suas lembranças passadas buscando sempre as referências que os norteiam no presente e que atendem os seus anseios no momento de vida atual (BOSI, 1994). É interessante notar que, mesmo sendo as mesmas memórias, as significações dessas memórias mudam a cada estágio de vida do indivíduo.

Nota-se, também, a diversidade cultural existente nas narrativas orais de cada história apresentada. Através das tantas memórias narradas por pessoas que tem o mesmo lugar de residência, mais do que encontrar uma identidade coletiva própria dos moradores, eu pude verificar a existência de diversas identidades.

É claro que existem fatores que caracterizam aquele grupo e que projetam a sua identidade social (POLLAK, 1992, HALL, 2006; CANDAU, 2012), no entanto, o que sobressai dentro das narrativas desses moradores é a diversidade em que os mesmos pautam suas histórias, demonstrando que cada indivíduo, ainda que esteja inserido em uma residência local comum, possui identidades singulares e diversas. “Definitivamente, não sou iguais, e é maravilhoso saber que cada um de nós que está aqui é diferente do outro, como constelações” (KRENAK, 2019, p. 33).

Para Ailton Krenak (2019), as nossas diferenças enquanto seres humanos deveriam sempre guiar a nossa trajetória de vida. Compreender essa pluralidade fortemente existente entre os moradores do município, talvez, seja um caminho para que essas diversas identidades e etnias, abrigadas em Pinhais, sejam respeitadas e devidamente contempladas através das ações político-sociais, promovidas pelos seus gestores.

Além disso, mostra-se necessário compreender, que embora cada ser humano seja único, ele interdepende do outro, uma vez que a gênese do processo humano se dá nas inter-relações sociais (TAVARES; ROSA, 2019).

[...] o Eu emerge por referência a um Outro: não há subjetividade sem intersubjetividade, não há eu sem o outro [...]. São as relações de partilha entre diferentes subjetividades que conduzem à emergência de diferenciação, no mundo subjetivo, dos processos psicológicos individuais (TAVARES; ROSA, 2019, p. 3).

Dessa forma, se faz necessário compreender a prática da alteridade, a qual permeou a forma como se deram as entrevistas, já que o respeito mútuo se tornou um exercício realizado a cada encontro entre ambas as partes (entrevistadora-entrevistado).

A questão de alteridade não é se apropriar do outro, ela apresenta-se muito mais complexa [...] a alteridade não é apenas uma qualidade do outro, é sua realidade, sua instância, a verdade do seu ser e, por isso, para nós, torna-se muito fácil uma permanência na coletividade [...] – difícil e sublime é co-habitar com a diferença, é viver o eu-tu profundamente. (LAZZARI & ROSA, 2017, s/p).

Para saber conviver com as diferenças inerentes à humanidade é preciso desprendimento. No caso de Pinhais, é necessário romper com a predominância de uma perspectiva unilateral hegemonicamente colonialista que insiste em pautar as ações da gestão do município e apontar para perspectivas decoloniais de ações políticas. Um caminho para transpor essa inclinação colonialista e economicista é, prioritariamente, inserir a visão plural dos residentes, quando das elaborações de diretrizes voltadas para o turismo e o patrimônio do município. O que é de caráter coletivo, não necessariamente significa ser genérico. No coletivo permeiam nuances heterogêneas em que são retratadas as alteridades dos indivíduos e que devem ser consideradas.

Para alcançar esse propósito é necessário ouvir essas diversas vozes. Brusadin (2021) menciona a necessidade de inserir a comunidade residente nos processos de desenvolvimento de políticas do turismo e do patrimônio, deslocando a ênfase que, geralmente, é atribuída aos visitantes, por exemplo.

Não se espera com isso diminuir a importância da figura do visitante na dinâmica turística e patrimonial, mas convém reconhecer e valorizar o protagonismo da comunidade local na elaboração das políticas de turismo e patrimônio, permitindo que os mesmos sejam perfeitamente representados e contemplados no processo.

Se o patrimônio artístico, histórico e paisagístico [...] reúne parte da memória social do país e de sua gente, torna-se imperiosa e urgente a adoção de políticas públicas capazes de dinamizar o enfoque sobre a preservação. É

fundamental inserir os núcleos históricos (a população residente nessas áreas e seus bens materiais e imateriais) no circuito da vida cultural, social e econômica da cidade e da região que os abriga (PELEGRINI et al., 2010).

No entanto, não basta apenas inseri-los no processo. Antes, é necessário mobilizar essa população residente, através de incentivos orçamentários, desenvolvimento integrado e educação patrimonial (PELEGRINI, 2010 *in* PELEGRINI; NAGABE; PINHEIRO, 2010). Essas são premissas básicas para que os indivíduos sejam plenamente capazes de pensar e elaborar projetos que tornem a patrimonialização um processo, de fato, propositivo para todos os atores envolvidos e com critérios devidamente constituídos.

É o indivíduo, imbuído de suas memórias e alteridades que confere real valor simbólico aos bens e manifestações que permeiam seu contexto sociocultural (GUILLAUME, 2003; BRUSADIN, 2011), sendo justo, portanto, que os mesmos participem efetivamente dessas ações.

As narrativas trazidas pelos participantes, mostram que os mesmos são perfeitamente capazes de discernir e apontar caminhos para a elaboração de políticas públicas em conjunto com os seus gestores.

Não se faz política pública somente para e pela sociedade, mas com a sociedade. Há um senso comum difícil de ser rompido que perpassa o inconsciente coletivo das sociedades e as faz pensar a figura dos gestores públicos enquanto protagonistas das políticas públicas. Mas esse protagonismo não precisa e não deve ser privilégio dos gestores (FREITAS, 2007 apud DZIEKANIAK e ROVER, 2011, s/p).

Logo, a sociedade deve desempenhar o papel que lhe cabe, participando efetivamente das ações e tomadas de decisões juntamente com os gestores públicos. Para isso, é preciso empoderar esses moradores de suas habilidades sociais, bem como torná-las partícipes do processo político vigente, conscientizando-as de que a política não se trata de meras conjunturas partidárias, mas sim de ações e deliberações intrínsecas aos seus direitos constitucionais.

Foram muitas as diretrizes sobre turismo e patrimônio de Pinhais sugeridas pelos participantes, tais como, construção de praças para maior integração entre os moradores, incentivo ao turismo rural e gastronômico rural (como a implantação de cafés coloniais), festa do pinhão no inverno, construção de museus, turismo pedagógico nas escolas, entre outras sugestões que poderiam ser devidamente acolhidas e desenvolvidas pela gestão do município.

Podemos inferir, portanto, que o pensar turismo, através de uma perspectiva crítica, como sugerido por autores como Santos Filho (2005), Panosso Netto e Nechar (2016) permite enxergar, sensivelmente, nas narrativas desses moradores, possibilidades reais de implantação de políticas públicas do turismo e patrimônio que contemplem todas as identidades. Inclusive, as narrativas da professora Nará, do professor Clone e do cacique Kretã Kaingang apontam para uma perspectiva decolonial dessas possíveis diretrizes políticas.

É preciso, apenas, que aqueles que estão nos espaços de decisão promovam iniciativas para dar poder às vozes subalternizadas, isto é, àquelas vozes que não costumam ser ouvidas e que, em sua maioria, são compostas por um grupo da sociedade que é subjugada por uma classe dominante (SPIVAK, 2010).

A memória está dada e a provocação lançada. Todas as vozes precisam e devem ser ouvidas. É tempo de ousar e ressignificar, mas para que isso ocorra plenamente, é preciso coragem e vontade por parte daqueles que detêm as decisões político-sociais nas mãos.

5 APORTANDO ALÉM DAS ÁGUAS

Quando Ecléa Bosi (1994) escreve que as narrativas orais são capazes de transformar quem as escutam, a autora traduziu, perfeitamente, o que a mim ocorreu. A cada encontro, a cada memória vertida, a cada história ouvida, eu era transformada pela magia da experiência de vida de cada um dos participantes. O fato de ter mergulhado nas memórias dos entrevistados, inspirada pelos autores e pensadores discutidos ao longo dessa dissertação, proporcionou que eu pudesse realizar o trabalho de campo de modo mais reflexivo e isso contribuiu com efeito para o processo de pesquisa, não apenas quando das percepções dos entrevistados, mas das minhas próprias percepções enquanto pesquisadora.

Nesse aspecto, do ponto de vista teórico, é válido considerar que esse estudo contribui, principalmente, para a ampliação da pesquisa no campo de turismo e da sociedade, especialmente quando da abordagem filosófica outrora percorrida e que, por sua vez, aponta para uma perspectiva crítica e decolonial do pensar o patrimônio e o turismo.

Não existe apenas uma forma de pensar o turismo. Para descolonizar o pensamento é preciso exercitar o preceito da alteridade, ou seja, acolher a possibilidade do diferente para então perceber as suas sutilezas. Nesse sentido, penso que a filosofia pode ser um trunfo quando se deseja romper com o entendimento normativo do fenômeno turístico.

De todo modo e não fugindo a regra, houve fatores que dificultaram – e muito – o processo científico da pesquisa como, por exemplo, a escassez de documentos históricos e literaturas sobre o município de Pinhais, dada sua recente emancipação política. Das limitações existentes, a maior delas, certamente, foi o fato de estar realizando a pesquisa justamente no período dos dois anos em que a humanidade foi assolada pela trágica pandemia de COVID-19.

Não foi fácil ter que lidar com o medo de um inimigo desconhecido e precisar estar com a mente focada na pesquisa, ao mesmo tempo. Além disso, a pandemia acabou não permitindo utilizarmos da estrutura de pesquisa oferecida pela Universidade, como salas de aula, laboratórios e bibliotecas, o que prejudicou bastante os estudos iniciais. Contudo, agradeço à ciência por ter descoberto a vacina que, além de salvar milhares de vidas, permitiu que nós pudéssemos, enfim, voltar a

nos relacionar socialmente e desse modo, permitir realizar encontros pessoais com os entrevistados.

Não houve hesitação por parte de nenhum dos convidados entrevistados em participar dessa pesquisa para que contassem suas memórias e histórias de vida. Pelo contrário, a plena receptividade dos participantes me comoveu profundamente, e me proporcionou ter uma das mais lindas experiências já vividas.

Cada morador entrevistado deixou uma marca importante em minha memória, através do nosso encontro e de suas narrativas orais de vida. A Carla com sua gentileza, e a sua mãe Luiza, que poderia ser considerada um patrimônio de Pinhais por toda sua história de vida; a querida Nará, que transborda sabedoria tal qual seus escritos; a Simone com sua alegria e simpatia; a Regina em toda sua franqueza; O Leonardo em sua graciosa sensibilidade; o Clone com sua potência cultural a qual me transportou pra minha terra natal; o Kretã Kaingang com sua força ancestral...

A particularidade e, ao mesmo tempo, a pluralidade em que se inserem todas essas narrativas tornam esse grupamento de memórias e percepções uma rica fonte de sabedoria, a qual vale a pena se debruçar para refletir e se utilizar para elaborar inúmeras ações. E aí está dada uma das principais contribuições práticas dessa pesquisa.

A perspectiva territorial originária do cacique Kretã Kaingang, por exemplo, me fez ter um novo olhar sobre o lugar onde eu vivo. Compreender que a identidade territorial, como Kretã pontua, vai para além das fronteiras artificiais que dividem territórios é libertador, no sentido, de pautar e elaborar ações para o turismo e para o patrimônio da região. Ainda que essas fronteiras sejam necessárias para uma melhor organização político-administrativa do município – e isso ficou muito evidente na narrativa dos moradores, quando atribuíram o avanço do desenvolvimento de Pinhais à sua emancipação – as políticas direcionadas ao turismo e ao patrimônio não precisam estar necessariamente atreladas à essa condicionante.

Podemos notar iniciativas que tentam caminhar nessa direção, como por exemplo, as Rotas do Pinhão (ADETUR) que busca realizar um turismo integrado com toda a Região Metropolitana de Curitiba, mas infelizmente, percebemos a fragilidade de sua constituição e execução, frente a precariedade de informação oferecida sobre o projeto, além da sua insistente abordagem de apelo colonialista, a qual não contempla todas as identidades locais.

Praticar esse olhar holístico sobre o território e propor um turismo verdadeiramente integral contribui, inclusive, para uma perspectiva decolonial do turismo e do patrimônio, e permite pautar esses elementos dentro da sua aptidão maior que é social, cultural e ambiental. Nesse sentido, penso que para a realidade do município de Pinhais, o Departamento de Turismo teria melhor função para o município, se vinculado à Secretaria de Cultura, visto que o propósito do turismo de Pinhais de acordo com a percepção dos seus próprios moradores, parte prioritariamente da sua vocação sociocultural, antes da sua vocação econômica.

Ainda que existam ações por parte da gestão pública de Pinhais em convocar os moradores a participarem de determinadas elaborações de projetos dentro de suas dependências – como eu já fui convidada, por vezes – se faz interessante, também, que, a Prefeitura e órgãos competentes tenham o interesse em ir até o encontro desses moradores, através de suas reuniões, associações, entre outros. Tal como eu fui muito bem recebida por esses moradores em suas dependências, certamente, a prefeitura também será bem acolhida caso realize ações semelhantes.

As percepções patrimoniais dos moradores de Pinhais, em interface com suas identidades e memórias, se revelam consistentes, determinantes, propositivas e plurais; e são sobre esses preceitos que se deve pautar o turismo do município. Mas, para trilhar esse caminho é necessário conhecer as diretrizes que podemos extrair dessas narrativas.

Por esse motivo, as elucubrações e discussões então realizadas, não se encerram nessa pesquisa de dissertação. Muitas são as críticas e os apontamentos que se pode lograr dessas percepções descritas e que indicam diversos caminhos de novas descobertas que aportam para além das águas que outrora navegamos.

Desse modo, finalizo com as palavras do meu admirado conterrâneo, que em sua sabedoria filosófica, científica e humana afirmou:

A memória olha para o passado. A nova consciência olha para o futuro. A consciência *pelo lugar* se superpõe à consciência *no lugar*. A noção de espaço desconhecido perde a conotação negativa e ganha um acento positivo, que vem do seu papel na produção da nova história (SANTOS, 2006, p. 224).

REFERÊNCIAS

ABREU, R.; CHAGAS, M. **Memória e Patrimônio: Ensaio Contemporâneos**. 2. ed. ed. Rio de Janeiro: Lamparina Editora, 2009.

ALCOBIA, O. et al. Fenomenologia nas pesquisas em turismo: análise das dissertações dos programas de pós-graduação no Brasil. **Revista de Turismo Contemporâneo**, v. 6, n. 2, p. 270–290, 2018.

ASSMANN, S. J. **Filosofia e Ética**. 3. ed. rev. atual. Florianópolis: Departamento de Ciências da Administração / UFSC; Brasília: CAPES: UAB, 2014. 162p.

ASSUNÇÃO, P. DE. **História do Turismo no Brasil entre os séculos XVI e XX: viagens, espaço e cultura**. 1. ed. Barueri/SP: Manole, 2012.

BACHELARD, G. **A filosofia do não; O novo espírito científico; A poética do espaço: seleção de textos de José Américo Motta Pessanha**. Traduções: Joaquim José Moura Ramos (et al.) — São Paulo: Abril Cultural, 1978

BATISTA, L. L.; RODRIGUES, Carla Daniela Rabelo; BRIZANTE, Janaína Gerales; FRANCHESCI, Reginaldo. **Aspectos cognitivos da percepção na propaganda**. Ciências & Cognição 2008; Vol. 13 (3): p. 137-150, 2008.

BERGSON, H. **Matéria e Memória: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes Editora Ltda., 1999.

BERGSON, H. **Memória e Vida**. São Paulo: Tradução: Claudia Berliner. Martins Fontes Editora Ltda., 2006.

BONI, V.; QUARESMA, J. Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais. **Revista Eletrônica dos Pós-graduandos em Sociologia Política da UFSC**, v. 2, n. 1, p. 68-80, 2005.

BOSI, E. **Memória e Sociedade: Lembranças de Velho**. 3. ed.: Companhia das

Letras. São Paulo, 1994.

BOURDIEU, P. **O Poder Simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

BRASIL. Congresso. Câmara dos Deputados. Centro de Documentação e Informação. **Quadro histórico dos dispositivos constitucionais: artigo 216 da Constituição Federal de 1988**. Disponível em: <<https://www.jusbrasil.com.br/topicos/10647933/artigo-216-da-constituicao-federal-de-1988>>. Acesso em: junho de 2022.

BRITO, M. DA C. E. DE. **Poemas Malungos – Cânticos Irmãos**. [s.l.] Universidade Federal Fluminense, 2011.

BRUSADIN, L. B. **A dinâmica do patrimônio cultural e o Museu da Inconfidência em Ouro Preto (MG)**. 211 p. Tese (Doutorado em História) – Faculdade de Direito, História e Serviço Social, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Franca, 2011.

CAÑADA, E.; MURRA, I. **Turistificación Global: Perspectivas críticas en turismo**. Barcelona: Icaria Antrazyt, 2019.

CANDAU, J. **Memória e Identidade**. 1. ed. São Paulo: Editora Contexto, 2012.

CARVALHO, T. V. R. DE. **O Silêncio sobre o negro na construção da identidade de Curitiba: Memória e Esquecimento**. [s.l.] Universidade Federal do Paraná, 2016.

CHAMBERS, D.; BUZINDE, C. Tourism and decolonisation: Locating research and self. **Annals of Tourism Research**, v. 51, p. 1–16, 2015.

CHOAY, F. **Alegoria do Patrimônio**. 3. ed. Lisboa: Edições 70, 1999.

CORRAL, O. N.; FERNÁNDEZ FERNÁNDEZ, J. La gestión patrimonial desde la responsabilidad social. **PASOS. Revista de Turismo y Patrimonio Cultural**, v. 17, n. 2, p. 285–298, 2019.

CRESWELL, J. W. Revisão de Literatura. *In: Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto*. 3 ed. Porto Alegre: Artmed, 2010, p.48-75.

DEMO, P. **Metodologia Científica em Ciências Sociais**. São Paulo: Atlas, 1995.

DENCKER, A. DE F. M. **Métodos e Técnicas de Pesquisa em Turismo**. 3 ed. São Paulo: Futura, 2000.

DEZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. (Orgs). **O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2006, 432 p.

DESLAURIERS, J. P.; KÉRISIT, M. O delineamento da pesquisa qualitativa. *In: A pesquisa qualitativa: Enfoques epistemológicos e metodológicos* (p. 127-153). Petrópolis: Vozes, 2014.

DZIEKANIAK, G., ROVER, A. Sociedade do Conhecimento: características, demandas e requisitos. DataGramaZero – **Revista de Informação**. v.12, n.5, 2011. Disponível em: <http://www.brapci.inf.br/index.php/article/download/18811>

ENDO, A. C. B.; ROQUE, M. A. B. **Atenção, Memória e percepção: uma análise conceitual da Neuropsicologia aplicada à propaganda e sua influência no comportamento do consumidor**. Intercom – RBCC, v.40, n.1, p. 77 - 96 São Paulo, 2017.

EWING, A. C. **As Questões Fundamentais da Filosofia**. Rio de Janeiro: Zahar, 1984.

FARIA, J. H. de. **Epistemologia em Estudos Organizacionais: uma introdução**. Curitiba: EPPEO, 2021. Material Didático.

FEIJÓ, G. V. A Análise Crítica de Narrativa na Interpretação de Narrativas Orais. **Investigação Qualitativa em Ciências Sociais**, v. 3, p. 500–511, 2017.

FERREIRA, H. C. H.; OLIVEIRA, M. A. S. A. DE. Memória, identidade e gastronomia: turismo como alternativa de desenvolvimento local para “populações tradicionais” em unidades de conservação. **RITUR - Revista Iberoamericana de Turismo**, v. 9, n. número especial, p. 170–190, 2019.

FERREIRA, MARIETA DE MORAES; FERNANDES, TANIA MARIA; ALBERTI, V. **História Oral: Desafios Para o Século XXI**. [s.l: s.n.].

FERREIRA, M. R. **Degustando lembranças: os sabores e a conformação de vínculo com o lugar** [recurso eletrônico]. Tese - Universidade Federal do Paraná. Setor de Ciências da Terra. Programa de Pós-Graduação em Geografia. Curitiba, 2020.

FEYERABEND, P. **Contra o Método**. 02. ed.: LIVRARIA FRANCISCO ALVES S.A. Rio de Janeiro, 1977.

FLICK, U. **Introdução à pesquisa qualitativa**. 3 ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.

FONSECA, M. C. L. **O Patrimônio em processo: trajetória da política federal de preservação no Brasil**. 3. ed. Rio de Janeiro: UFRJ, 2009.

FORMICK, G. R. Objeto de Estudo ou Sujeito de Diálogo? **Revista TEL**, v. 13, n. 1, p. 185–199, 2022.

FORTES, P. H. R. **Indígenas Na Cidade : Uma Análise Histórica e Etnográfica da Presença Kaingang em Curitiba**. [s.l.] Universidade Federal do Paraná, 2020.

FREIRE, P. **Educação Como Prática de Liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.

FREIRE, Paulo. **Política e Educação: ensaios** / Paulo Freire. 5. ed – Cortez editora, São Paulo, 2001. (Coleção Questões de Nossa Época; v.23).

GIL, A. C. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 6. ed. São Paulo: Editora Atlas, 2008.

GONÇALVES, J. R. S. O patrimônio como categoria de pensamento. ABREU, R.; CHAGAS, M. (Orgs). *In: Memória e Patrimônio: Ensaio Contemporâneo* (2. ed.). Rio de Janeiro: Lamparina Editora, 2009.

GROULX, L. Contribuição da pesquisa qualitativa à pesquisa social (p. 95-126). *In: A pesquisa qualitativa: Enfoques epistemológicos e metodológicos*. Petrópolis: Vozes, 2014.

GROSFOGUEL, R. The epistemic decolonial turn: Beyond political-economy paradigms. **Cultural Studies**, v. 21, n. 2–3, p. 211–223, 2007.

GROSFOGUEL, R. A estrutura do conhecimento nas universidades ocidentalizadas: racismo/sexismo epistêmico e os quatro genocídios/epistemicídios do longo século XVI. **Revista Sociedade e Estado**. Traduzido por Fernanda Miguens, Maurício Barros de Castro e Rafael Maieiro. Revisão: Joaze Bernardino Costa., vol.31, n.1, p. 25-49. 2016.

GUILLAUME, M. **A Política do Patrimônio**. Porto: Campo das Letras - Editores, S.A, 2003.

HAHN, H.; NEURATH, O.; CARNAP, R. A CONCEPÇÃO CIENTÍFICA DO MUNDO - O CIRCULO DE VIENA. **Cadernos de História e Filosofia da Ciência**, v. 10, n. 1, p. 05–20, 1989.

HALBWACHS, M. **A Memória Coletiva**. São Paulo: Editora Revista dos Tribunais Ltda, 1990.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HERÉDIA, V. B. M. Turismo, Memória E Planejamento: O Patrimônio Cultural De Antônio Prado-Rs (Brasil). **Revista Rosa dos Ventos - Turismo e Hospitalidade**, v. 12, n. 1, p. 192–209, 2020.

HINTELHOLHER, R. M. A. Identidad y diferenciación entre Método y Metodología. **Revista Estudios Políticos**, vol. 9, n. 28, enero-abril, p. 81-103 Universidad Nacional Autónoma de México, 2013.

HUSSERL, E. **A Ideia da Fenomenologia**. Tradução: Artur Morão. Edições 70. Lisboa, 1990.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Brasileiro viaja pouco, costuma ir de carro ou ônibus e ficar na casa de parentes ou amigos**. Agência IBGE Notícias. Rio de Janeiro, 2020. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/28567-brasileiro-viaja-pouco-costuma-ir-de-carro-ou-onibus-e-ficar-na-casa-de-parentes-ou-amigos>. Acesso em: agosto de 2022.

IPHAN – INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL. **Memória e Educação: cadernos de ensaios**. Paço Imperial. Rio de Janeiro, 2008. 152 p.

KRENAK, Ailton. **Ideias para Adiar o Fim do Mundo**. Editora: Companhia das Letras, São Paulo, 2019.

LANDER, E. Ciências sociais: saberes coloniais e eurocêtricos. Perspectivas latino-americanas. In: LANDER, Edgardo (org). **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais**. Colección Sur Sur, CLACSO, Ciudad Autónoma de Buenos Aires, Argentina. Setembro, 2005.

LAPERRIÈRE, A. Os critérios de cientificidade dos métodos qualitativos. In: POUPART, J., DESLAURIERS, J., GROULX, L., LAPERRIÈRE, A., MAYER, R., PIRES, A. P. **A pesquisa qualitativa: Enfoques epistemológicos e metodológicos**. Petrópolis: Vozes, 2014.

LAZZARI, I. R.; ROSA, D. W. DA. Alteridade e Identidade Cultural na Pós-Modernidade. **Anuário Pesquisa e Extensão Unoesc Joaçaba**, v. 2, 2017.

LEAL, H. M. Paul Feyerabend e Contra o Método: quarenta anos do início de uma provocação. **Cadernos IHU ideias**. Universidade do Vale do Rio dos Sinos – Instituto Humanitas Unisinos. Ano 14, v. 14, n. 237, São Leopoldo: Universidade do Vale do Rio dos Sinos, 2016.

LE GOFF, J. **História e Memória**. Campinas: UNICAMP, 1990.

LIMA, M. O uso da entrevista na pesquisa empírica. *In*: **Métodos de pesquisa em Ciências Sociais: Bloco Qualitativo**. São Paulo: Sesc SP/CEBRAP, 2016.

MARTINS, C. (Org.). **Patrimônio cultural: da memória ao sentido do lugar**. São Paulo: Roca, 2006.

MARTINS, M. de F. M. **Estudos de revisão de literatura** (slides). Coordenação de Informação e Comunicação. Fiocruz, 2018.

MARX, K. **O Capital: crítica da economia política**. Livro primeiro. O processo de produção do capital. Tomo 2. Revisão: Paul Singer. Tradução: Regis Barbosa e Flávio R. Kothe. Editora Nova Cultural Ltda. São Paulo, 1996.

MARX, K. **A Miséria da Filosofia**. São Paulo: Editora Lafonte Ltda., 2018.

MEI DANIELLE, PIARDI STELA, MEI DANIELLE, PIARDI STELA, C. T. **Identidade Pinhais**. Org. R. DOS S. SILVA. TopGraf Ed. e gráfica, Curitiba, 2010.

MOESCH, M. M. **Epistemologia Social do Turismo**. [s.l.] USP, 2004.

MORIN, E. **Ciência com consciência**. tradução de Maria D. Alexandre e Maria Alice Sampaio Dória. - Ed. revista e modificada pelo autor - 8ª ed. - Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

MOTTA, L. G. **Análise Crítica da Narrativa**. Brasília: Editora UNB, 2013.

MOTTA-ROTH, D.; HENDGES, G. H. **Produção textual na universidade**. Revisão: Marcos Bagno. Parábola Editorial, São Paulo, 2010.

NAGABE, F. Dinâmicas Globalizadas no Campo: usos turísticos do patrimônio cultural. *In*: PELEGRINI, S.; NAGABE, F.; PINHEIRO, A. da P. **Turismo e Patrimônio em Tempos de Globalização**. Campo Mourão: FECILCAM, 2010.

NITSCHKE, L. B.; TELES, M. A. Turismo e desenvolvimento regional: reflexões sobre a Região Metropolitana de Curitiba. **V seminário ANPTUR**, 2008.

OLIVEIRA, M. A. S. A. DE. Memória e identidade em processos de turistificação de lugares: o caso do Cais do Valongo (RJ - Brasil). **Patrimônio e Memória**, v. 14, n. 2, p. 49–74, 2018.

OLSEN, W. **Coleta de dados: Debates e métodos fundamentais em pesquisa social**. Porto Alegre: Penso, 2015.

PANOSSO NETTO, A. **Filosofia do Turismo: Teoria e Epistemologia**. São Paulo: Atlas, 1999.

PANOSSO NETTO, A., CASTILHO NECHAR, M. Epistemologia do turismo: escolas teóricas e proposta crítica. **Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo**. São Paulo, 8(1), (pp.120-144), 2014.

PANOSSO NETTO, ALEXANDRE; NECHAR, M. C. **Turismo: Perspectiva Crítica**. São Paulo: Triunfal Gráfica e Editora, 2016.

PARANÁ, Viaje. **Rotas do Pinhão**. Disponível em: <<https://www.viajeparana.com/Rotas-do-Pinhao>>. acesso em: 04 de outubro de 2022.

PELEGRI, S.; FUNARI, P. P. **O que é Patrimônio Cultural e Imaterial**. São Paulo: Editora Brasiliense, 2013.

PELEGRI, S.; NAGABE, F.; PINHEIRO, Á. DA P. **Turismo e Patrimônio em Tempos de Globalização**. Campo Mourão: FECILCAM, 2010.

PERAZZO, P. F. Narrativas Oraís de Histórias de Vida. **Comunicação & Inovação**, v. 16, n. 30, p. 121–131, 2015.

PINHAI, Prefeitura Municipal. **Inventário da Oferta Turística de Pinhais**. Secretaria Municipal de Desenvolvimento Econômico. Departamento de Eventos e Turismo, 2021.

PINHAI, Prefeitura Municipal. **Patrimônio Histórico**. Disponível em: <<https://pinhais.atende.net/cidadao/pagina/patrimonio-historico-antigo>>. Acesso em: 01 de setembro de 2022a.

PINHAI, Prefeitura Municipal. **Legislação Municipal de Pinhais**. Publicado em agosto de 2010. Disponível em: <<https://leismunicipais.com.br/a1/pr/p/pinhais/decreto/2010/121/1207/decreto-n-1207-2010-institui-o-roteiro-turistico-estrada-ecologica-a-fim-de-desenvolver-o-potencial-turistico-e-divulgar-o-municipio?q=roteiro+tur%C3%ADstico+estrada+ecol%C3%B3gica>>. Acesso em: 02 de setembro de 2022b.

PINHAI, Prefeitura Municipal. **Como visitar as cervejarias**. Disponível em: <<https://pinhais.atende.net/cidadao/pagina/como-visitar-as-cervejarias>>. Acesso em: 04 de setembro de 2022c.

PINHAI, Prefeitura Municipal. **Legislação Municipal de Pinhais**. Publicado em junho de 2017. Disponível em: <<https://leismunicipais.com.br/a1/pr/p/pinhais/lei-ordinaria/2017/184/1834/lei-ordinaria-n-1834-2017-institui-a-rota-da-cerveja-artesanal-de-pinhais-como-medida-de-estimulo-ao-desenvolvimento-local-sustentavel?q=rota+da+cerveja>>. Acesso em: 04 de setembro de 2022d.

PINHAIS, Prefeitura Municipal. **Pinhais lança o Mapa Turístico do município.** Disponível em: <<https://pinhais.atende.net/cidadao/noticia/pinhais-lanca-o-mapa-turistico-do-municipio>>. Acesso em: 05 de setembro de 2022e.

PINHAIS, Prefeitura Municipal. **Ciclorrota Nascentes do Iguaçu é lançada com passeio ciclístico.** Disponível em: <<https://pinhais.atende.net/cidadao/noticia/ciclorrotas-nascentes-do-iguacu-e-lancada-com-passeio-ciclistico>>. Acesso em: 14 de setembro de 2022f.

PINHAIS, Prefeitura Municipal. **Legislação Municipal de Pinhais.** Publicado em 13 de junho de 2019. Disponível em: <<https://leismunicipais.com.br/a1/pr/p/pinhais/lei-ordinaria/2019/211/2103/lei-ordinaria-n-2103-2019-institui-a-ciclorrota-nascentes-do-iguacu-no-municipio-de-pinhais?q=ciclorrota+nascentes+do+iguacu>>. Acesso em: 14 de setembro de 2022g.

PINHAIS, Prefeitura Municipal. **Parque das Águas de Pinhais comemora 3 anos.** Disponível em: <<https://pinhais.atende.net/cidadao/noticia/parque-das-aguas-de-pinhais-comemora-3-anos>>. Acesso em: 14 de setembro de 2022h.

PINHAIS, Prefeitura Municipal. **Pinhais é nova cidade integrante da ADETUR Rotas do Pinhão.** Disponível em: <<https://pinhais.atende.net/cidadao/noticia/pinhais-e-nova-cidade-integrante-da-adetur-rotas-do-pinhao>>. Acesso em: 14 de setembro de 2022i.

PINHAIS, Prefeitura Municipal. **Legislação Municipal de Pinhais.** Publicado em 15 de junho de 2022. Disponível em: <<https://leismunicipais.com.br/a1/pr/p/pinhais/lei-ordinaria/2022/266/2652/lei-ordinaria-n-2652-2022-autoriza-o-repasse-de-contribuicao-anual-a-adetur-agencia-de-desenvolvimento-turistico-rotas-do-pinhao?q=rotas+do+pinhao>>. Acesso em: 14 de setembro de 2022j.

PINHAIS, Prefeitura Municipal. **Prefeitura cria a Rota Gastronômica de Pinhais.** Disponível em: <<https://pinhais.atende.net/cidadao/noticia/prefeitura-cria-a-rotagastronomica-de-pinhais>>. Acesso em: 01 de setembro de 2022k.

PINHAIS, Prefeitura Municipal. **Legislação Municipal de Pinhais**. Publicado em 22 de fevereiro de 2022. Disponível em: <<https://leismunicipais.com.br/a1/pr/p/pinhais/decreto/2022/19/183/decreto-n-183-2022-cria-e-regulamenta-a-rota-gastronomica-no-municipio-de-pinhais-e-da-outras-providencias?q=rota+gastronomica>>. Acesso em: 15 de setembro de 2022l.

PINHAIS, Prefeitura Municipal. **Legislação Municipal de Pinhais**. Publicado em 09 de julho de 2022. Disponível em: <<https://leismunicipais.com.br/a1/pr/p/pinhais/lei-ordinaria/2009/100/992/lei-ordinaria-n-992-2009-institui-o-conselho-municipal-do-turismo-o-fundo-municipal-de-turismo-e-da-outras-providencias?q=fica+institu%C3%ADdo+a+cria%C3%A7%C3%A3o+do+departamento+de+turismo>>. Acesso em: 15 de setembro de 2022m.

PINHAIS, Prefeitura Municipal. **Prefeitura credencia os primeiros estabelecimentos da Rota Gastronômica**. Disponível em: <<https://pinhais.atende.net/cidadao/noticia/prefeitura-credencia-os-primeiros-estabelecimentos-da-rota-gastronomica>>. Acesso em: 16 de setembro de 2022n.

POLLAK, M. **Memória e Identidade Social: Estudos históricos**. v. 5, n.10 ed. Rio de Janeiro, 1992.

POUPART, J., DESLAURIERS, J., GROULX, L., LAPERRIÈRE, A., MAYER, R., PIRES, A. P. **A pesquisa qualitativa: Enfoques epistemológicos e metodológicos**. Petrópolis: Vozes, 2014.

RIBEIRO, Djamila. **O que é lugar de fala?** Letramento (Feminismos Plurais). Belo Horizonte, 2017. 112 p.

ROSSI, M. F. **Degustando Lembranças: os Sabores e a Conformação de Vínculo com o Lugar**. Tese. [s.l.] UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ, 2020.

SAMPAIO, C. A. C. Turismo como Fenômeno Humano: princípios para pensar a ecossocioeconomia do turismo e sua prática sob a denominação turismo comunitário. **Revista Turismo em Análise**. 18 (2), p. 148-165., 2007.

SANTOS FILHO, J. DOS. **Ontologia do Turismo**. Caxias do Sul: EDUCS - Editora da Universidade de Caxias do Sul, 2005.

SANTOS FILHO, J. DOS. Ensaio Crítico sobre Pós-Turismo. **ROSA DOS VENTOS - Turismo e Hospitalidade**, v. 3, n. 3, p. 393–420, 2011.

SANTOS, M. **A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção**. 4. ed. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2006.

SEIXAS, Raul. Metamorfose Ambulante. Álbum: **Krig-ha, Bandolo!** Gravadora Phillips Records, faixa 3 (3'50"). Rio de Janeiro, 1973.

SCHWANDT, T. A. Três posturas epistemológicas para a investigação qualitativa: Interpretativismo, hermenêutica e construcionismo social (p. 193-218). *In*: DENZIN, N. K., & LINCOLN, Y. S. (2006). **O planejamento da pesquisa qualitativa: Teorias e abordagens**. Porto Alegre: Artmed, 2006.

SOUZA, S. DO R. DE. **O Patrimônio Histórico da Lapa como Representação Social: Algumas relações entre a Geografia e o Turismo**. Tese de Doutorado – Curitiba: Universidade Federal do Paraná, 2011.

SIANI, S. R.; CORREA, D. A.; LAS CASAS, A. L. Fenomenologia, Método Fenomenológico e Pesquisa Empírica: O Instigante Universo da Construção de Conhecimento Esquadrinhada na Experiência de Vida. **Revista de Administração da Unimep**, v. 14, n. 1, p. 193–219, 2016.

SILVA, A. P. et al. “Conte-me sua história”: Reflexões sobre o método de história de vida. **Mosaico. Estudos em Psicologia**, v. 1, n. 1, p. 25–35, 2007.

SILVA, J. O. C. DA. Amartya Sen “ Desenvolvimento como Liberdade ”. **Faculdade de Economia do Porto**, p. 75, 2006.

SPIVAK, G. C. **Pode o Subalterno Falar?** Tradução: ed. Belo Horizonte: UFMG, 2010.

STAKE, R. E. **Pesquisa Qualitativa: estudando como as coisas funcionam.** (p. 21-45). Porto Alegre: Penso, 2011.

STONE, L. Prosopografia. **Revista de Sociologia e Política**, v. 19, n. 39, p. 115–137, 2011.

TAVARES, S.; ROSA, C. Identidade dialógica, alteridade e afetividade. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 35, p. 1–6, 2019.

TRAPP-FALLON, J. M. Searching for rich narratives of tourism and leisure experience: How oral history could provide an answer. **Tourism and Hospitality Research**, v. 4, n. 4, p. 297–305, 2002.

TRIBE, J. Knowing about tourism: epistemological issues. In GOODSON, L. (Ed.), PHILLIMORE, J. (Ed.) **Qualitative research in tourism: ontologies, epistemologies and methodologies** (p. 46-62). London: Routledge, 2004.

TUAN, Y.-F. **Topofilia: um estudo da percepção, atitudes, e valores do meio ambiente.** tradução: ed. Londrina: Eduel, 2012.

URRY, J. **O Olhar do Turista: lazer e viagens nas sociedades contemporâneas.** 3. ed. São Paulo: Studio Nobel: SESC, 2001.

VALDUGA, V. **RAÍZES DO TURISMO NO TERRITÓRIO DO VINHO: BENTO GONÇALVES E GARIBALDI - 1870 a 1960 (RS/BRASIL).** Tese. [s.l.] Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRS), 2011.

VALDUGA, V.; BRUSADIN, L.; BOTELHO, E. **Turismo e Patrimônio: Desafios e Tendências do Turismo e Patrimônio.** Anptur. Transmitido em 25 de junho de 2021.

[Webinar] (1h 40m 02s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ejoo3lft8CI&t=3662s>. Acesso em julho de 2021.

VEAL, A. J. **Metodologia de Pesquisa em Lazer e Turismo**. São Paulo: ALEPH, 2011.

WACHOWICZ, R. C. **História do Paraná**. 2. ed. Ponta Grossa: Editora UEPG, 2010.

WILLE, J. **A História do Autódromo Internacional em Pinhais**. Portal Memória Paranaense. Disponível em: <<https://memoriaparanaense.com.br/2022/06/11/a-historia-do-autodromo-internacional-em-pinhais/>>. Acesso em: 02 de setembro de 2022.

XAVIER, A. DE P. **Nos trilhos do tempo: história e memória de Pinhais**. Pinhais: Prefeitura Municipal de Pinhais, 2000.

YÁZIGI, E. **A Alma do Lugar: turismo, planejamento e cotidiano em litorais**. São Paulo: Pinsky Ltda, 2002.

YÁZIGI, E. **Civilização Urbana: Planejamento e Turismo**. São Paulo: Editora Contexto, 2003.

YIN, R. K. **Pesquisa qualitativa do início ao fim**. Porto Alegre: Penso, 2016.

ZHANG, C. X. et al. Politics of memories: Identity construction in museums. **Annals of Tourism Research**, v. 73, n. November 2017, p. 116–130, 2018.

APÊNDICES

APÊNDICE I: Guia para Entrevista

DADOS DO ENTREVISTADO

Nome do entrevistado: _____

Data da entrevista: ____ / ____ / ____ Local da entrevista: _____

QUESTÕES NORTEADORAS PARA DESENVOLVIMENTO DA ENTREVISTA

Observação: Os textos em itálico se referem aos objetivos de cada questão; as questões não se encerram em si mesmas, já que a ideia é promover um diálogo.

1. Conte-me sobre a sua história e a sua relação com Pinhais e o que esse município representa para você. *Entender a visão que o entrevistado tem do município, a partir da sua própria história.*

2. Quais as lembranças mais importantes que você ou sua família tem de Pinhais?

Buscar as memórias afetivas que o entrevistado e sua família têm da região.

3. Apresentar imagens dos patrimônios tombados, pontos históricos e atrativos turísticos do município. Pergunta: Você conhece esses lugares? Costuma ir a esses lugares?

Verificar o grau de conhecimento e interação dos entrevistados com esses elementos.

4. Apresentar a rota da cerveja e o roteiro turístico sugerido pelo dpto de turismo do município.

Pergunta: Você conhece esse roteiro e/ou essa rota? Já realizou o roteiro ou participou da rota?

Verificar o grau de conhecimento e interação sobre o roteiro turístico e a rota da cerveja em Pinhais.

Características dos entrevistados:

- ☐ Nome (caso deseje revelar o nome)
- ☐ Idade
- ☐ Ocupação ou Profissão
- ☐ Tempo de residência em Pinhais
- ☐ Bairro em que mora no município
- ☐ Curiosidades

Considerações finais:

- ☐ Perguntar se o entrevistado ficou com alguma dúvida.
- ☐ Pedir autorização para fotografia e uso de imagem (somente se desejar).

Finalização e agradecimento:

- ☐ Agradecer e salientar que os resultados da pesquisa estarão à disposição do entrevistado(a); e em caso de dúvidas, entrar em contato com o pesquisador no telefone (41) 999 439 018.

APÊNDICE II:

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)

Prezada(o) participante,

Você está sendo convidada(o) a participar da pesquisa intitulada TURISMO E PATRIMÔNIO: PERCEPÇÕES DE MORADORES DE PINHAIS/PR EM INTERFACE COM SUAS IDENTIDADES E MEMÓRIAS, desenvolvida por Saroni Melo Pimentel, discente do Programa *Stricto Sensu* de Pós-Graduação em Turismo da Universidade Federal do Paraná (UFPR), sob orientação do Professor Dr. Sandro Carnicelli e co-orientação da Professora Dra. Marinês Walkowski.

Sobre o objetivo central

O objetivo central da pesquisa será perscrutar as percepções históricas e patrimoniais de moradores do município de Pinhais, através de suas identidades e memórias, e verificar como essas percepções se relacionam com o turismo do município.

Por que o participante está sendo convidado

O convite para sua participação se deve ao fato de a pesquisa contemplar moradores do município de Pinhais pertencentes a diversos grupos tais como indígenas, anciãs(os), gestores públicos, professores, estudantes, artesãs(os) e descendentes de imigrantes. Sua participação é estritamente voluntária, isto é, não existe obrigatoriedade, e você tem plena autonomia para decidir se deseja ou não participar, bem como retirar sua participação a qualquer momento. Não haverá penalidade em caso de desistência de sua participação. No entanto, em caso de desistência, a mesma deve ser solicitada antes da data de defesa da dissertação. Após a defesa não será mais possível retirar a entrevista cedida do documento. Contudo, afirmo de pronto que a sua participação é muito importante para a construção dessa pesquisa.

Mecanismos para garantir a confidencialidade e a privacidade

Caso desejar, serão garantidas a confidencialidade e a privacidade das informações por você prestadas. Qualquer dado que possa identificá-lo será omitido na divulgação dos resultados da pesquisa, e o material será armazenado em local seguro.

A qualquer momento, durante a pesquisa, ou posteriormente, você poderá solicitar ao pesquisador informações sobre sua participação e/ou sobre a pesquisa, o que poderá ser feito através dos meios de contato explicitados neste Termo.

Procedimentos detalhados que serão utilizados na pesquisa

A sua participação consistirá em responder perguntas de um roteiro semiestruturado de entrevista à pesquisadora do projeto.

A entrevista será gravada para que haja fidelidade de transcrição ao depoimento do entrevistado e para que o pesquisador possa recorrer às gravações quando necessário.

Tempo de duração da entrevista/procedimento/experimento

O tempo de duração da entrevista é de aproximadamente uma hora e meia.

Guarda dos dados e material coletados na pesquisa

As entrevistas serão transcritas e armazenadas, em arquivos digitais, mas somente terão acesso às mesmas a pesquisadora, o professor orientador e a professora orientadora. Ao final da pesquisa, todo material será mantido em arquivo, por pelo menos 2 anos, após esse prazo não será mais possível acessar o conteúdo.

Benefícios diretos ou indiretos aos participantes da pesquisa

O benefício de sua participação nesse estudo é o de contribuir para o campo da pesquisa científica, assim como o de contribuir para os futuros projetos sociais e culturais que porventura a pesquisa possa engendrar através de seus resultados.

Previsão de riscos ou desconfortos

Toda pesquisa pode conter riscos potenciais, em maior ou menor grau, de acordo com o objeto de pesquisa, seus objetivos e a metodologia escolhida. Essa pesquisa, em particular, pode provocar risco de constrangimento durante a entrevista ou observação e, principalmente, pode provocar constrangimento quando da interpretação da

pesquisadora sobre o conteúdo da entrevista a qual estará descrita no corpo do texto dissertativo.

Sobre divulgação dos resultados da pesquisa

Os resultados da pesquisa serão divulgados na banca de defesa, palestras, artigos científicos e na própria dissertação que será disponibilizada na Biblioteca Municipal de Pinhais.

Observação:

Em caso de dúvida quanto à condução ética do estudo, entre em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa da Univates (Coep/Univates). O Comitê de Ética é a instância que tem por objetivo defender os interesses dos participantes da pesquisa em sua integridade e dignidade e para contribuir no desenvolvimento da pesquisa dentro de padrões éticos. Dessa forma o comitê tem o papel de avaliar e monitorar o andamento do projeto de modo que a pesquisa respeite os princípios éticos de proteção aos direitos humanos, da dignidade, da autonomia, da não maleficência, da confidencialidade e da privacidade.

Contatos: (51) 3714.7000; e-mail: coep@univates.br

Local/Data

Nome e assinatura do pesquisador

Contatos: (41) 999 439 018; e-mail: saronimel@gmail.com

Declaro que entendi os objetivos e condições de minha participação na pesquisa e concordo em participar.

Nome e assinatura do participante

ANEXOS

ANEXO I:

Bens Tombados e em Processo de Tombamento pelo IPHAN no Paraná⁴³

BENS TOMBADOS E PROCESSOS DE TOMBAMENTO EM ANDAMENTO - PARANÁ (Atualização: 17/11/2017)											
LOCALIZAÇÃO DO BEM			INFORMAÇÕES SOBRE O BEM			DADOS DO PROCESSO			DADOS DO TOMBAMENTO		
R	UF	MUNICÍPIO	Classificação (relacionada à forma de proteção)	Nome atribuído	Número Processo "T"	Ano de abertura	Situação	Arqueológico, etnográfico e paisagístico	Histórico	Belas Artes	Artes Aplicadas
S	PR	Guaratuba	Edificação e Acervo	Igreja Matriz de Guaratuba	21	1938	TOMBADO			abr-38	
S	PR	Lapa	Edificação e Acervo	Igreja Matriz da Lapa	21	1938	TOMBADO			abr-38	
S	PR	Lapa	Edificação	Casa do Coronel Joaquim Lacerda	29	1938	TOMBADO			abr-38	
S	PR	Curitiba	Coleção ou acervo	Museu Coronel David Carneiro: coleção etnográfica, arqueológica, histórica e artística	40	1938	TOMBADO	fev-41	fev-41	fev-41	
S	PR	Paranaguá	Edificação	Colégio dos Jesuítas	101	1938	TOMBADO		mai-38	mai-38	
S	PR	Lapa	Edificação	Casa de Câmara e Cadeia	106	1938	TOMBADO		mai-40		
S	PR	Tibagi	Conjunto Rural	Fazenda Fortaleza	107	1938	INDEFERIDO				
S	PR	Lapa	Edificação	Casa à Rua Francisco Cunha	108	1938	TOMBADO			abr-38	
S	PR	Curitiba	Coleção ou acervo	Museu Paranaense: coleção etnográfica, arqueológica, histórica e artística	140	1938	TOMBADO	abr-41	abr-41	abr-41	
S	PR	Paranaguá	Edificação	Fortaleza de Nossa Senhora dos Prazeres	155	1938	TOMBADO		mai-38	mai-38	
S	PR	Paranaguá	Edificação	Residência dos Capitães Mores de Paranaguá	225	1940	INDEFERIDO				
S	PR	Campo Largo	Edificação e Acervo	Igreja de N.S. da Conceição ou Capela de Tamanduá	451	1951	TOMB. PROVIS.				
S	PR	Paranaguá	Edificação e Acervo	Igreja da Ordem Terceira de São Francisco das Chagas	455	1951	TOMBADO		fev-67		
S	PR	Paranaguá	Edificação e Acervo	Igreja de São Benedito	455	1951	TOMBADO		ago-67		
S	PR	Cláudio de Abreu	Edificação	Casa: (Casa construída pelo Dr. Maurício Faivre)	804	1968	INDEFERIDO				
S	PR	Curitiba	Infraestrutura ou equipamento urbano	Instalações de Água Potável	1056	1982	INSTRUÇÃO				
S	PR	Paranaguá	Conjunto Urbano	Conjunto Arquitetônico e Urbanístico da Cidade de Paranaguá	1097	1983	TOMBADO		nov-11		
S	PR	Paranaguá	Infraestrutura ou equipamento urbano	E.F. Paranaguá-Curitiba	1098	1983	INSTRUÇÃO				
S	PR	Curitiba	Edificação	Prédio do Antigo Paço Municipal, Atual Sede Do Museu Paranaense na Praça Generoso Marques	1116	1984	TOMBADO			out-84	
S	PR	Campo Largo	Conjunto Rural	Engenho do Mate, Atual Museu Do Mate Com Todo O Seu Acervo e O Terreno	1119	1984	TOMBADO		abr-85	abr-85	
S	PR	Lapa	Edificação	Teatro São João	1128	1984	TOMBADO			abr-85	
S	PR	Curitiba	Conjunto Arquitetônico	Conjunto de Residências construídas por imigrantes poloneses, no Bosque João Paulo II - Parque Memorial da Imigração Polonesa	1160	1985	INDEFERIDO				
S	PR	Castro	Conjunto Rural	Fazenda Capão Alto	1225	1987	INSTRUÇÃO				
S	PR	Paranaguá	Conjunto Urbano	Centro Histórico de Paranaguá	1261	1988	INDEFERIDO				
S	PR	Tomazina	Edificação e Acervo	Igreja: Matriz	1296	1989	INDEFERIDO				
S	PR	Lapa	Conjunto Urbano	Lapa, PR: conjunto arquitetônico e paisagístico	1309	1990	TOMBADO	ago-98	ago-98	ago-98	
S	PR	Curitiba	Edificação	Universidade Federal do Paraná	1325	1993	INDEFERIDO				
S	PR	Antonina	Conjunto Urbano	Centro Histórico de Antonina	1609	2010	TOMBADO	jan-13	jan-13		
S	PR	Londrina	Edificação	Antiga Rodoviária	1628	2011	INSTRUÇÃO				
S	PR	Londrina	Edificação	Cine Teatro Ouro Verde	1628	2011	INSTRUÇÃO				
S	PR	Vários	Conjunto Arquitetônico	Igrejas Ucrânicas do Paraná	1635	2011	INSTRUÇÃO				
S	PR	Foz de Iguaçu	Patrimônio Natural	Parque Nacional do Iguaçu	1679	2013	INDEFERIDO				
S	PR	São Mateus do Sul	Edificação e Acervo	Igreja da Água Branca	1766	2015	INSTRUÇÃO				

FONTE: portal.iphan.gov.br (2022)

⁴³ Para ter acesso ao documento na íntegra clique [aqui](#).

ANEXO II: Folder do Mapa Turístico de Pinhais



FONTE: Seção de Turismo de Pinhais – SEMDE (2022)